



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

MARIA CAROLINE MARMEROLLI TRESOLDI

**Crítica cultural como “esporte de combate”:  
notas sobre o ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo**

CAMPINAS  
2019

MARIA CAROLINE MARMEROLLI TRESOLDI

**Crítica cultural como “esporte de combate”:  
notas sobre o ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL  
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MARIA  
CAROLINE MARMEROLLI TRESOLDI E ORIENTADA  
PELA PROFA. DRA. MARIANA MIGGIOLARO CHAGURI

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

T725c Tresoldi, Maria Caroline Marmerolli, 1992-  
Crítica cultural como "esporte de combate" : notas sobre o ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo / Maria Caroline Marmerolli Tresoldi. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Mariana Miggiolaro Chaguri.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Schwarz, Roberto, 1938- - Crítica e interpretação. 2. Sarlo, Beatriz, 1942- - Crítica e interpretação. 3. Crítica. 4. Cultura. I. Chaguri, Mariana Miggiolaro. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Cultural critique as "combat sport" : notes on Roberto Schwarz and Beatriz Sarlo essayism

**Palavras-chave em inglês:**

Schwarz, Roberto, 1938- - Criticism and interpretation

Sarlo, Beatriz, 1942- - Criticism and interpretation

Crítica

Cultura

**Área de concentração:** Sociologia

**Titulação:** Mestra em Sociologia

**Banca examinadora:**

Mariana Miggiolaro Chaguri [Orientador]

Elide Rugai Bastos

Antonio da Silveira Brasil Junior

**Data de defesa:** 18-03-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Sociologia

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-8218-5181>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2961778778904207>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 18 de março de 2019, considerou a candidata Maria Caroline Marmerolli Tresoldi aprovada.

**Profa. Dra. Mariana Miggiolaro Chaguri**  
Universidade Estadual de Campinas

**Profa. Dra. Elide Rugai Bastos**  
Universidade Estadual de Campinas

**Prof. Dr. Antônio Da Silveira Brasil Júnior**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

*A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.*

CAMPINAS

2019

Em memória da *dona* Hilda Turazza Marmerolli e da  
*senhora* Marice Tresoldi, porque fizeram desses  
vocativos formas de luta e de coragem.

## Agradecimentos



A atividade intelectual é um artesanato que não se faz sozinho. Ainda que os erros, deslizes e equívocos presentes neste trabalho sejam da minha inteira responsabilidade, as ideias e as questões aqui levantadas contaram com a interlocução generosa e rigorosa de professores, pesquisadores, amigos e familiares que tornaram os últimos anos memoráveis. Mesmo que com lacunas, gostaria de registrar minha gratidão pelos que se fizeram presentes durante esse momento da minha formação.

Em primeiro lugar, importa observar que sem o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2016/02711-0), a dedicação integral à pesquisa não seria possível. Agradeço de modo especial à/ao parecerista anônimo, cuja leitura crítica e exigente do projeto inicial de pesquisa e dos relatórios científicos colaborou com o andamento e com desenvolvimento da investigação.

Durante a pesquisa de mestrado, tive o privilégio de entrevistar Beatriz Sarlo, Roberto Schwarz e Carlos Altamirano. Agradeço aos professores pela atenção, pela disponibilidade e pelas provocações, que me fizeram repensar caminhos e colocaram questões centrais para desdobrar argumentos. Entre os argentinos, expressei meus mais sinceros agradecimentos ao professor Alejandro Blanco. Seja nas rápidas conversas em Buenos Aires, em São Paulo, em Caxambu ou na estadia um pouco mais longa em Campinas, Alejandro se dispôs a ouvir, com muita paciência e sensibilidade, minhas dúvidas sobre o país vizinho, indicar percursos, pensar junto.

Por um lance de sorte na minha formação e trajetória acadêmica, quando estava rabiscando as linhas do meu primeiro projeto de pesquisa, encontrei em uma disciplina de sociologia da arte, de uma jovem professora promissora, uma acolhida generosa. Desde então, pude contar com a interlocução séria, rigorosa, dedicada, política e afetiva de Mariana Miggiolaro Chaguri, que orientou este e outros trabalhos. Sua paixão pela sociologia e seu entusiasmo pela troca intelectual são fontes inesgotáveis de inspiração. Agradeço a cada palavra, cada leitura e cada diálogo.

Outro lance de sorte foi contar com a convivência quase diária com alguns professores do Departamento de Sociologia da Unicamp. Agradeço, em particular, ao

professor Josué Pereira da Silva e ao professor Mário Medeiros, dois dos sociólogos que mais admiro e com os quais aprendi muito sobre teoria e pensamento sociológico. Entre os professores, cabe registrar também um agradecimento ao Fábio Querido, com quem discuti ideias sobre marxismo; ao professor Renato Ortiz, pelo estímulo à reflexão sobre o artesanato intelectual; ao professor Sávio Cavalcante pelo incentivo às atividades de docência; à professora Bárbara Castro pela gentileza de sempre.

Tenho uma dívida enorme com professores da área de pensamento social brasileiro e não poderia deixar de agradecer nominalmente àqueles com quem tanto aprendi nos últimos anos. Agradeço, especialmente, à professora Elide Rugai Bastos, ao professor Pedro Meira Monteiro e ao professor Antonio da Silveira Brasil Júnior, pelas leituras atentas e pelos comentários críticos e construtivos no texto de qualificação e na banca de defesa, que contribuíram para uma reflexão mais acurada das diversas questões levantadas. Agradeço também a leitura de Alejandra Josiowicz do texto de qualificação, que indicou leituras sobre a historiografia argentina e abriu novas questões. Não poderia deixar de mencionar e agradecer o diálogo generoso em eventos acadêmicos com Alexandro Paixão, João Marcelo Maia, Bernardo Ricupero, Alexandro Trindade e Hilton Costa, que fizeram inúmeras sugestões aos meus textos e críticas decisivas. Entre os pesquisadores da área de pensamento social, devo dedicar um agradecimento aos colegas do Rio de Janeiro, Alice de Oliveira Ewbank e Karim Abdalla Helayel e, de modo extensivo, à crítica literária Beatriz Malcher. Os cursos, seminários e congressos ficaram mais agradáveis com a presença de vocês; e aprendi e aprendo muito sobre o Brasil em nossos diálogos.

O trabalho crítico é associado e colaborativo. Nas discussões e nos debates apaixonados e acalorados do grupo de estudos em “Teorias sociais não hegemônicas”, de orientandas da professora Mariana Chaguri, encontrei um ambiente de troca excepcional. A reflexão conjunta de temas e problemas que norteiam preocupações teóricas e metodológicas mais ou menos comuns, certamente marcam todas as páginas deste trabalho. Vou emprestar as palavras de Caetano Veloso para agradecer à Mariana, à Camila Teixeira Lima, à Flávia X. M. Paniz, à Bárbara Luisa Pires e à Fernanda de Paula. Em uma das passagens de *Verdade Tropical*, Caetano menciona que ao longo dos anos ouviu Gilberto Gil dizer que ao encontrá-lo se sentiu saindo de uma espécie de solidão, achando verdadeira companhia. Ao encontrar essas mulheres notáveis, achei verdadeira companhia.

Aos meus colegas tão queridos que integram o corpo editorial da revista *Temáticas* expresso minha gratidão por tornarem a vida acadêmica tão cheia de encantos e surpresas. Obrigada à Flávia Paniz, à Adriana Pismel, ao Enrico Bueno, ao Sidney Melo, ao Jonathan Sacramento e ao Antonio Marcos Santos, com quem dividi nos últimos anos esse desafio imenso que é coordenar uma revista.

Aos amigos e às amigas da pós-graduação em sociologia agradeço pela troca de ideias, pelos debates políticos, pelo afeto e pela sensibilidade em momentos tão angustiantes na vida nacional. É impossível mencionar todas e todos, mas quero registrar um agradecimento à Talitha Ferreira, à Mariana Toledo, à Letícia Cunha, à Larissa Vieira, à Maria José Barros, à Isabela Coltro, à Daniela Vieira dos Santos, ao Hyury Pinheiro e ao Luã Leal. Destaco um agradecimento à Julia Abdalla e à Juliana Miraldi, com quem dividi nos últimos meses os desafios, as dificuldades e alegrias da docência. Uma nota especial de agradecimento ao Tauan Fernandes Tinti, amigo da rua ao lado (como se diz no IFCH), com quem compartilhei diversas angústias desse trabalho e da vida. Tauan, que é um notável crítico literário, leu quase todas as páginas que escrevi nos últimos anos, fazendo comentários, finas ironias e corrigindo os milhares de erros. Meu mais sincero agradecimento à sua imensa generosidade.

Agradeço ainda aos “amigos de casa”, notadamente, à minha “irmã de leite” Aline Pavani, pela cumplicidade e pelo carinho; ao José Henrique Carrari e ao Paulo Henrique Tourriere Cavicchio, por me fazerem sair com a cabeça fervendo após cada encontro, com discussões sobre política, arte e psicanálise; ao Rafael Nishida, por ser tão atento e solícito às minhas inquietações e por sempre cuidar tão bem de mim; à Melissa e ao Ramon Ferreira, pelas décadas (no plural!) da mais singela e doce amizade compartilhada; à Magda Ribeiro e ao Manuel Ramon pelo exemplo que são como pais, pesquisadores e professores - obrigada, como diz o Henrique, por ter nos presenteado com o incrível Valentim, que renova nossas esperanças e energias!

Agradeço, por fim, à minha família: Elenice Marmerolli, Karina Tresoldi, Glória Borges e José Carlos, – mãe, irmã e tios –, cujas palavras de incentivo e os gestos de carinho foram decisivos em todos os momentos. Ao meu companheiro, Henrique Braga, sou tão grata que as palavras se tornam vãs. Sem o afeto, a confiança, a paciência e a cumplicidade cotidiana nenhum projeto seria desenvolvido.

*10 de junio de 1973*

Es importante que todos tengamos esa firmeza y convicción de que tienes que seguir avanzando y luchando, estés donde estés. Que las cosas siguen, y tú eres actor, aunque tu capacidad de movimiento esté o parezca reducida. Anoche justo tuve un sueño; era un viaje de mulas que iban cargadas y las guiaban dos o tres hombres, y ellas los seguían dócilmente por el camino y les llevaban los bultos hasta que tuvieron que atravesar un puente de madera muy angosto. Entonces los hombres azuzaron a las mulas a que lo cruzaran, pero estas se pusieron de acuerdo y se resbalaron y patearon y echaron a los hombres. Estaban cansadas de ser dirigidas por ellos, desde ese momento iban a dirigir ellas. El problema era cruzar el puente para seguir el viaje, pero como eran mulas no sabían nada sin guía, así que quedaron boyando como bola sin manija. En los bultos llevaban alimentos y también había otros bultos donde llevaban hormigas. Al final lo que recuerdo del sueño es que las hormigas se liberaron y se unieron entre sí, y pasaron el puente despacito, llevando cada una un pedacito de alimento, y fueron las únicas que pudieron terminar el viaje. No sé, les cuento el sueño porque creo que a veces los sueños llevan parte de la realidad, saquen conclusiones.

María Rosa Gramont,  
*Fragmentos de cartas a su familia* (1973).

## Resumo

Olhando atentamente para problemas formulados por gerações anteriores e refletindo sobre alguns impasses do tempo presente, os nomes de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo se destacam no âmbito da crítica literária e cultural de seus países, o Brasil e a Argentina, e no âmbito mais amplo da “crítica latino-americana”. Desde a década de 1970 até suas produções mais recentes, eles intervêm de diferentes modos no debate público de seus contextos, colocando questões para problematizar os desafios e os dilemas da modernidade e do capitalismo em contextos periféricos. Considerando a relevância teórica de seus ensaios, que combinam um ponto de vista ao mesmo tempo crítico e sociológico, este trabalho acompanha alguns passos de suas trajetórias intelectuais e momentos chaves de suas formulações teóricas. Em um primeiro movimento analítico, apresenta-se as trajetórias de Schwarz e de Sarlo considerando os contextos sociais, políticos e institucionais que se inseriram; e observa-se alguns eixos teóricos e metodológicos a partir dos quais eles formulam seus projetos críticos, que articulam analiticamente literatura e sociedade, cultura e política. Em um segundo movimento, recorta-se os ensaios de Schwarz que discutem a obra de Machado de Assis e os ensaios de Sarlo em que Jorge Luis Borges é um personagem central. Ao colocar lado a lado suas leituras sobre as obras de Machado e de Borges, a partir das quais puxam fios para compreender seus contextos nacionais, o desafio empreendido é verificar se a “condição periférica” estrutura as interpretações tecidas pelos críticos, assumindo um sentido que não está restrito ao espaço social, mas se inscreve também como desafio analítico para qualificar o moderno a partir de um ponto de vista diferente daqueles fabulados na Europa ocidental e no mundo anglo-saxão. Desdobrando essa chave de leitura, sugere-se que os trabalhos de Schwarz e de Sarlo podem contribuir com debates contemporâneos da teoria social crítica.

**Palavras-chave:** Roberto Schwarz (1938-); Beatriz Sarlo (1942-); crítica cultural; pensamento social e circulação de ideias; modernidade e capitalismo periférico.

## Abstract

Looking carefully to problems formulated by former generations, and thinking about some dilemmas from the present time, Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo to overtop themselves within literary and cultural critique from their countries (Brazil and Argentina). Since 1970's until their recent works, they are interfering from different ways in their countries public debate, addressing issues to think modernity and peripheral capitalism challenges. Considering the theoretical relevance of their works, that combine – at the same time – a critical point of view with a sociological one, the present dissertation follows some steps of their intellectual trajectory, and key moments of their theory formulations. In a first analytical movement its presents the Schwarz and Sarlo trajectories, considering social, political, and institutional contexts they were inserted; and are observed some theoretical and methodological main points from which they formulated their critical projects, that analytically articulated critique and society, culture and politics. In a second analytical movement its outlines Schwarz essays on Machado de Assis works, and Sarlo essays where Jorge Luis Borges are a central personage. When their readings of Machado and Borges, from which threads are pushed to understand national context, are putted side by side the challenge is questioning if the peripheral condition structures the interpretations formulated by the critics. Assuming a meaning that is not restricted to the social space, but whether their critics are embedded also as analytical challenge to qualify the modern from a different point of view, that are diverse from those fabled in Western Europe and Anglo-Saxon World.

**Keywords:** Roberto Schwarz (1938-); Beatriz Sarlo (1942-); cultural critique; social thought and the circulation of ideas; modernity; peripheral capitalism.

## Resumen

Mirando atentamente problemas formulados por generaciones anteriores y reflexionando sobre algunos impasses del tiempo presente, los nombres de Roberto Schwarz y de Beatriz Sarlo se destacan en el ámbito de la crítica literaria y cultural de sus países, Brasil y Argentina, y en el ámbito de la "crítica latinoamericana". Desde la década de 1970 hasta sus producciones más recientes, Schwarz y Sarlo interviene de diferentes maneras en el debate público de sus países, planteando cuestiones para problematizar los desafíos de la modernidad y del capitalismo en contextos periféricos. Considerando la relevancia teórica de sus ensayos, que combinan un punto de vista al mismo tiempo crítico y sociológico, este trabajo acompaña algunos pasos de sus trayectorias intelectuales y momentos claves de sus formulaciones teóricas. En un primer movimiento analítico, se presentan las trayectorias de Schwarz y de Sarlo considerando los contextos sociales, políticos e institucionales que se insertan; y se observan algunos ejes teóricos y metodológicos a partir de los cuales ellos formulan sus proyectos críticos, que articulan analíticamente literatura y sociedad, cultura y política. En un segundo movimiento, se recorta los ensayos de Schwarz que discuten la obra de Machado de Assis y los ensayos de Sarlo en que Jorge Luis Borges es un personaje central. Al poner lado a lado sus lecturas sobre las obras de Machado y de Borges, a partir de las cuales tiran hilos para comprender sus contextos nacionales, el desafío emprendido es verificar si la "condición periférica" estructura las interpretaciones tejidas por los críticos, asumiendo un sentido que no está restringido al espacio social, sino que se inscribe también como desafío analítico para calificar lo moderno desde un punto de vista diferente de aquellos fabricados en Europa occidental y en el mundo anglosajón. Desplegando esta clave analítica, se sugiere que los trabajos de Schwarz y de Sarlo pueden contribuir con debates contemporáneos de la teoría social crítica.

**Palabras clave:** Roberto Schwarz (1938-); Beatriz Sarlo (1942-); crítica cultural; pensamiento social y circulación de ideas; modernidad y capitalismo periférico.

## SUMÁRIO



INÍCIO.....	14
PARTE I: Ensaístas na América Latina.....	20
Capítulo 1: No meio do caminho, as ditaduras.....	27
Capítulo 2: Um lugar para a crítica.....	60
PARTE II: A periferia e as margens como pontos de vista .....	71
Capítulo 3: Um “avanço literário” na periferia: uma leitura de Machado de Assis .....	75
Capítulo 4: “Nacional e cosmopolita” nas margens: um lugar para Jorge Luis Borges .....	98
Capítulo 5: Modernos e periféricos por comparação .....	123
FECHO .....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	148

## INÍCIO



O fato é que nosso único dever é extrair de uma época o que ela tem a nos oferecer, sem deixar de admirar o que as épocas anteriores realizaram.

Édouard Manet - Carta a Frederic Bazille (1868).

Pierre Bourdieu uma vez utilizou a metáfora da sociologia como um “esporte de combate”: uma prática de defesa pessoal que contribui, entre outras coisas, para desnaturalizar os mecanismos de dominação da sociedade; para fazer emergir as contradições e os conflitos que marcam o mundo social. Tomando emprestada com certa liberdade a metáfora do sociólogo francês, neste trabalho vamos acompanhar alguns passos das trajetórias intelectuais e formulações chaves das obras de dois intelectuais que, a partir de dois contextos periféricos distintos, fizeram da *crítica cultural um “esporte de combate”*. Trata-se do crítico brasileiro Roberto Schwarz e da crítica argentina Beatriz Sarlo que, desde a década de 1970 até suas produções mais recentes (dos anos 2010), vêm intervindo de diferentes formas no debate público de seus países, o Brasil e a Argentina, tensionando os nexos de sentido entre processo social, vida intelectual e “*condição periférica*”.<sup>1</sup>

Interessa notar, inicialmente, que Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo são contemporâneos. Ele nasceu em 1938, em Viena, e imigrou ao Brasil com seus pais, intelectuais de esquerda e judeus, apenas com alguns meses de idade, quando a

---

<sup>1</sup> É importante destacar que expressões como “condição periférica”, “circuitos periféricos”, “espaços marginais” e termos similares consideram a experiência histórica de países localizados fora do eixo do Atlântico Norte, que são subordinados na divisão internacional do trabalho do sistema mundo-capitalista, e foram colonizados pelos europeus a partir do século XV, como é o caso do Brasil e da Argentina (hoje considerados por boa parte da literatura países “semiperiféricos”). O conceito periferia, como se sabe, surgiu e foi rotinizado a partir do final da década de 1940 nos estudos produzidos pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), e assinalam relações econômicas e políticas *desiguais* entre países centrais e periféricos, estes últimos dependentes de capitais estrangeiros. A situação de dependência, como veremos, não se refere apenas ao âmbito econômico e político; há, também, uma dependência histórica de modelos culturais e epistemológicos que deixaram profundas marcas na história social e na experiência intelectual de países periféricos. Em linhas gerais, centro e periferia são tomados aqui, como categorias geográficas e como categorias analíticas e políticas, além de serem termos que se definem mutuamente. Essa proposição mais geral está em diálogo com boa parte da tradição crítica latino-americana que citaremos ao longo dessas páginas.

Áustria foi anexada pela Alemanha pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial. Ela, por sua vez, nasceu em 1942, em Buenos Aires, na Argentina, descendendo de famílias de imigrantes de distintas origens (do lado materno, por exemplo, de italianos e espanhóis, e do lado paterno de “*criollos* antigos”).<sup>2</sup> Além de pertencerem, por assim dizer, a uma mesma geração, os caminhos de Schwarz e de Sarlo se cruzam de diferentes modos entre a sociologia e os estudos literários. Enquanto o naturalizado brasileiro se formou em ciências sociais na Universidade de São Paulo no ano de 1960 e seguiu para os estudos literários, realizando parte de sua formação acadêmica no exterior, a argentina se graduou em letras na Universidade de Buenos Aires em 1966 e se aproximou de uma visada sociológica em “circuitos intelectuais alternativos” em que atuou, como editoras e revistas literárias e culturais. Os caminhos quase inversos que Schwarz e Sarlo trilharam entre a sociologia e os estudos literários deixaram marcas variadas na produção intelectual de ambos. Ao folhear seus livros, salta aos olhos a elaboração de uma análise da literatura e de outras matérias da cultura que não perde de vista o chão histórico e social em que as obras se inserem e ao qual dão expressão. Digamos por ora que, cada qual a seu modo, fazem das relações entre literatura e sociedade um ato de cumplicidade para pensar seus respectivos países.<sup>3</sup>

Percorrendo o conjunto dos ensaios de Schwarz e de Sarlo, chama atenção que o crítico brasileiro se dedicou especialmente ao estudo dos romances de Machado de Assis (1839-1908), enquanto diferentes trabalhos da crítica argentina analisam a obra de Jorge Luis Borges (1899-1986). Em livros como *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (1977), *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1990), *Duas meninas* (1997), *Sequências Brasileiras* (1999) e *Martinha versus Lucrécia* (2012), a obra machadiana é um eixo central a partir do qual Schwarz interpreta a literatura e a sociedade

<sup>2</sup> Vale registrar que o termo “*criollo*”, e outras palavras caras ao contexto argentino, serão mantidas em espanhol. Esse termo, por exemplo, faz referência aos filhos de europeus nascidos nas antigas colônias espanholas nas Américas. Nessas páginas, veremos também termos como “*criollismo*”, que se refere a um fenômeno cultural e político que contribuiu para a construção de uma identidade nacional Argentina.

<sup>3</sup> Importa observar, desde já, um dado de pesquisa curioso: nas grandes livrarias da Argentina, quando há seções de livros dedicados à crítica literária e aos chamados “*ensayos argentinos*”, a maioria dos livros de Sarlo se encontra nas prateleiras da sociologia. Os livros de Schwarz, no Brasil, compõem as prateleiras da crítica literária, mas, entre os críticos, seus trabalhos em geral são vistos como “crítica sociológica”, o que muitas vezes não é um elogio. Esses são apenas indícios de que tanto o a argentina quanto o brasileiro não se encaixam nos rótulos das carreiras acadêmicas ou das escolas tradicionais de atividade.

brasileira, bem como o que ele chama de “movimento geral da sociedade contemporânea”. Nos livros *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930* (1988), *Borges, un escritor en las orillas* (1993), *La pasión y la excepción: Eva, Borges y el asesinato de Aramburu* (2003) e *Plan de operaciones: sobre Borges, Benjamin, Barthes y Sontag* (2013), ao discutir a originalidade da literatura borgiana, Sarlo problematiza alguns temas e problemas mais amplos do seu contexto nacional.<sup>4</sup> Em linhas muito gerais, o argumento dos críticos é o de que Machado de Assis e Jorge Luis Borges, cada um à sua maneira, ao seu tempo, em seu país e em sua língua, incorporam a tensão entre o local e o universal, formalizando esteticamente tanto a problemática nacional quanto as trocas do local com outras culturas e suas formas de assimilação. Por esse motivo, são escritores que oferecem chaves para desvendar/cifrar alguns dilemas sociais que marcam a vida de seus países periféricos.

Colocando esses livros lado a lado, notemos que em alguns títulos aparecem termos como “periferia”, “periférica” e “orillas” (que no espanhol também significa margem, borda, limite, costa, fronteira, arrabalde etc.). Uma primeira questão que se surge dessa aproximação: esses termos são fios condutores a partir dos quais Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo investigam seus objetos de estudo? Se a resposta é afirmativa, uma segunda questão que surge é: há uma *afinidade eletiva* quando Schwarz assevera que Machado de Assis é “um mestre na *periferia* do capitalismo” e quando Sarlo sugere que Borges “é o escritor das *orillas*”?<sup>5</sup> E mais: os sentidos que esses termos comportam têm implicações para se pensar os processos sociais e

---

<sup>4</sup> O principal livro de Beatriz Sarlo sobre Jorge Luis Borges foi publicado primeiramente em inglês, com o título *Jorge Luis Borges: a writer on the edge*, e no mesmo ano foi vertido e revisto pela autora para a edição argentina, sob o título de *Borges, un escritor en las orillas*. Os títulos dos livros serão mantidos em espanhol para conservar seus significados, já que nas edições brasileiras há algumas mudanças. *Borges, un escritor en las orillas*, por exemplo, foi grafado em português como *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*, e o subtítulo de *La pasión y la excepción: Eva, Borges y el asesinato de Aramburu*, na edição brasileira é *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São pequenas alterações de tradução para outro contexto nacional, mas importantes para as nuances do argumento da crítica (tomando o cuidado, em especial, para diferenciar os termos periferia, margens e *orillas*). Citaremos os livros no português, para deixar a leitura mais fluída, mas eles foram cotejados com a versão em espanhol.

<sup>5</sup> Cabe notar que o termo “afinidade eletiva” é utilizado aqui com certa liberdade, mas também em sentido próximo ao que assume para Walter Benjamin, quando ele observa que a afinidade entre diferentes fenômenos pode os atrair mutuamente, e a tarefa do crítico (no caso em questão, da socióloga) seria a de reuni-los de modo a refletir sobre a constelação histórica dos problemas que eles formam. Em outras palavras, o exercício comparativo proposto não procura fundir os autores, textos e contextos em uma unidade de análise, mas ver como eles estranhamente se atraem mesmo sendo profundamente diferentes. Ver: Walter Benjamin. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2009.

culturais do Brasil e da Argentina, ou até mesmo de outros contextos periféricos ou semiperiféricos?

Essas questões, de certo modo, são inspiradas em recentes trabalhos desenvolvidos na área de pesquisa em “Pensamento Social no Brasil”, um campo de estudo voltado para investigações de autores e obras que fazem parte da tradição intelectual brasileira. Um dos desafios contemporâneos desta área é descentrar seu foco analítico do nacional, de modo a construir interpretações do Brasil que escapem à linearidade ou unilateralidade das explicações (que podem conduzir as análises a uma “excessiva singularidade brasileira”).<sup>6</sup> A ideia de mapear vocabulários, temas e questões que podem ser compartilhadas entre autores de contextos periféricos é uma das apostas em um exercício de comparação transnacional da história intelectual. Por meio desse movimento analítico, procura-se acompanhar a produção e circulação de ideias fora de “espaços hegemônicos”, percebendo semelhanças e diferenças que aumentem a capacidade analítica de se falar sobre os processos sociais e políticos da modernidade e do capitalismo.<sup>7</sup> No caso deste trabalho, ao investir em uma comparação entre autores e entre diferentes contextos nacionais, avanta-se a possibilidade de visualizar uma variedade de perguntas e de respostas que escritores e intelectuais fabulam acerca da *condição moderna e periférica* de países historicamente dependentes, como o Brasil e a Argentina, nos quais os padrões e as referências importadas se combinaram (e continuam se combinando) de modos *diferentes* à empiria local.

Ao desdobrar essa proposta, talvez seja possível sugerir que as interpretações de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo podem contribuir, teórica e metodologicamente, com uma das agendas de pesquisa em movimento na teoria social contemporânea, que têm trabalhado com o problema da modernidade (como

---

<sup>6</sup> Conferir: Sergio Tavolaro; Lília Tavolaro. “A cidadania sob o signo do desvio: para uma crítica da ‘tese de excepcionalidade brasileira’”. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.25, 2010.

<sup>7</sup> Entre os atuais desafios teóricos e metodológicos da área de pensamento social brasileiro, destaca-se a proposta de João Marcelo Maia para “atualização” teórica dessa área de estudos. O sociólogo brasileiro propõe, mais especificamente, inserir a história do pensamento social brasileiro em uma história mais ampla do pensamento social “periférico”, de modo a: (i) problematizar afinidades, dissonâncias e tensões entre textos e autores de circuitos periféricos, que podem colocar a prova o falso universalismo inscrito em certas formalizações teóricas nas ciências sociais, e (ii) alargar conceitos e progredir na construção de novos vocabulários para explicar as dinâmicas mais gerais da sociedade. As principais referências de João Marcelo Maia são: “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 24, n. 71, 2009; e “História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro”. *História, ciência, saúde-Manguinhos*. v.24, n.1, 2017.

processo social e/ou como projeto político) em contextos periféricos, seja para questionar o falso universalismo inscrito em formulações sobre o moderno que se tornaram dominantes, seja para propor novos olhares e alternativas epistemológicas. Essa agenda de pesquisa muito variada – que inclui cientistas sociais, historiadores e críticos culturais de diversas partes do mundo –, e que podemos chamar entre aspas de “teorias do sul”, precisa continuar sendo alargada para pensar dilemas modernos a partir de pontos de vista diferentes daqueles formulados em circunstâncias, por assim dizer, “hegemônicas”, como as da Europa ocidental e do mundo anglo-saxão.<sup>8</sup>

Dito isso, antes de colocar lado a lado os principais ensaios de Schwarz e de Sarlo que analisam as obras de Machado e de Borges, interessa acompanhar alguns passos das trajetórias intelectuais dos críticos, considerando os contextos sociais, políticos e institucionais em que se inseriram e com os quais suas ideias dialogam. Nesse primeiro movimento analítico, veremos que tanto as trajetórias de Schwarz e de Sarlo quanto seus trabalhos como críticos se modelam diante dos desafios intelectuais e políticos que surgiram com as ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1966-1973 / 1976-1983). Percebendo algumas semelhanças e diferenças entre as trajetórias, atuações profissionais, referenciais teóricos etc., em um segundo movimento, procuramos realizar um “exercício de leitura” dos trabalhos de Schwarz sobre os romances de Machado de Assis e dos principais ensaios de Beatriz Sarlo dos escritos de Jorge Luis Borges.<sup>9</sup> Esses dois movimentos analíticos correspondem às duas partes que compõem essa dissertação: “Dois ensaístas na América Latina” e “A periferia e as margens como pontos de vista”.

---

<sup>8</sup> Ao utilizar o termo “teorias do sul” é importante destacar que não se busca homogeneizar uma produção teórica muito diversificada que é feita em diferentes partes do mundo, inclusive no chamado “Norte global”, e cujo corpo de problemas é variado. O termo pode ser pensado, antes, como uma metáfora: quando se olha para uma bússola, o norte é um ponto cardeal que orienta o viajante. Na produção intelectual e na divisão do trabalho científico, o ponto de partida para se fazer teoria em geral é a produção feita em países como Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha etc., localizados no “Norte global”. “Teorias do sul”, como contraponto, oferecem novas rotas, outros mapas para “pensar o pensamento” e se produzir conhecimento sobre o mundo social. Sobre a sugestão, consultar, para o caso das ciências sociais, os textos que compõem a coletânea organizada por Mariana Chaguri e Mário Medeiros. *Rumos do sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018; e para o caso da teoria e crítica cultural: João Cezar de Castro Rocha. *Culturas shakespearianas: teoria miméticas e os desafios da mimesis em circunstâncias não hegemônicas*. São Paulo: É Realizações, 2017.

<sup>9</sup> Toma-se emprestada a expressão utilizada pela ensaísta brasileira Gilda de Mello e Souza, que procura analisar a singularidade de cada texto, os códigos sociais próprios, de modo a desvendar e reconstruir alguns dos princípios teóricos e metodológicos que são mobilizados em sua elaboração. Ver: Gilda de Mello e Souza. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2009.

Vale notar que além dos livros já citados de Schwarz e de Sarlo, que possuem formulações teóricas-chaves no conjunto de suas produções intelectuais, o material empírico da pesquisa de mestrado foi composto por outros livros de ensaios, por revistas como *Teoria e Prática* (1967-1968), *Novos Estudos* (1981-), *Los Libros* (1969-1976) e *Punto de Vista* (1978-2008), por materiais biográficos levantados em arquivos e bibliotecas de Campinas, São Paulo e Buenos Aires,<sup>10</sup> e por memórias e entrevistas.<sup>11</sup> Do ponto de vista metodológico, partimos do reconhecimento de que as ideias e os textos são produtos do mundo e dos processos sociais mais amplos nos quais são pensados e com os quais dialogam.<sup>12</sup> Nesse sentido, procuramos realizar um corpo a corpo com os variados materiais de pesquisa levantados, com vistas a estabelecer *mediações* entre *autores*, *textos* e *contextos*, levando a sério a *complexa* relação entre intelectuais, ideias e sociedade. Lendo o processo social a partir de sua presença no plano das ideias, e lendo as ideias através do processo social, as trajetórias intelectuais e as experiências nacionais distintas ficam mais claras a partir do diálogo entre elas, uma iluminando a outra, de modo a tornar visíveis questões (mais ou menos amplas) que isoladas talvez não pudessem ser percebidas.

---

<sup>10</sup> As informações sobre a trajetória acadêmica de Schwarz foram levantadas no “Processo institucional de vida funcional de Robert Schwarz” na Universidade Estadual de Campinas, cedido à pesquisadora pelo Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Esse processo recupera relatórios de pesquisa, memoriais, os principais trabalhos apresentados pelo crítico enquanto professor da universidade etc. As informações sobre Beatriz Sarlo foram levantadas em diferentes entrevistas e arquivos, em particular, na Biblioteca do Congresso Nacional da Argentina e na Biblioteca Nacional da Argentina, ambas na cidade de Buenos Aires.

<sup>11</sup> É importante notar que Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo foram entrevistados no decorrer da pesquisa de mestrado. A conversa com Schwarz ocorreu em sua casa, na cidade de São Paulo, em 08 de dezembro de 2016; e a entrevista com Sarlo aconteceu em seu escritório, na cidade de Buenos Aires, em 28 de março de 2017. O historiador argentino Carlos Altamirano, que trabalhou com durante algumas décadas e em diferentes espaços intelectuais, também foi entrevistado por mim e por Flávia X. M. Paniz, na cidade de Campinas, em 05 de outubro de 2016. Ainda que as memórias pertençam ao plano da “ficção das biografias”, para usar um termo de Pierre Bourdieu, as conversas pavimentaram caminhos para novas formulações na pesquisa. Permitiram, em particular, construir uma imagem mais nuançada das trajetórias intelectuais e dos contextos (sociais, políticos e institucionais) que os críticos se inseriram, notadamente durante as ditaduras militares no Brasil e na Argentina. Nas conversas também foi possível recuperar as memórias dos críticos sobre reuniões científicas dedicadas a pensar a “História da literatura latino-americana”, realizadas durante a década de 1980, momento em que se estabelece alguns dos principais trânsitos intelectuais e das redes de trocas entre críticos latino-americanos. Foi nesses encontros que Schwarz e Sarlo se conheceram e se tornaram amigos. A referência de Bourdieu é: “L'illusion biographique”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 62-63, junho, 1986.

<sup>12</sup> Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho se inspira nas formulações de Edward Said. *The world, the text and the critic*. Cambridge: Harvard University Press, 1983; e de Elide Rugai Bastos e André Botelho. “Para uma sociologia dos intelectuais”. *Dados*. Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, 2010.

## PARTE I: Ensaístas na América Latina



América Latina é um anseio, é um desejo de encontrar, em países tão díspares quanto Guatemala e Brasil, um alicerce comum, que sirva como sustentáculo para interpretar seu passado em bloco – e, assim, poder melhor projetar seu futuro também em bloco.

Luiz Ruffato – “Literatura e cultura na América Latina” (2011).

Durante a segunda metade do século XX, as colaborações entre intelectuais de diferentes áreas das ciências humanas se intensificaram na América Latina. Pode-se dizer que uma das primeiras iniciativas institucionais que armaram um espaço para tais trocas surgiu com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Criada em 1948, no Chile, a CEPAL nasceu com o objetivo de debater os desafios econômicos da região e formular ações e estratégias para o desenvolvimento dos países latino-americanos. Além da CEPAL, na década de 1950, surgiram também algumas associações voltadas para o ensino e a pesquisa em ciências sociais, reunindo atores preocupados com questões relativas à modernização, ao desenvolvimento, aos desafios da democracia etc., que eram problemas mais ou menos compartilhados entre os países da América Latina.<sup>13</sup>

A partir da década de 1960 é possível observar, também, um conjunto de produções culturais que alargaram o que podemos chamar de “horizonte latino-americano”.<sup>14</sup> A Casa das Américas em Havana, criada em 1959 logo após a

---

<sup>13</sup> Para ficar em alguns exemplos de instituições que tinham no horizonte pensar a América Latina como problema, note-se que a Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS) foi fundada em 1950, e por iniciativas da Unesco, surgiram outros espaços de investigação, como o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), criado no Rio de Janeiro, em 1956, e a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLASCO), criada no Chile, em 1957. Esse quadro é mapeado em: Alejandro Blanco. “Ciências sociais no cone sul e a gênese de uma elite intelectual (1940-1965)”. *Tempo Social*, v. 19, n.1, 2007. Para um balanço da produção sociológica, consultar: Antonio da Silveira Brasil Jr. “O problema de uma ‘sociologia latino-americana’”. *Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo: Hucitec / Buenos Aires: Clacso, 2013.

<sup>14</sup> Sem querer entrar nas polêmicas discussões sobre o que é a América Latina (do ponto de vista histórico, geográfico, cultural etc.), e qual é o lugar do Brasil nessa América Latina, importa registrar que, a partir de diferentes iniciativas de atores e de instituições durante a segunda metade do século XX, a ideia de América Latina funciona como um horizonte teórico e político compartilhado; ou seja, funciona como um “dispositivo” que cria pertencimentos, políticas, redes de pesquisa, amizades etc. De certa maneira, o “referente latino-americano” dos anos de 1950-1990 diz respeito, em particular,

Revolução Cubana, aos poucos foi assumindo como tarefa a promoção de diálogos e de intercâmbios entre intelectuais, escritores e artistas latino-americanos, colocando livros e revistas em circulação, além de promover encontros, concursos, exposições e festivais de música, de literatura, de teatro, de artes plásticas etc. Ao lado, por exemplo, da música de protesto e contracultura que “cantava a América Latina” no contexto das ditaduras militares que assolaram alguns países da região a partir da década de 1960,<sup>15</sup> a literatura e os estudos literários tiveram um papel importante nesse contexto. Escritores como Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Miguel Ángel Asturias, Juan Carlos Onetti, Alejo Carpentier, José Donoso, entre outros, foram divulgados tanto na região quanto na Europa e nos Estados Unidos, dando visibilidade expressiva à produção literária produzida na América Latina. No âmbito dos estudos literários, esse fenômeno, que ficou conhecido como “boom da literatura latino-americana”, permitiu explorar caminhos já abertos em direção a uma produção literária que ultrapassava os marcos do realismo tradicional, e que não se deixava pautar por moldes europeus ainda dominantes.<sup>16</sup>

Em meio a esse cenário de atores e de instituições que debatiam questões sobre a América Latina e procuravam promover intercâmbios de ideias, alguns críticos literários e historiadores da cultura também começaram a se envolver em trocas e a formular projetos coletivos. Um passo inicial nesse sentido foi dado com o incentivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Entre as resoluções da Conferência Geral da Unesco realizada em 1966, na cidade de Paris, foi formulada a proposta de desenvolver um estudo abrangente sobre “as culturas da América Latina em suas expressões literárias e artísticas”, de modo a dar

---

a formas de resistência ao imperialismo e as ditaduras militares. A ideia de “dispositivo América Latina” é utilizada por Débora Cota em “Antonio Candido, Antonio Cornejo Polar e a constituição de um pensamento latino-americano”. *Remate de Males*. Campinas, v. 23, n.1, 2016. Sobre as relações propositivas que se pode estabelecer entre o Brasil e a América Latina, ver, por exemplo: Jorge Schwartz. “Abaixo Tordesilhas!”. *Estudos avançados*, v. 7, n. 17, 1993.

<sup>15</sup> Ver: Caio de Souza Gomes. “Quando um muro separa, uma ponte une”: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>16</sup> Consultar a apresentação e o texto de Ángel Rama em: *Mas allá del boom: literatura y mercado*. Buenos Aires: Folios, 1984. Nas discussões sobre o “boom”, é possível observar uma oscilação entre termos, com alguns autores falando sobre a “literatura latino-americana” enquanto outros preferindo utilizar o termo “literatura hispano-americana”, porque referida a produção literária da América Hispânica, que não inclui o Brasil. Ver, como contraponto: Saúl Sosnowski. “La nueva novela hispanoamericana: ruptura y tradición”. In: Ana Pizarro (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, v.3, 1995.

uma visão de conjunto da região a partir de suas produções culturais.<sup>17</sup> Após a organização de alguns encontros entre intelectuais de diferentes países latino-americanos, que incluíram pesquisadores brasileiros como Sérgio Buarque de Holanda e Afonso Arinos de Melo Franco, foi publicada, em 1972, a coletânea *América Latina en su literatura*, coordenada pelo escritor argentino César Fernández Moreno. Trata-se, de modo geral, de um primeiro esforço de pensar as literaturas e culturas latino-americanas de modo conjunto, considerando os processos sociais mais amplos em que se inserem e ao qual dão expressão. Uma análise detalhada dos diversos ensaios que compõem a coletânea revela, no entanto, algumas dificuldades em estabelecer comparações entre os países. A própria ideia de América Latina, segundo Fernández Moreno, ainda era “precária” se tomada como uma totalidade, que se expressava na formulação “unidade na diversidade”.<sup>18</sup> Apesar das dificuldades comparativas do projeto, importa notar que a partir dos encontros realizados para desenvolvê-lo, começaram a surgir redes de trocas entre críticos e historiadores da América Latina, com novos projetos sendo elaborados a partir de um “sentimento latino-americano”.<sup>19</sup>

Entre a década de 1970 e o início dos anos de 1980, o crítico uruguaio Ángel Rama e o crítico brasileiro Antonio Candido desempenharam papéis importantes para agrupar alguns pesquisadores ao redor de projetos intelectuais que compartilhavam o que estamos chamando de “horizonte latino-americano”. Ángel Rama, por exemplo, que colaborou com revistas que tinham abertura para a produção latino-americana – como a revista uruguaia *Marcha* (1939-1974) e a venezuelana *Escritura* (1976-1993) –, atuou sobretudo na direção da Biblioteca Ayacucho, fundada em 1974 por ele e por José Ramón Medina com o objetivo de publicar e divulgar livros de literatura e do pensamento social produzidos nas Américas.<sup>20</sup> Antonio Candido, por

---

<sup>17</sup> “Prefacio”. In: César Fernández Moreno (org.). *América Latina en su literatura*. México: Unesco: Siglo XXI, 1972.

<sup>18</sup> César Fernández Moreno. “Introducción”. In: César Fernández Moreno (org.). *América Latina en su literatura*. México: Unesco: Siglo XXI, 1972.

<sup>19</sup> Nelson Osorio Tejada argumenta, por exemplo, que antes da segunda metade do século XX existem diferentes tradições de “*críticos literários latino-americanos*”, mas eles não constituem um conjunto que desenha um perfil ou um projeto de expressão latino-americana diferenciada. Isso só ocorre, para o autor, a partir de meados da década de 1960, quando podemos falar de uma “*crítica literária latino-americana*”. Ver: Nelson Osorio Tejada. “Prólogo”. In: Antonio Cornejo Polar. *Sobre literatura y crítica latinoamericanas*. Lima: Centro de Estudios Literarios “Antonio Cornejo Polar” / Latinoamericana Editores, 2013.

<sup>20</sup> No âmbito do projeto da Biblioteca Ayacucho, fundada em 1974 na Venezuela, intelectuais de diferentes países da região foram convidados a selecionar obras representativas de seus contextos

sua vez, foi assumindo o “horizonte latino-americano” a partir da edição de livros, de colaborações em revistas, da promoção de encontros universitários etc. Note-se, por exemplo, que sua assessoria na Biblioteca Ayacucho foi central para escritores e intelectuais brasileiros serem incluídos nas coleções organizadas pela fundação. Além disso, Candido atuou na coordenação da revista *Argumento* (1973-1974) – que, embora tenha publicado apenas quatro números, abriu espaço para divulgar a produção teórica de intelectuais dos países vizinhos –; e organizou encontros científicos que reuniram alguns pesquisadores da região.<sup>21</sup> Entre as reuniões que Candido ajudou a organizar, importa destacar as “Jornadas de Literaturas Latino-americanas”, que ocorreram no início de 1980 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), interior do estado de São Paulo.

Participaram deste encontro nomes importantes da crítica literária praticada na América Latina naquele momento, como o uruguaio Ángel Rama, o peruano Antonio Cornejo Polar, a chilena Ana Pizarro, o venezuelano Domingo Miliani, o colombiano Rafael Gutiérrez Girardot, o mexicano José Luis Martínez, entre outros. Muitos dos presentes nesse encontro colaboraram, nos anos subsequentes, com o desenho de um projeto sobre a “História da literatura latino-americana”, que, com incentivos da Unesco e da Associação Internacional de Literatura Comparada, procurava alargar os limites do cânon literário para além do estabelecido pela tradição

---

nacionais. Além da seleção, eram escritas notas introdutórias com o intuito de proporcionar uma visão de conjunto que ligasse o livro de um determinado autor ao contexto histórico em que havia sido escrito. Para um panorama geral dos livros editados nesse projeto conferir: *Catálogo General (1974-2007)*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007. Sobre o programa que Rama perseguia em torno de um “horizonte latino-americano” ver: Ángel Rama. “Programa de estudos latino-americanos”. *Almanaque, cadernos de literatura e ensaio*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

<sup>21</sup> Alguns projetos desenhados por Candido e por Rama entre meados de 1970 e o início dos anos de 1980 podem ser conferidos nas correspondências que ambos trocaram: *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama*. Correspondencia. Montevideo: Estuario, 2016. Na introdução ao livro, o crítico uruguaio Pablo Rocca observa que o diálogo estabelecido entre eles, desde 1960, representa um “circuito em que os dois tomam emprestadas as ideias um do outro, que alimentam as respectivas obras críticas, ideias que se expandem em busca de um projeto que não admite ancoragem no exclusivamente ‘literário’ (ainda que não o posterguem ou minimizem), e sim no pensamento e na cultura, que gravitam cada vez mais, e no político, que servem de macrotexto ao conjunto, onde se encaixam outras peças: o ensino e a criação de instituições” (p.11, tradução minha.) Se tanto Rama quanto Candido compartilham esses projetos que tinham em vista um “horizonte latino-americano”, é importante observar que apenas o primeiro tem um programa de pesquisa com propósito, digamos, mais “integracionista”. As perspectivas de Candido sobre literatura e América Latina podem ser conferidas principalmente nas notas “Variações sobre temas da Formação”. In: *Texto de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2002, e em “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. Este último ensaio foi escrito em 1969 para compor a já mencionada coletânea *América Latina en su literatura*, e saiu em português no primeiro número da revista *Argumento*, em 1973.

européia, incluindo outras formas de manifestação literária, como, por exemplo, a mitologia indígena. Esse projeto, do qual Antonio Candido participou ativamente e que ficou a cargo de Ana Pizarro após a morte prematura de Ángel Rama em 1983, resultou na publicação, entre 1993 e 1995, da trilogia *América Latina: palavra, literatura e cultura*, voltada para a análise da produção literária na “situação colonial”, na “emancipação do discurso” e na “vanguarda e modernidade”. Partindo da consideração de que a América Latina constituía uma região de “significações históricas e culturais comuns”, devido ao passado colonial compartilhado, mas reconhecendo a heterogeneidade de manifestações literárias, os ensaios que compõem a coletânea procuram estabelecer algumas linhas de aproximação ou de finas diferenças entre as literaturas da América Latina, criando também nexos entre a literatura e a história social.<sup>22</sup>

Além das “Jornadas de Literaturas Latino-americanas” promoverem diálogos entre essa geração de críticos literários, novas trocas intelectuais aconteceram e amizades se formaram, como entre o brasileiro Roberto Schwarz e a argentina Beatriz Sarlo, cujas trajetórias e obras analisaremos ao longo dessa dissertação. Nessa primeira parte do trabalho, para acompanhar alguns passos das trajetórias intelectuais de Schwarz e de Sarlo, os espaços em que atuaram e alguns projetos em que se inseriram, partiremos de dois encontros em que os críticos estiveram presentes, voltados para discussões sobre as literaturas produzidas em solo latino-americano. A partir do encontro de 1980 na Universidade Estadual de Campinas, puxaremos alguns fios para apresentar os caminhos trilhados por Schwarz e por Sarlo do final dos anos de 1950 até meados de 1980 (esse é o conteúdo do primeiro capítulo). O segundo encontro a que faremos menção ocorreu em 1991, na Universidade de São Paulo, e foi dedicado ao tema “Literatura e História na América Latina”. Partindo dessa reunião, indicaremos brevemente (no segundo capítulo) alguns trabalhos desenvolvidos por Sarlo e por Schwarz entre meados de 1980 até os

---

<sup>22</sup> Ana Pizarro. “Prológo”. In: Ana Pizarro (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial / Campinas: Editora da Unicamp, v.1, 1993. Vale notar que uma das principais dificuldades do projeto foi estabelecer comparações entre a literatura brasileira e as demais literaturas latino-americanas, questão que foi amplamente discutida nas reuniões realizadas com o propósito de desenhar o projeto. Essas reuniões ocorreram em 1982, na Universidad Simón Bolívar, em Caracas, e em 1983, na Universidade Estadual de Campinas, interior do estado de São Paulo. Parte das notas sobre as discussões do grupo podem ser conferidas nos livros organizados também por Ana Pizarro: *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985; e *Hacia una historia de la literatura latinoamericana*. Ciudad de México: El Colegio del México, 1987.

anos 2010.<sup>23</sup> Apesar dessa separação – que busca realçar algumas diferenças entre os caminhos trilhados por Schwarz e por Sarlo –, a hipótese levantada, que irá sendo adensada ao longo da dissertação, é a de que tanto suas trajetórias quanto seus trabalhos como críticos se modelam diante dos desafios intelectuais e políticos que surgiram com as ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1966-1973 / 1976-1983).

Antes de prosseguir, é importante fazer uma ressalva. Se Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo vieram a ser reconhecidos como especialistas da literatura brasileira e da literatura argentina, respectivamente, tendo cumprido papéis relevantes em polêmicas dentro dos cenários intelectuais brasileiro e argentino, os contextos de seus encontros entre as décadas de 1980 e 1990 permitem perceber certas questões e certos temas sobre a interpretação da literatura e da cultura que fazem parte de um *círculo transnacional* de preocupações intelectuais e políticas. Digamos, em linhas gerais, que as reflexões sobre a literatura e a cultura, bem como de seus processos de mediação social, ganharam novas camadas de sentido na América Latina no contexto dos regimes autoritários, e que os debates foram esquentando nos anos de abertura política, a partir da década de 1980.

Seguindo essa trilha, o “horizonte latino-americano” mais amplo que exploramos até aqui tem uma justificativa empírica: a partir da segunda metade do século XX, a condição historicamente dependente da América Latina tomou “contornos dramáticos e de evidências inevitáveis”, e essa condição de dependência também passou a ser objeto de investigação dos estudos literários e culturais, que buscaram compreender de variadas maneiras e a partir de distintas matizes teóricas como a literatura produzida na América Latina faz parte da história da literatura do Ocidente.<sup>24</sup> De cópia imperfeita dos modelos europeus (ou norte-americanos), ou vista como produto exótico e singular, derivada de identidades nacionais, as literaturas latino-americanas passaram a ser interpretadas sob a perspectiva da originalidade e

---

<sup>23</sup> Os críticos ainda estiveram presentes na reunião que ocorreu em 1982 na Unicamp para desenvolver o projeto sobre a “História da literatura latino-americana”. Apenas Schwarz participou ativamente do projeto, mas Sarlo acompanhou algumas reuniões que integrantes do grupo estiveram presentes.

<sup>24</sup> Acompanha-se as linhas gerais do argumento de Marcela Croce. “Teoría y práctica en los países periféricos: Fundamentos de un comparatismo intraamericano”. In: *Latinoamérica, ese esquivo objeto de la teoría*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2018.

da relativa autonomia em relação aos modelos, padrões e referências estrangeiras.<sup>25</sup> Nesses termos, ainda que os trabalhos de Schwarz e de Sarlo abordem seus respectivos contextos nacionais, eles podem ganhar novas camadas de sentido quando são vistos a partir de uma chave transnacional que extrapola a comparação Brasil-Argentina.

---

<sup>25</sup> Na segunda parte da dissertação, analisaremos alguns dos ensaios de Schwarz sobre Machado de Assis e trabalhos de Sarlo sobre Jorge Luis Borges, respectivamente os escritores mais estudados por ambos, e veremos como essa questão ganha densidade em suas interpretações.

## Capítulo 1: No meio do caminho, as ditaduras

Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar (...).

Edward Said – *Fora do Lugar* (1999).

No início do ano de 1980, Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo se conheceram nas “Jornadas de Literaturas Latino-americanas”, realizada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Registrando no oitavo número da revista *Punto de Vista* (1978-2008) alguns temas e problemas debatidos no evento, Sarlo observa que com “livre circulação das ideias e das polêmicas”, as discussões se concentraram em três questões principais: (i) a integração ou marginalidade da literatura brasileira em relação às demais literaturas latino-americanas; (ii) a diversidade e unidade literária possível na América Latina; e (iii) a crítica e seus métodos frente à produção literária da região.<sup>26</sup> As memórias de Schwarz sobre as “Jornadas” se aproximam do relato de Sarlo. De acordo com ele, a reunião em Campinas tinha como objetivo pensar a literatura brasileira em comparação com as literaturas hispano-americanas, de modo a problematizar a heterogeneidade que constituía a vida literária e cultural na América Latina, e buscava discutir os métodos de análise da literatura considerando seus vínculos históricos e sociais. Além disso, segundo Schwarz, esse encontro ocorreu em um contexto marcado por um “sentimento latino-americano” e pelo “renascimento do espírito crítico das esquerdas” após os anos mais dramáticos do autoritarismo da ditadura civil-militar brasileira. Guardemos essa observação.<sup>27</sup>

Enquanto Roberto Schwarz era um dos organizadores locais do evento, ao lado de Antonio Candido e de outros professores da Unicamp, Beatriz Sarlo apareceu sem conhecer pessoalmente os participantes da reunião. A crítica comenta que soube da realização das “Jornadas” por meio de uma carta que recebeu de Ángel Núñez, um

<sup>26</sup> Conferir: Beatriz Sarlo. “La literatura de América Latina. Unidad y conflicto”. *Punto de Vista*. Buenos Aires, ano 3, n.8, 1980, pp. 3-4.

<sup>27</sup> Roberto Schwarz. Entrevista concedida a Maria Caroline M. Tresoldi, São Paulo, dezembro de 2016 (mimeo).

colega argentino que estava exilado no Brasil. Na carta, o compatriota comentava que no interior de São Paulo “haveria uma reunião imperdível com grandes críticos literários da América Latina”, e isso motivou Sarlo a comprar uma passagem de ônibus para São Paulo, com o objetivo de escrever uma reportagem sobre a crítica literária de inspiração sociológica praticada na América Latina para a revista *Punto de Vista*, da qual era diretora desde 1978, quando a revista surgiu de modo marginal no cenário intelectual argentino.<sup>28</sup> Vejamos as palavras de Sarlo:

(...) cheguei a Campinas como ‘testemunha’. Escolho esta palavra porque não me corresponde outra. Ninguém me havia convidado; ninguém me conhecia. Numa dessas redes casuais que se formam entre exilados e compatriotas, falava-se de um encontro na cúpula das grandes potências [refere-se a Ángel Rama e a Antonio Candido], entre as quais estava também Antonio Cornejo Polar. Já contei que essas potências me receberam com uma amabilidade que fala delas e não de quem eu era naquele momento. Para apresentar-me, eu tinha apenas sete números de uma revista cultural que dirigia na época, uma revista quase invisível nas condições da ditadura de então. As três potências não exigiram mais e acederam a que eu as entrevistasse para o número seguinte, que saiu em março do mesmo ano de 1980.<sup>29</sup>

Quando Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo se conheceram nas “Jornadas”, eles desempenhavam diferentes atividades intelectuais em seus respectivos países. Naquele momento, Schwarz era professor do Departamento de Teoria Literária na Unicamp, onde foi contratado por intermédio de Antonio Candido em 1978, após passar quase nove anos em um exílio voluntário na França, em decorrência da repressão da ditadura civil-militar brasileira aos intelectuais de esquerda.<sup>30</sup> Schwarz era autor de alguns livros de ensaios sobre literatura e vida cultural brasileira, e mesmo

<sup>28</sup> Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica”. Entrevista concedida a Maria Caroline M. Tresoldi, Buenos Aires, março de 2017 (mimeo).

<sup>29</sup> Beatriz Sarlo. “A Lição do mestre”. In: Maria Augusta Fonseca; Roberto Schwarz. *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.53. A referência da entrevista que Sarlo faz com Candido, Rama e Cornejo Polar é: Beatriz Sarlo. “Antonio Candido: para uma crítica latinoamericana” e “Ángel Rama y Antonio Cornejo Polar: tradición y ruptura”. *Punto de Vista*. Buenos Aires, ano 3, n.8, 1980.

<sup>30</sup> Ressalte-se que a Unicamp foi fundada em 1966, no contexto do regime militar brasileiro, e no ano de 1977 foi criado o Instituto de Estudos da Linguagem sob coordenação de Antonio Candido, com a finalidade de reunir pesquisa e ensino nas áreas de Linguística (que pertencia ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) e de Teoria Literária (cadeira fundada por Candido com especialistas na área que foram seus alunos, entre os quais, Schwarz). Sobre o tema, ver: Antonio Candido. “Depoimento”. In: *Antonio Candido & Roberto Schwarz: a homenagem da Unicamp*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

quando esteve fora do Brasil seus trabalhos foram divulgados em revistas como *Estudos Cebrap* (1971-1980) ou *Argumento* (1973-1974). Seu segundo livro, *Ao vencedor as batatas* (1977), resultado de sua tese de doutoramento na França e dedicado ao estudo dos romances da primeira fase de Machado de Assis, foi vencedor do Prêmio Jabuti de 1978 na categoria de Estudos Literários, o que é um dos indícios de que ele era possuidor de certo prestígio no cenário intelectual de seu país.<sup>31</sup>

Beatriz Sarlo, por outro lado, longe da universidade argentina desde a conclusão de sua graduação, no ano de 1966, organizava coleções de livros de literatura e de crítica literária para o Centro Editor de América Latina (CEAL), e participava de projetos intelectuais coletivos em revistas culturais. No contexto das “Jornadas”, Sarlo era autora do livro *Juan M. Gutiérrez, historiador y crítico de nuestra literatura* (1967), resultado de uma monografia sobre o romantismo no Rio da Prata, com uma análise mais detida da obra do poeta argentino Juan María Gutiérrez, trabalho que lhe conferiu o título de licenciatura em letras. Além disso, Sarlo tinha alguns breves ensaios sobre literatura argentina e outros que problematizavam as relações entre “literatura / sociedade”. A atuação de Sarlo no CEAL e nas revistas *Los Libros* (1969-1976) e *Punto de Vista* (1978-2008) a tornou conhecida no cenário portenho, em particular nos circuitos intelectuais que podemos chamar, ao menos por ora, de “alternativos”, já que não eram caracterizados pelas especialidades acadêmicas.

O contraste entre as atividades intelectuais desenvolvidas por Schwarz e por Sarlo até as “Jornadas de Literaturas Latino-americanas” é realçado quando retomamos as memórias da argentina:

(...) em um encontro que participei em Campinas, em 1980, foi a primeira vez que conheci críticos renomados como Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar. Foi uma das primeiras vezes que estive com grandes figuras intelectuais, pois eu e meus colegas de geração não tivemos grandes professores e tutores. No Brasil, ao olhar Antonio Candido caminhando com seus alunos na universidade, era como se fosse uma manifestação. Sem dúvida, *uma das formas particulares da ditadura brasileira que, inclusive, tinha criado uma universidade em Campinas*. Quando voltei a Buenos Aires, contei aos meus amigos da revista *Punto de Vista* que nossos contemporâneos

---

<sup>31</sup> Schwarz publicou na *Estudos Cebrap*, em 1973, o ensaio “As ideias fora do lugar”, primeiro capítulo de sua tese de doutoramento, e na *Argumento* contribuiu, no mesmo ano, com o texto “Criando o romance brasileiro”, que com modificações compõe o segundo capítulo de sua tese.

brasileiros (como os críticos Roberto Schwarz, Davi Arrigucci etc.) eram pessoas que tinham carreiras relativamente normais, uma formação universitária completa, trabalhando com grandes professores e mestres. Por isso, esse encontro foi um choque, uma experiência única de conhecimento de outro campo intelectual e político, e de outro contexto universitário, que *nos deu consciência das diferenças entre nós e eles*.<sup>32</sup>

Digamos, brevemente, que o comentário de Sarlo sobre a “diferença entre nós e eles” se refere a sua percepção de que, na Argentina, as ditaduras militares durante a segunda metade do século XX afetaram as possibilidades de “continuidade acadêmica”,<sup>33</sup> ao contrário do Brasil, em que as universidades sofreram inúmeras restrições do regime autoritário, mas alguns intelectuais puderam permanecer nela, como o grupo de Antonio Candido e seus assistentes (a exceção, nesse caso, é justamente Schwarz, que se exilou por alguns anos em Paris).<sup>34</sup> Guardemos temporariamente esse comentário para aprofundar as diferenças já sinalizadas entre as trajetórias intelectuais de Schwarz e de Sarlo, observando de perto o percurso de formação de ambos e alguns espaços em que atuaram desde o final da década de 1950 até o início dos anos de 1980. Atentemos, agora, também para os caminhos *quase* inversos que trilharam entre a sociologia e os estudos literários.

Acompanhando a trajetória de Roberto Schwarz, vale notar que ele ingressou no curso de ciências sociais na Universidade de São Paulo (USP) em 1957, tendo feito parte da primeira geração de imigrantes beneficiada pela incipiente expansão do ensino superior brasileiro. A escolha do curso foi em certa medida contingente. Indeciso sobre a carreira, antes de ingressar na faculdade o jovem assistiu algumas aulas nos cursos de letras, de filosofia e de ciências sociais, seguindo os conselhos de Anatol Rosenfeld – um refugiado alemão do nazismo no Brasil, tal como sua família – que orientava seus estudos em casa. Impressionado com uma aula de política, ministrada por Paula Beiguelman, acabou optando pelas ciências

---

<sup>32</sup> Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica” (entrevista citada).

<sup>33</sup> Beatriz Sarlo. “A Lição do mestre”. In: Maria Augusta Fonseca; Roberto Schwarz. *Antonio Candido 100 anos (Op. Cit.)*.

<sup>34</sup> Sobre o trabalho desenvolvido por Antonio Candido na cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo durante os primeiros anos da ditadura militar brasileira, e posteriormente na coordenação do Instituto de Estudos Literários da Unicamp, ver: Rodrigo Ramassote. “A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978). Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

sociais, mas no decorrer do curso percebeu que essa não era exatamente a sua vocação.<sup>35</sup>

Durante os anos de graduação, Schwarz menciona frequentemente que duas experiências foram centrais para sua formação: a participação em um seminário de leituras sobre *O Capital* (1867), de Karl Marx, um autor que naquele momento era pouco estudado nas salas de aula das universidades brasileiras, e a convivência com o professor Antonio Candido, que ministrava suas últimas aulas na Cadeira de Sociologia II da USP, como assistente de Fernando Azevedo. De certo modo, as duas experiências permitiam que o jovem se aproximasse das discussões intelectuais e políticas sobre o Brasil, que até então lhe eram um pouco distantes, já que em sua casa predominava a língua e a cultura alemã.

Esse grupo de leituras d' *O Capital*, que ficou conhecido como "Seminário de Marx", teve início 1958 com a iniciativa de alguns jovens professores de diferentes cursos, como José Arthur Giannotti, da filosofia; Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso e Octávio Ianni, das ciências sociais; Paul Singer, da economia; e Fernando Antonio Novais, da história. Além dos professores, participaram da empreitada alguns alunos, como, por exemplo, Roberto Schwarz, Michael Löwy, Bento Prado Junior, Leôncio Martins Rodrigues, Francisco Weffort, entre outros. Reunindo-se mais ou menos a cada quinze dias, o grupo se dedicava à leitura minuciosa do principal livro de Marx, e as reuniões em geral acabavam com discussões sobre a vida intelectual e política brasileira. Na percepção de Schwarz sobre o seminário, quando os professores do grupo foram escrevendo suas teses de doutoramento durante aqueles anos, de algum modo as discussões realizadas foram aparecendo, deixando clara a distância entre "a construção marxista e a experiência histórica do país". Mais do que apontar as incongruências entre a análise de Marx sobre a formação do capitalismo na Europa e a realidade brasileira, de uma ex-colônia de exploração, Schwarz argumenta que aos poucos foi surgindo a tese coletiva de que o "desajuste" entre os modelos europeus e a matéria brasileira seriam parte do desenvolvimento desigual do capitalismo.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Roberto Schwarz. "Na periferia do capitalismo". In: *Martinha versus Lucrecia: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.281.

<sup>36</sup> Como veremos, trata-se de um problema teórico amplamente discutido no conjunto dos trabalhos de Schwarz, especialmente em seus ensaios sobre os romances de Machado de Assis. No prefácio de *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), Schwarz assinala que a interpretação social da qual

As discussões com o professor Antonio Candido, por sua vez, começaram timidamente quando Schwarz estava no segundo ano da graduação. Naquele contexto, embora fosse professor do curso de ciências sociais, Candido já era uma figura conhecida na crítica literária brasileira, pois escrevia, desde os anos de 1940, notas sobre literatura em jornais de grande circulação. Além de participar da revista *Clima* (1941-1944), composta por um grupo de jovens universitários da USP que conjugavam um “ensaísmo crítico com questões à altura do rigor universitário da época”,<sup>37</sup> Candido era autor de alguns trabalhos voltados para a crítica literária e a literatura brasileira, como, por exemplo, *O Método Crítico de Sílvio Romero* (1945) e *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Quando Schwarz conheceu o professor, ele estava passando oficialmente das ciências sociais aos estudos literários. Entre os anos de 1959 e 1960, Candido assumiu o cargo de professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no interior do estado de São Paulo, e Schwarz, mirando o exemplo de Candido, foi lhe fazer uma visita para pedir conselhos, já que gostava de literatura e se sentia desiludido com os rumos que a sociologia tomava na USP, cuja linha principal estava voltada para pesquisas empíricas e quantitativas.<sup>38</sup> Ao se formar em ciências sociais, no ano de 1960, Schwarz seguiu os conselhos de Candido de fazer mestrado em Literatura Comparada no exterior, o que poderia lhe abrir caminhos para ensinar em letras.

---

parte depende das análises desenvolvidas por seus professores na Universidade de São Paulo e especialmente do grupo que se reuniu para estudar *O Capital*. Sobre o seminário, consultar: Roberto Schwarz. “Um seminário de Marx”. In: *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; e Lidiane Soares Rodrigues. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. Tese em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

<sup>37</sup> Participaram do grupo *Clima* nomes como Paulo Emílio Sales Gomes, Décio de Almeida Prado, Gilda de Mello e Souza, entre outros. Sobre o grupo, conferir: Heloísa Pontes. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>38</sup> O comentário é do próprio Roberto Schwarz. “Na periferia do capitalismo”. In: *Martinha versus Lucrecia*. (*Op. Cit.*). Naquele momento, os trabalhos orientados pela perspectiva de Florestan Fernandes, na Cadeira de Sociologia I da USP, impulsionavam a pesquisa empírica e monográfica, de modo a se contrapor ao ensaísmo das décadas anteriores e estabelecer um padrão “mais científico” para a sociologia. O estudo da literatura e das artes no âmbito sociológico, que tinha sido importante quando Roger Bastide estava à frente da Cadeira de Sociologia I, já não possuíam o mesmo prestígio. Nesse sentido, a escolha de Schwarz em passar para a área de letras, além de seu gosto pessoal por literatura, também tem ligação com o ambiente institucional da USP. Sobre o processo de institucionalização das ciências sociais na USP e as relações entre ensaístas e críticos literários universitários, consultar: Luiz Carlos Jackson e Alejandro Blanco. *Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970)*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2014.

Antes de seguir para o mestrado na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, onde conseguiu uma bolsa de estudos, Schwarz revela que já tinha algumas áreas de interesses nos estudos literários. Mais especificamente, aponta que participou de um congresso na cidade de Assis que foi “decisivo” para os caminhos que estava trilhando. Nesse congresso, realizado em 1961, Antonio Candido apresentou uma comunicação na qual anunciava seu programa crítico posterior à *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Procurando evitar as armadilhas de uma “crítica sociológica” que reduziria a análise da literatura aos seus conteúdos sociais, ou as armadilhas de uma leitura estritamente “formalista”, que muitas vezes separava as obras literárias da cultura mais ampla, Candido sugeria uma leitura na qual os elementos da vida social se estruturam no interior das obras literárias como *forma*. Em outras palavras, para Candido, o social da obra literária estaria principalmente em sua forma, e é esta que deveria ser o objeto de investigação privilegiado da crítica literária e cultural. Nessa aposta teórico-metodológica, que ficou mais conhecida como “método da redução estrutural”, a sociologia (e as ciências sociais de modo mais amplo) poderiam ser acionadas como um “ponto de vista” para o crítico compreender como os elementos extraliterários eram dispostos na forma estética.<sup>39</sup>

Essa perspectiva metodológica era nova na crítica literária brasileira, e, na visão do jovem aluno, tinha paralelos com as formulações de autores da crítica marxista, como Georg Lukács, Theodor Adorno e Walter Benjamin, que o estudante de ciências sociais conheceu “sobre fundo de simpatias marxistas que vinham de antes, e graças também às boas livrarias alemãs que havia em São Paulo na época”.<sup>40</sup> No primeiro livro de ensaios de Schwarz, *A sereia e o desconfiado* (1965), que reúne notas sobre literatura brasileira escritas nos rodapés do suplemento literário d’ *O Estado de São Paulo*, e ensaios sobre literatura estrangeira feitos como aproveitamento de sua estadia escolar nos Estados Unidos, já é presente uma análise que combina ao mesmo tempo considerações estéticas e sociais, mobilizando

---

<sup>39</sup> A comunicação apresenta por Antonio Candido resultou no ensaio “Crítica e Sociologia”, publicado em *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1965] 2011. Discussões sobre a forma em Antonio Candido podem ser conferidas em: Leopoldo Waizbort. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

<sup>40</sup> Roberto Schwarz. “Tira-dúvidas com Roberto Schwarz”. Entrevista concedida a Afonso Fávero, Airton Paschoa, Francisco Mariutti e Marcos Felleiros. *Novos Estudos*. São Paulo, n.58, 2000.

ferramentas analíticas tomadas de empréstimo de Lukács, de Adorno e, especialmente, de Benjamin.<sup>41</sup>

Após a realização do mestrado na Universidade de Yale, entre 1961 e 1963, sob orientação de René Wellek – um dos fundadores dos estudos de Literatura Comparada nos Estados Unidos –, Schwarz retornou ao Brasil e se tornou assistente de Antonio Candido na cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, inaugurada em 1961 sob sua coordenação.<sup>42</sup> Nos primeiros anos, como comenta Davi Arrigucci Junior, o curso de Teoria Literária estava baseado na proposta de pensar as imbricações entre literatura e sociedade, e textos de Candido como “A literatura e o público”, “Literatura e vida social”, “Os estímulos da criação literária”, incluídos em *Literatura e Sociedade* (1965), eram muito discutidos nas salas de aula.<sup>43</sup> Ainda de acordo com Arrigucci, o curso combinava uma parte mais teórica, sobre a natureza e a função da literatura, com outra parte mais “prática”, focada na análise de textos literários. Na parte teórica, além dos textos de Candido, havia introdução aos estudos literários, e eram discutidos textos de críticos ligados ao *New Criticism*, à crítica alemã (como Georg Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Erich Auerbach etc.), além de autores das escolas estilísticas ou os formalistas russos. Na parte prática, eram lidos escritores nacionais e estrangeiros, como Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, no caso dos brasileiros; e Edgar Allan Poe, Anton Tchekov, Henry James, Gustave Flaubert, James Joyce etc., no caso dos estrangeiros.

Além de ministrar aulas como assistente de Candido, o jovem professor também animou uma nova versão do “Seminário de Marx” ao lado de colegas como Sérgio Ferro, Ruy Fausto, Cláudio Volga Albertina, João Quartim de Moraes, Emir Sader, Marilena Chauí, Emília Viotti, Lourdes Sola, entre outros. De diferentes áreas,

---

<sup>41</sup> No primeiro livro, Schwarz se dedica à análise de um conjunto amplo de autores de tradições variadas, como Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Raul Pompéia, Graça Aranha, Thomas Mann, Franz Kafka, Fiódor Dostoiévski, Henry James, Honoré de Balzac, Nathaniel Hawthorne etc. Ver: Roberto Schwarz. *A Sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1965], 1981.

<sup>42</sup> Antonio Candido comenta, em seu *Memorial*, que ao ser contratado no final de 1960 para inaugurar o ensino de Teoria Literária da USP, preocupou-se em formar equipe para desenvolver as atividades na disciplina e Roberto Schwarz foi o primeiro “recrutado” e encaminhado aos Estados Unidos. Conferir: Antonio Candido. *Memorial: concurso de Professor Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada*. São Paulo: FFLCH/USP, 1974.

<sup>43</sup> Davi Arrigucci Jr. também foi assistente de Candido, ao lado de Schwarz, de Walnice Nogueira Galvão e outros. Ver: Davi Arrigucci Jr. Entrevista concedida a Luiz Carlos Jackson, Fernando Pinheiro Filho e Gustavo Sora. *Tempo social*. São Paulo, v. 23, n. 2, 2011.

o grupo seguiu o esquema de leituras e discussões quinzenais sobre *O Capital*, mas, inserido no contexto das mobilizações sociais e políticas em torno de 1964, não se restringiu às discussões teóricas.<sup>44</sup> Após o golpe de Estado no Brasil, orquestrado por setores militares e apoiados por parte da sociedade civil, Schwarz participou das mobilizações contra a ditadura, e um de seus principais gestos ao lado dos colegas da segunda versão do “Seminário de Marx” foi a organização da revista de cultura e política *Teoria e Prática*, que foi publicada entre 1967 e 1968, sendo encerrada pela censura da ditadura militar em seu terceiro número.

Essa revista, inspirada na *New Left Review* (1960-), buscava criar um espaço crítico que diminuía na imprensa brasileira para os intelectuais de esquerda, e Schwarz escreveu, tanto em seu nome como com o pseudônimo de Bertha Dunkel, textos ligados à literatura e ao marxismo, e traduziu um dos textos de sociologia da música de Adorno. Além disso, entre suas funções na revista, procurava intelectuais e artistas dispostos a colaborar com publicações. Em visitas ao Rio de Janeiro, por exemplo, o jovem crítico entrou em contato com poetas cariocas que produziam uma poesia de enfrentamento à ditadura, como Francisco Alvim, Antônio Carlos de Brito (Cacaso) e Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal) – que ficaram conhecidos como “poetas marginais” ou “geração do mimeógrafo”, uma vez que suas produções estavam fora do circuito das editoras e eram distribuídas mimeografadas, como se fossem testemunhos de contracultura.<sup>45</sup> Envolvido nas atividades da *Teoria e Prática*, quando a repressão da ditadura militar aos intelectuais de esquerda começou a se intensificar a partir de 1968, pouco antes da promulgação do Ato Institucional número cinco, Schwarz precisou pedir um afastamento de suas atividades na Universidade de São Paulo. Como a polícia começou a procurá-lo em seu endereço (que era utilizado

<sup>44</sup> Sobre os dois momentos dos seminários de leituras de Marx, conferir: Roberto Schwarz (*et. al.*) *Nós que amávamos tanto “O capital”*: Leituras de Marx no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>45</sup> Roberto Schwarz. Entrevista concedida a Maria Caroline M. Tresoldi, São Paulo, dezembro de 2016 (mimeo). Note-se que a aproximação com os poetas não ocorreu por acaso. Schwarz também escreveu algumas poesias de resistência e contracultura, que tinham alguma afinidade com o que o grupo carioca fazia. As poesias escritas por Schwarz nestes anos foram publicadas, por intermédio de Chacal, em *Corações Veteranos* (1974) e na antologia *26 poetas hoje* (1976), organizado por Heloísa Buarque de Hollanda. O conjunto dessas poesias colocam o crítico como uma espécie de poeta marginal honorário. Em 1959, Schwarz já havia publicado algumas poesias, compiladas em *Pássaro na Gaveta* (1959). Além das poesias, destaca-se em sua produção literária a peça *A lata de lixo da história* (1977), escrita quando Schwarz estava sendo perseguido pela ditadura e se refugiava na casa de amigos na passagem de 1968 para 1969. Inspirado em Bertolt Brecht, em Nicolau Maquiavel e nos personagens d’ *O Alienista* de Machado de Assis, Schwarz procura figurar o passado de desmandos autoritários que teimava em não passar. Ver: Roberto Schwarz. *A lata de lixo da história*: chanchada política. São Paulo: Companhia das Letras, [1977] 2014.

como sendo o endereço de correspondência da revista), preferiu se esconder na casa de amigos e depois deixar o país.<sup>46</sup>

No exílio na França, Schwarz se sustentou com uma indenização de guerra recebida por sua mãe, e conviveu com colegas, políticos e intelectuais de oposição à ditadura brasileira, com os quais fez contatos e conseguiu trabalhos temporários. Uma das principais mediadoras para os intelectuais brasileiros arrumarem trabalhos foi Violeta Arraes Gervaiseau, irmã do político brasileiro Miguel Arraes, que não apenas deu apoio aos compatriotas exilados, como atuou na chamada “Frente Brasileira de Informações”, dedicada a denunciar as violações dos direitos humanos cometidos pela ditadura militar brasileira. Gervaiseau, que ficou conhecida como “Rosa de Paris”, conseguiu um espaço para Schwarz publicar no jornal *Le Monde* um retrato dos primeiros anos da ditadura militar.<sup>47</sup> Embora não tenha conseguido cumprir o prazo do jornal, foi um incentivo para que ele começasse a escrever sobre a experiência recente de seu país, que resultou no ensaio “Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969”, publicado em 1970 na revista *Les Temps Modernes*, dirigida por Jean Paul-Sartre.<sup>48</sup>

Neste ensaio, Schwarz vai sinalizando como os anos de 1950 e os primeiros anos de 1960 foram de agitação na esquerda, com sentimentos de

---

<sup>46</sup> O chamado “AI-5”, promulgado em dezembro de 1968, iniciou um dos períodos mais dramáticos da ditadura civil-militar brasileira, com grande repressão aos estudantes, pesquisadores e professores da universidade que se opunham ao regime militar. Desde o início da ditadura a universidade sofreu com vigilância constante, com a cassação e punição de professores, e o movimento estudantil foi severamente atacado, mas, no contexto do AI-5, as restrições e punições se intensificaram (sobretudo para os intelectuais vinculados às áreas de ciências sociais e filosofia, que foram afastados ou aposentados compulsoriamente). Embora Roberto Schwarz não tenha perdido diretamente o cargo como assistente, preferiu se exilar. Vejamos seu relato sobre o período: “a minha militância era modesta, mas na época não havia proporção entre o que o cidadão fazia e o risco que ele corria. A polícia passou em casa um par de vezes e felizmente não me encontrou. Numa delas explicou à minha mãe que eu tinha comprado um canário e não tinha pago. Aí achei que era hora de ir embora. Saí de casa no final de 1968, vários amigos me abrigaram por algum tempo e em abril de 1969 fui para a França”. Conferir: Roberto Schwarz. Entrevista. In: Paula Montero; Flávio Moura. *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Sobre as universidades no contexto da ditadura brasileira ver: Rodrigo Motta. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<sup>47</sup> Roberto Schwarz. Entrevista. In: Paula Montero; Flávio Moura. *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

<sup>48</sup> O ensaio teve uma repercussão considerável, sendo traduzido rapidamente para o espanhol pela Casa das Américas (em 1970), e para o alemão e o italiano (em 1971). No Brasil, apareceu na coletânea *O pai de família e outros estudos* (1978), com o título “Cultura e política, 1964-1969”. Vale observar que essa coletânea, com textos escritos entre 1964 e 1978, responde de certo modo ao contexto de autoritarismo e modernização conservadora que a ditadura colocou em movimento. É digno de nota, também, que a coletânea é dedicada ao “mestre-açu-Acê” de Schwarz, que é Antonio Candido, uma presença formadora em sua trajetória intelectual.

transformação social e discussões de projetos de nação, mas que acabaram sendo realinhados de modo decepcionante por conta do golpe militar de 1964, compreendido como o momento em que as elites brasileiras optaram por um caminho oposto ao do desenvolvimento voltado para a integração social. Além de fazer severas críticas ao regime militar então em andamento, cuja repressão e autoritarismo eram sentidos em diversas esferas da vida social e política (nas universidades, no campo, nos sindicatos, nas igrejas etc.), Schwarz também critica o campo mais hegemônico da esquerda antes do golpe, que era pouco preocupado com a organização da luta de classes, apesar de antiimperialista. Esse campo, representado pelo Partido Comunista, sugeria uma aliança com a burguesia nacional para liquidar os “aspectos arcaicos da sociedade brasileira, basicamente o latifúndio, contra o qual deveria erguer-se o povo, composto por todos aqueles interessados no *progresso* do país”.<sup>49</sup> Apostava-se, mais especificamente, na modernização e urbanização do país como solução para seus problemas, o que significava, em termos econômicos, a ampliação do mercado interno por meio de uma reforma agrária. O governo que se instaurou com o golpe militar, no entanto, não era “atrasado” como sugeria o senso comum da esquerda, mas “moderno”, pois “levava a cabo a integração econômica e militar com os Estados Unidos, a concentração e a racionalização do capital”.<sup>50</sup> Para Schwarz, a tarefa central após o golpe era entender como e em que termos a pauta de modernização e os projetos de desenvolvimento estavam sendo adotados e implantados por um governo de direita, considerando que a modernização vinha sendo um dos pilares da agenda do nacional-desenvolvimentismo desde a década de 1930.

É possível aventar a hipótese de que Schwarz faz dois movimentos importantes nesse ensaio que, de algum modo, percorrem o conjunto de seus trabalhos posteriores. De um lado, sugere que o Brasil seria um país com um passado pela frente, já que a fratura história e política provocada por 1964 deixava claros determinados problemas da formação social do país, sintetizados como “a combinação, em momentos de crise, do moderno e do antigo”, ou, em outros termos, o amálgama entre formas avançadas de integração internacional e relações sociais

---

<sup>49</sup> Roberto Schwarz. “Cultura e política, 1964-1969”. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, [1978] 2008, p.76, grifo no original.

<sup>50</sup> Roberto Schwarz. “Cultura e política, 1964-1969”. In: *O pai de família e outros estudos*. (Op. Cit.), p.84.

que davam continuidade à dinâmica já existente. A “coexistência do antigo e do novo”, na leitura de Schwarz, é um fato geral das sociedades burguesas, mas, em países com passado colonial e depois subdesenvolvidos, ela “tem força de emblema”, uma vez que a ligação destes com o mercado mundial – o que se convencionou chamar de mundo moderno – “se faz *através*, estruturalmente através de seu atraso social, que se reproduz em lugar de se extinguir”.<sup>51</sup> De outro lado, ao analisar a produção cultural do período logo após o golpe, notadamente o Teatro de Arena, o movimento Tropicalista e o Teatro do Oprimido, que assumiam posturas diversas em relação à ditadura, Schwarz vai armando seu programa de pesquisa: compreender os acertos e os impasses estéticos do Brasil a partir da dinâmica social local e de suas relações com o movimento mais geral da sociedade contemporânea. Se os primeiros ensaios de Schwarz publicados n’ *A sereia e o desconfiado* já tinham a intenção de fazer uma análise a um só tempo estética e social, eles ganham uma nova armação teórica após “Cultura e política, 1964-1969”, uma vez que o crítico vai apostando em uma leitura estética e social do Brasil à luz também do capitalismo mundial.

No período em que Schwarz passou na França, ele foi colocando esse programa de pesquisa em andamento, tanto ministrando aulas de literatura brasileira na Universidade de Paris VIII (Universidade de Vincennes, entre 1970 e 1973), quanto preparando sua tese de doutoramento “Forme litteraire et processus social aux debuts du roman bresilien”, que foi defendida em 1976 no programa de Estudos Latino-Americanos na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle). A tese de Schwarz, publicada no Brasil com o título *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (1977), investiga, a partir dos romances urbanos de José de Alencar e dos romances da primeira fase de Machado de Assis, o modo como a forma do romance moderno foi aclimatada no Brasil, além de apontar ajustes e desajustes entre os variados modelos europeus importados e a empiria brasileira. Veremos de modo mais preciso os argumentos de Schwarz na segunda parte da dissertação. Por ora, interessa observar em que termos se estabelece a relação entre “forma literária e processo social” que Schwarz propõe para interpretar “os inícios do romance brasileiro”.

---

<sup>51</sup> Roberto Schwarz. “Cultura e política, 1964-1969”. In: *O pai de família e outros estudos*. (Op. Cit.), p.91, grifos do autor.

Pouco depois de defender a tese, Schwarz escreveu um ensaio no qual resenha o que chama de “primeiro estudo literário propriamente dialético” produzido no Brasil, cujo achado decisivo, a seu ver, foi o de descobrir a forma literária em um sentido “emancipado”.<sup>52</sup> O estudo em questão seria o ensaio “Dialética da Malandragem” (1970), de Antonio Candido. Na interpretação que Schwarz elabora em “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da Malandragem’” (1979), temos algumas pistas e indícios de como o crítico compartilha com Candido a proposta de estudar as imbricadas relações entre forma literária e processo social e, em sentido algo diverso, de como se aproxima de uma tradição marxista “contraditória”, composta por autores como Georg Lukács e Theodor Adorno.<sup>53</sup>

De modo resumido, Schwarz aponta que, ao investigar a forma literária de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1853), de Manuel Antonio de Almeida, Antonio Candido sugere uma nova interpretação sobre o romance-folhetim, e mesmo sobre a literatura brasileira vista em seu conjunto. Investigando as apreciações feitas sobre *Memórias*, Candido sopesa tanto as interpretações que sugeriam que o romance seria picaresco (ou seja, herdeiro de certa tradição literária europeia) quanto as análises que tomaram o romance como documentário (tingido de costumes e de cenas do tempo do rei, época em que se desenrola a narrativa). Para Schwarz, ao acompanhar o modo como o herói Leonardinho Pataca e as demais personagens do romance-folhetim se movimentam entre as esferas da ordem social e da desordem, Candido encontra a “*formalização estética* de um ritmo geral da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX”,<sup>54</sup> mas vista por um de seus setores, o dos homens livres pobres, que, não sendo escravos e nem pertencendo às classes de comando, encontravam-se em um espaço social “intermediário”, no qual “não era possível

---

<sup>52</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, [1987] 2012, p.129.

<sup>53</sup> Aqui vale registrar dois aspectos dos trabalhos de Schwarz. Em primeiro lugar, note-se que os ensaios do crítico que dão indicações de seu método de estudo em literatura são textos dedicados a analisar aspectos da obra de Antonio Candido. É o caso de “Pressupostos...” e, também, de “Adequação nacional e originalidade crítica” e “Os sete fôlegos de um livro”, ambos incluídos em *Sequências Brasileiras* (1999). Em segundo lugar, cabe observar que a expressão “tradição contraditória” é utilizada por Schwarz no prefácio de *Um mestre na periferia do capitalismo*, referindo-se, além de Lukács e Adorno, também a Benjamin e Bertolt Brecht. Com a expressão, ele indica que os autores que formam essa tradição são muito diferentes entre si, mas ganham quando lidos juntos, já que cada qual a seu modo se dedica ao “método dialético” para interpretar as formas estéticas em sua relação com conteúdos sociais, além de retomarem problemas caros ao marxismo de diferentes ângulos (como luta de classes, alienação, fetichismo da mercadoria etc.).

<sup>54</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos salvo engano da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?*. (*Op. Cit.*), p.132, grifos no original.

prescindir da ordem nem viver dentro dela”. Por meio da análise formal, segundo Schwarz, Candido defende que o romance é “representativo” e que seu herói não é um pícaro, mas um “malandro”, uma figura histórica original, cujo lastro remonta tanto à produção satírica do período regencial quanto à sociabilidade popular brasileira.

Para o crítico mais novo, o procedimento metodológico de Candido é perceber um “princípio de generalidade” que organiza tanto os dados da realidade quanto os dados da ficção, e encontra na forma sua dimensão comum.<sup>55</sup> Do ponto de vista do “ato crítico” (o que Schwarz chama de “justificativa racional de um juízo literário”), isso significa “ler o romance sobre o fundo de real e estudar a realidade sobre o fundo de romance” até descobrir, entre os variados aspectos formais de uma obra, aquele que representa tanto uma “síntese” do movimento histórico quanto o princípio que organiza os demais elementos de que ela é composta; no caso em questão, Candido descobriu, ao observar o desenvolvimento das ações das personagens das *Memórias*, um movimento de oscilação entre a ordem e a desordem que acontecia tanto na ficção quanto na realidade. A interpretação de Candido, para Schwarz, acentua o caráter específico e original – no bom e no mau sentido – da literatura brasileira, naquilo em que esta não é simples repetição das formas europeias; digamos que ao contrário de uma crítica nacionalista que valoriza a cor local da literatura como modo de expressão da identidade nacional, Candido traz para o primeiro plano de análise o “Brasil processo-social”, aproximando-se, de certo modo, de uma reflexão dialética “cujo referente não é o país do coração, mas o país verdadeiro (o das classes sociais)”.<sup>56</sup>

Schwarz reconhece que Candido é discreto nas afirmações teóricas e na posição metodológica, mas destaca que sua concepção de forma tem um parentesco com a tradição marxista, para a qual a forma social é objetiva, isto é, “antes de intuída e objetivada pelo romancista, a forma que o crítico estuda foi produzida pelo processo

---

<sup>55</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos salvo engano da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?*. (Op. Cit.), p.140. Na terminologia de Candido, a redução estrutural é “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudado em si mesma, como algo autônomo”. Em termos mais simples, a forma é tanto o princípio que sustenta o romance, quanto a “redução estrutural” de um elemento externo a literatura que pertence à história. Conferir: Antonio Candido. “Prefácio”. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1993] 2010, p.9.

<sup>56</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos salvo engano da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?*. (Op. Cit.), p.136.

social, mesmo que ninguém saiba dela”.<sup>57</sup> Trata-se, mais especificamente, da concepção de forma de Lukács, segundo a qual as construções literárias dependem da historicidade das formas sociais, e da perspectiva de Adorno, de acordo com o qual a experiência social e histórica é sedimentada na configuração estética das obras de arte.<sup>58</sup> Em ambos os casos, como também para Candido, a observação formal e a confiança no “valor de conhecimento da arte”, é uma via para a descoberta de novos aspectos da realidade.

Aproximando a concepção de forma de Candido (que coloca novos pontos de vista sobre a literatura brasileira), à tradição marxista, Schwarz vai deixando pistas de como apreender as imbricadas relações entre “forma literária e processo social”. Mas convém notar que essa aproximação é analiticamente interessada. Para o crítico mais novo, o argumento de Candido sobre a “dialética da ordem e da desordem” oscila entre a consideração histórica e uma dimensão culturalista – cujos termos, alerta, não são opostos, mas pertencem a dimensões diferentes da realidade. De modo mais preciso, a dialética da ordem e da desordem é vista, por um lado, da perspectiva de um setor social “num quadro de antagonismos de classe historicamente determinado”; por outro lado, é entendida como o “*modo de ser brasileiro*, isto é, um traço cultural” das camadas sociais mais baixas, que serve de comparação com os modos característicos de outros países;<sup>59</sup> ao final do ensaio, por exemplo, Candido contrapõe a sociabilidade rígida figurada n’ *A Letra escarlata* (1850), de Nathaniel Hawthorne, permeada pelo sentimento extremado de culpa e a rigidez da lei moral dos puritanos norte-americanos, ao “mundo sem culpa” que é característico das *Memórias*, reivindicando a “malandragem” contra o “puritanismo”.

Embora Schwarz reconheça que a “reivindicação da dialética da malandragem contra o espírito do capitalismo” possa ser uma das respostas de Candido ao processo de modernização conservadora em curso no momento em que escreve o ensaio (o ano de 1970), sua ênfase recai sobre a dimensão processual do argumento de Candido a respeito da “dialética da ordem e da desordem”, que não

---

<sup>57</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos salvo engano da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?* (Op. Cit.), p.141.

<sup>58</sup> Ver, por exemplo: Georg Lukács. *A alma e as formas: ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015; e Theodor Adorno. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

<sup>59</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos salvo engano da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?* (Op. Cit.), p.150, grifos no original.

representa apenas um caráter nacional, cultural, mas uma contingência histórica do processo dinâmico do capitalismo, que produz certos efeitos na periferia. Seguindo essa trilha, ao recuperar autores da “tradição contraditória” já referida e em diálogo com seus colegas do Seminário de Marx, Schwarz vai sugerindo a possibilidade de se fazer a sondagem do mundo contemporâneo (como fala Adorno) e analisar as contradições da experiência capitalista *a partir da matéria brasileira*, investigando, em particular, as relações sociais impostas pela máquina do colonialismo e como estas se articulam com o movimento global da ordem do capital.<sup>60</sup>

Esse programa crítico de estudar as relações imbricadas entre forma literária e processo social continuou quando Schwarz retornou ao Brasil no final de 1977. Na última página da primeira edição de *Ao vencedor as batatas* anunciava, inclusive, que o estudo sobre Machado de Assis teria continuidade. E, além de Machado, o crítico foi interpretando outros momentos chave da literatura brasileira e do pensamento social no decorrer do século XX – digamos que procurou “pensar o pensamento” sobre o Brasil inscrito em variados textos da cultura, e, a partir desse movimento, encontrar perspectivas para entender e explicar as tensões e ambiguidades do processo social brasileiro.<sup>61</sup> Suas pesquisas foram desenvolvidas em paralelo às atividades que ocupou como professor do Departamento de Teoria

<sup>60</sup> É importante ressaltar que ao analisar “Dialética da Malandragem”, Schwarz está retomando um programa de estudo em teoria e crítica literária que, proposto por Candido sobretudo ao assumir a Cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP, estava se consolidando no Brasil. As divergências com Candido são de outra ordem – Schwarz não parece compartilhar da visão positiva do argumento de Candido sobre a “dialética da ordem e da desordem” – e essas divergências são silenciosas no ensaio, predominando um tom mais elogioso. Sobre as continuidades e descontinuidades nos projetos intelectuais de Candido e de Schwarz, ver: Alfredo Melo. “Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira”. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2014.

<sup>61</sup> Quando Schwarz foi contratado como professor da Unicamp, ele apresentou um plano de estudos da obra machadiana: “entre os aspectos do romance de Machado está a mutação contínua e ostensiva dos pontos de vista, que se poderia chamar também de *volubilidade do narrador*. Esta foi muito notada pela crítica – a qual às vezes a considera como um defeito – mas não foi examinada ou interpretada mais longamente. Em minha opinião trata-se de a) a dimensão formal decisiva do romance machadiano, b) uma solução literária para impasses intelectuais de construção que vinham tomando corpo na ficção urbana brasileira (Manuel Antonio de Almeida, Macedo, Alencar e Machado em sua primeira fase), e c) a estilização sem complacência do comportamento ideológico a que a posição dependente do país obrigava e obriga os seus cidadãos, estilização em que pela primeira vez este comportamento se torna propriamente um problema. É este o assunto de meu estudo”. Como veremos, esse programa de trabalho resulta em *Um mestre na periferia do capitalismo*, publicado em 1990. De certo modo, o que Schwarz indica como sendo a “volubilidade do narrador” machadiano é o elemento de “redução estrutural” como propõe Candido – a volubilidade é, por exemplo, o princípio de composição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que estrutura tanto os dados internos – a forma literária – quanto os externos – os elementos propriamente sociais da experiência brasileira do final do século XIX). A referência é: Roberto Schwarz. “Plano de Trabalho”. *Processo de Vida funcional*. São Paulo, Unicamp, fls.18, 1977.

Literária na Unicamp, onde deu cursos sobre literatura brasileira e sobre o realismo; e como editor da revista *Novos Estudos* do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), revista que foi inaugurada em 1981 com um editorial de sua autoria. Este editorial, inclusive, é expressivo das posições teóricas e políticas de Schwarz e merece uma nota. Em “Amor sem uso”, Schwarz chama a atenção para a necessidade de rearticular o debate intelectual que foi se dispersando durante a ditadura militar e observa a urgência de construir uma produção intelectual coletiva, “desejosa de participação”, que não ficasse restrita ao âmbito universitário, e pudesse contribuir com a reflexão social sobre o país naquele momento de reabertura democrática, que colocavam imensos desafios para a vida social e política brasileira.<sup>62</sup> Na *Novos Estudos* e em jornais de ampla circulação no Brasil, como a *Folha de São Paulo*, Schwarz publicou grande parte de seus ensaios e entrevistas nesse contexto, o que é uma das pistas de que ele procurava contribuir com o debate público sobre o país a partir de sua área de especialização: a crítica literária e cultural.

No que se refere à trajetória, à atuação profissional e aos projetos em que Beatriz Sarlo se inseriu no início de sua carreira, salta aos olhos outro tipo de percurso intelectual, marcado por mais negociações em busca de legitimação como crítica literária/cultural e professora universitária. Como já vimos a partir do comentário que Sarlo tece sobre as “Jornadas de Literaturas Latino-americanas”, ela e seus colegas da revista *Punto de Vista* não tiveram uma formação acadêmica continuada, com professores que orientassem seus estudos e trabalhos. À margem das universidades argentinas, que sofreram com a censura e com a intervenção das ditaduras militares a partir dos anos de 1960, essa geração de intelectuais obteve uma formação mais “informal”, “irregular”, “autodidata”, “improvisada”, já que as editoras e revistas de crítica literária e cultural em que trabalharam forjaram seus espaços simbólicos de pós-graduação.<sup>63</sup> Além disso, de modo praticamente inverso ao de Roberto Schwarz,

<sup>62</sup> Roberto Schwarz. “Amor sem uso”. *Novos Estudos*. São Paulo, n.1. v.1, 1981. O crítico manteve próximo diálogo com os pesquisadores do Cebrap, fundado em 1969 por alguns dos professores que foram afastados da Universidade de São Paulo com o AI-5 (como Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, José Arthur Giannotti, entre outros). Nos anos de 1980 e meados de 1990, o conselho que dirigia a revista *Novos Estudos* era o mesmo conselho diretor do Cebrap, como, por exemplo, Juárez Rubens Brandão Lopes, Francisco de Oliveira, Antônio Flávio de Oliveira Pierucci, Carlos Estevam Martins, Danielle Ardaillon. Pedro Paulo Poppovic, Perseu Abramo, Vinícius Caldeira Brant e Roberto Schwarz. Sobre o tema, ver: Paula Montero; Flávio Moura. *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

<sup>63</sup> As aspas se referem aos adjetivos utilizados tanto por Beatriz Sarlo quanto por Carlos Altamirano, um de seus colegas desde o final da década de 1960. Sarlo menciona que Graciela Montes, com quem trabalhava no Centro Editor, referia-se ao projeto editorial como “nossa pós-graduação”, pelo

que teve uma formação inicial na sociologia e passou para os estudos literários, sem jamais abandonar as ferramentas analíticas apreendidas naquela, Sarlo iniciou sua trajetória nos estudos literários e aos poucos foi se aproximando de leituras, digamos, de “inspiração sociológica”. Vejamos mais de perto alguns passos de sua formação e atuação profissional.

No início da década de 1960, Sarlo ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA) com o objetivo de estudar filosofia, mas logo percebeu que seus interesses se voltavam aos assuntos literários e migrou para o curso de letras. Durante os anos de graduação, a jovem estudante estabeleceu contato com Jaime Rest, professor adjunto da Cadeira de Literatura Inglesa, cujo titular era Jorge Luis Borges, e participou de alguns grupos de estudo sobre estruturalismo e a obra de Roland Barthes. Mas, em sua percepção, não foram nas “salas de aula” que ocorreu sua “formação”: antes, teriam sido decisivas a sociabilidade nos entornos da faculdade, com os “intelectuais-livreiros”, a convivência com colegas em museus e em institutos de teatro e de artes, bem como a militância política no peronismo de esquerda.<sup>64</sup> Quando estava no penúltimo ano da graduação, em 1965, Sarlo passou a desenvolver atividades junto ao grupo Editorial Universitário de Buenos Aires (EUDEBA), dirigido por Boris Spivacow.

Pouco depois do início da ditadura militar em 1966, muitos professores renunciaram aos seus cargos nas universidades, e Spivacow deixou a Universidade de Buenos Aires. Com a ajuda financeira de amigos, fundou o Centro Editor de América Latina, convidando alguns dos antigos colaboradores da EUDEBA para o

---

ambiente de estudos e de discussões coletivas durante a preparação de coleções de livros. Conferir: Beatriz Sarlo. Entrevista concedida a Alejandro Blanco e Luiz Carlos Jackson (entrevista citada); Carlos Altamirano. “Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina”. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi e Flávia X. M. Paniz. *Tempo Social*, v.29, 2017.

<sup>64</sup> Beatriz Sarlo. Entrevista concedida a Alejandro Blanco e Luiz Carlos Jackson. *Tempo Social*. São Paulo, v. 21, 2009. A imagem que Sarlo constrói de sua formação se aproxima de outros intelectuais argentinos, como Adolfo Prieto e David Viñas, dois nomes que fizeram parte da revista *Contorno* (1953-1959). Estudando na Universidade de Buenos Aires em um contexto de intervenção peronista (na segunda metade da década de 1940), quando muitos professores foram afastados de suas funções ou renunciaram aos cargos, Prieto e Viñas mencionavam frequentemente que o mais atrativo da experiência universitária era a “sociabilidade efervescente dos cafés e das livrarias situadas no entorno da faculdade”. Apenas no final da graduação Sarlo vivenciou a experiência de intervenções do Estado na universidade, mas o comentário dá indícios de que a formação universitária não é vista com centralidade para algumas gerações de intelectuais argentinos, como é para a maioria dos intelectuais brasileiros. A referência aos críticos da *Contorno* se encontra em: Luiz Carlos Jackson; Alejandro Blanco. *Sociologia no espelho (Op. Cit.)*.

novo empreendimento, entre os quais Beatriz Sarlo.<sup>65</sup> O Centro Editor surgiu com o objetivo de organizar coleções de livros de diferentes áreas (como artes, literatura, teatro, história, política, economia, ciências sociais, humanidades etc.), com preços acessíveis às camadas populares e com a expectativa de publicarem um livro por semana nos “kioscos”.<sup>66</sup> Durante o final da década de 1960 e no decorrer dos anos de 1970, o CEAL reuniu importantes intelectuais – em geral da área de letras – que não tinham lugares para trabalhar, como Noé Jitrik, David Viñas, Ismael Viñas, Jaime Rest, Jorge Lafforgue, além de um grupo de jovens que se destacaram na cena intelectual argentina a partir dos anos de 1980, como Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Josefina Ludmer, Susanna Zanetti, Graciela Montes etc.

Nos anos em que trabalhou no Centro Editor, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980, Sarlo preparou diversos livros e dirigiu coleções como “Letra Firme” (1968) e “Biblioteca Fundamental del Hombre Moderno” (1971), onde se dedicou sobretudo a duas frentes de trabalhos: (i) a seleção de poesias e de contos de literatura argentina ou latino-americana – de autores como Ricardo Gutiérrez, Olegario Víctor Andrade, Roberto Arlt, Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Carlos Martínez Moreno, Silvina Ocampo, Juan Carlos Onetti, Horacio Quiroga etc.; e (ii) a seleção e escrita de notas introdutórias sobre crítica literária, especialmente sobre formalismo russo e sobre o estruturalismo francês (que considerava a sua área de formação na universidade). Ao lado de Carlos Altamirano, Sarlo também foi diretora das coleções “Biblioteca Total” (1976) e “La Nueva

---

<sup>65</sup> É importante ressaltar que as intervenções do Estado nas universidades argentinas ocorreram em diversos momentos do século XX, mas de modo especialmente dramático no contexto do golpe de estado em 1966, quando o governo sancionou uma lei que permitia a intervenção direta nas universidades, proibindo atividades políticas e reprimindo atividades suspeitas. Um mês após o golpe, em julho de 1966, a polícia invadiu a Universidade de Buenos Aires no episódio que ficou conhecido como “noite dos bastões largos”, em referência ao uso de cassetetes da polícia para reprimir os estudantes e professores. Na ocasião, centenas de pessoas foram presas e bibliotecas e laboratórios foram destruídos. Como resposta, muitos professores e pesquisadores renunciaram aos seus cargos e alguns deixaram o país em busca de melhores condições de trabalho. As atividades intelectuais desenvolvidas por grupos de esquerda ficaram restritas a poucos grupos nas universidades e principalmente fora delas, em “circuitos alternativos”, como editoras, institutos de pesquisa ou de arte e revistas literárias e culturais. A despeito do breve intervalo entre as ditaduras argentinas, no período de 1973 e 1976, o espaço nas universidades para intelectuais de esquerda só é reaberto com a redemocratização da sociedade, sobretudo a partir de 1984. Conferir: Luis Romero. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

<sup>66</sup> O Centro Editor foi criado em 1966 e encerrado em 1995, publicando 78 coleções e cerca de 5.000 livros. Vale mencionar que os “kioscos”, na Argentina, são espaços em que se vende uma variedade de produtos, entre eles revistas e jornais. A referência a esses espaços evidencia o caráter popular dos livros publicados, que só iam para as livrarias depois de uma primeira etapa de venda nos “kioscos”. Sobre o histórico do CEAL, ver: Judith Gociol; Hernán Invernizzi. *Un golpe a los libros. Represión a la cultura durante la última dictadura militar*. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

Biblioteca” (1979), voltados para divulgação de livros que combinavam de variados modos literatura e ciências sociais; e com María Teresa Gramuglio, organizou livros sobre revistas argentinas – como *Martín Fierro* (1924-1927) –, na coleção “Biblioteca fundamental argentina” (1979).<sup>67</sup>

Durante os “anos setenta”,<sup>68</sup> de intensa politização na Argentina, dividida entre “apostas revolucionárias e saídas conservadoras”,<sup>69</sup> Sarlo observa que foi o momento em que ocorreu sua “formação marxista”, não apenas pela experiência de militância política em grupos peronistas de esquerda (no final dos anos de 1960) ou posteriormente no Partido Revolucionário Comunista (no início de 1970), mas especialmente pelas leituras sociológicas que realizou, de autores como Karl Marx, Antonio Gramsci, Georg Lukács, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Raymond Williams, Richard Hoggart, entre outros, que eram debatidos com os colegas de militância, no Centro Editor e também na revista *Los Libros*, com a qual começou a colaborar eventualmente em 1970.<sup>70</sup>

*Los Libros* começou a ser publicada em 1969 sob a direção de Héctor Schmucler, e era uma revista com afinidade com o campo da esquerda, mas o foco editorial da publicação foi se alterando com os anos. Os primeiros números, por exemplo, são de resenhas de livros das novidades que saíam no mercado editorial – com títulos de literatura, sociologia, história, psicanálise etc. –, e com a aposta de incorporar novos modelos teóricos da crítica literária – como a semiologia, o *New Criticism*, o estruturalismo francês, a psicanálise etc. A primeira publicação de Sarlo, no décimo número da revista, em 1970, é sobre a “nova crítica” (uma breve nota sobre a “modernização teórica na crítica literária” a partir do formalismo norte-americano). Com a politização da sociedade argentina na passagem de 1969 para 1970, após amplas manifestações de trabalhadores e estudantes em grandes cidades argentinas, que contribuíram para o enfraquecimento da ditadura e a posterior convocação de

<sup>67</sup> Algumas menções sobre as coleções em que Sarlo trabalhou podem ser consultados em: Judith Gociol (org.). *Más libros para más: colecciones del Centro Editor de América Latina*. Buenos Aires: Etchemaite, 2008.

<sup>68</sup> Para alguns historiadores argentinos, os chamados “anos setenta” vão de meados de 1960 até meados de 1970. Consultar, por exemplo: Sílvia Sigal. *Intelectuales y poder en la Argentina: la década del sesenta*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2002; Claudia Gilman. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Siglo XXI, Buenos Aires, 2003.

<sup>69</sup> Oscar Terán. *Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015, p.281.

<sup>70</sup> Ver: Beatriz Sarlo. “Conversa con Beatriz Sarlo”. In: Javier Trímboli, (entrev.). *La Izquierda en la Argentina*. Buenos Aires: Manantial, 1998.

eleições, a revista passou a registrar alguns acontecimentos sociais e políticos, acentuando um vínculo entre crítica, estética e política. Ao lado de Carlos Altamirano e Ricardo Piglia, Sarlo dirigiu a revista de 1972 até perto de seu encerramento, em 1976, quando a publicação se politizou “em uma linha de esquerda revolucionária” identificada com o marxismo e, mais especificamente, com o maoísmo.<sup>71</sup> O subtítulo da *Los Libros* durante esse período sintetiza a proposta dos organizadores: “para uma crítica política da cultura”. Além de trabalhar no conselho editorial procurando intelectuais para colaborarem com a revista, Sarlo publicou algumas notas breves sobre crítica literária e literatura argentina, e escreveu pequenos ensaios sobre a situação política da Argentina ou de outros países latino-americanos.<sup>72</sup>

Após o novo golpe militar em 1976 e o encerramento da *Los Libros*, Sarlo, Altamirano, Piglia e outros intelectuais de esquerda que colaboravam eventualmente com a revista, como María Teresa Gramuglio e Nicolás Rosa, formaram um grupo de estudos informal sobre a história da literatura argentina, chamando-o simbolicamente de “Salón Literario”.<sup>73</sup> Trata-se de uma referência ao grupo de jovens que, influenciados pelo romantismo na Europa, reuniu-se durante o ano de 1837 para discutir literatura e artes, questionando o significado de ser argentino. As reuniões do grupo – composto por nomes como Migue Cané, Juan María Gutiérrez, Esteban Echeverría, Pedro de Angelis etc. – receberam o nome de “Salón Literario” e eles ficaram conhecidos como “Geração de 1837”. Digamos que, em meio a um contexto político muito conturbado, com seguidos golpes de Estado, a geração de Sarlo retomava a pergunta sobre o significado de ser argentino e procurava pensá-la a partir das áreas com as quais tinham maior afinidade, como a literatura, uma vez que participar de organizações políticas tinha se tornado muito arriscado. Comentando sobre essa experiência, tanto Sarlo quanto Altamirano coincidem em chamar atenção

---

<sup>71</sup> Fabio Esposito. “La crítica moderna en Argentina: la revista *Los Libros* (1969-1976)”. *Orbis Tertius*. v. XX, n. 21, 2015.

<sup>72</sup> Consultar: Revista *Los Libros*: Edición facsimilar (1969-1976). Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 4 tomos, 2011. Entre 1973 e 1976, há um breve intervalo entre as ditaduras militares na Argentina, marcado pela volta de Juan Domingo Perón ao poder, seu falecimento e a presidência de sua mulher, María Estela Perón, que foi afastada pelo golpe de estado de 1976. Pouco antes do golpe, diante de desacordos na revista, Piglia deixou o conselho editorial, e na sequência Sarlo e Altamirano também saíram. De acordo com Altamirano, eles acabaram “se salvando de uma forte repressão”, pois, logo após o golpe, os militares entraram no escritório onde a revista era editada e “colocaram pressão” naqueles que permaneceram por lá. Conferir: Carlos Altamirano. “Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina” (entrevista citada).

<sup>73</sup> Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica” (entrevista citada).

para o impulso de juntar os colegas contrários à ditadura para retomarem de algum modo a atividade intelectual que foi fragmentada com o golpe de 1976.<sup>74</sup>

Nesse grupo de estudo, que se reunia muitas vezes nas dependências do Centro Editor, surgiu a ideia de organizar uma nova revista sobre literatura, cultura e política. Ricardo Piglia, ligado à organização de esquerda “Vanguardia Comunista”, conseguiu o financiamento, e em março de 1978 saiu o primeiro número da *Punto de Vista*. Como o contexto da ditadura era de intensa repressão do Estado, impondo muitas restrições aos grupos de esquerda, os primeiros números mencionam como editor Jorge Sevilla, nome de um jovem estudioso de literatura latino-americana que era desconhecido pelos órgãos da censura da ditadura (ao contrário de Sarlo, Gramuglio, Piglia e Altamirano, que tinham publicado na revista *Los Libros*). Além disso, nos dois primeiros anos em que a *Punto de Vista* foi publicada, alguns dos artigos sequer foram assinados, ou foram firmados com pseudônimos – Sarlo utilizou, por exemplo, os nomes de Silvia Niccolini, Miguel Sinecura, as iniciais, B.S. ou L.F., e em uma publicação conjunta com Carlos Altamirano, utilizaram o nome de Washington Victorini. Os pseudônimos ou iniciais dos nomes foram abandonados aos poucos, e no décimo-segundo número, em 1981, o grupo de intelectuais que dirigia a revista foi oficialmente apresentado, entre os quais Maria Teresa Gramuglio, Carlos Altamirano, Hugo Vezzetti, Ricardo Piglia e Beatriz Sarlo, que aparecia como a diretora. O editorial de 1981, que é o primeiro a ser publicado, declara as intenções da revista: “defender, na prática, o espírito crítico e o nosso direito de divergência. Isto é, reivindicar a liberdade de pensar, escrever e difundir ideias diferentes: o direito ao *punto de vista*”.<sup>75</sup>

Os primeiros quatro anos da *Punto de Vista*, no contexto da ditadura militar, colocaram em circulação diversos materiais.<sup>76</sup> Entre os principais, resenhas de livros de literatura, de artes, de ciências sociais, de crítica literária e de história cultural;

---

<sup>74</sup> Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica” (entrevista citada); Carlos Altamirano. “Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina” (entrevista citada).

<sup>75</sup> Conferir: “Editorial do Consejo de Dirección”. In: *Punto de Vista*, Buenos Aires, ano 4, n.12, 1982, p.2, tradução minha.

<sup>76</sup> A primeira fase da revista é mais ou menos circunscrita entre os anos de 1978 e 1982. Após esse período, observa-se algumas mudanças no conselho editorial e novos desafios para a prática intelectual – afinal, se a revista tinha sido pensada em oposição à ditadura, o contexto de transição democrática, a partir de 1982, colocava novos dilemas. Sobre as alterações no conselho editorial, vale notar que Ricardo Piglia deixou a revista no final de 1982, e logo na sequência Hilda Sabato passou a atuar na direção. Sobre a proposta mais ampla da revista entre a ditadura e a democracia, consultar: John King. “Las revistas culturales de la dictadura a la democracia: el caso de *Punto de Vista*”. In: Karl Kohut; Andrea Pagni (org.). *Literatura argentina hoy. De la dictadura a la democracia*. Frankfurt: Vervuert, 1989.

textos sobre literatura argentina ou latino-americana; artigos voltados para análise de revistas culturais argentinas (com destaque para *Martín Fierro*, *Sur* e *Contorno*); publicações de intelectuais estrangeiros (como Pierre Bourdieu); entrevistas como críticos literários latino-americanos (como Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar) ou com críticos da vertente inglesa (como Raymond Williams e Richard Hoggart); artigos que debatiam o vínculo entre prática intelectual e prática política; diversos textos que discutiam as relações entre literatura, cultura e vida social, entre outros. A revista também publicava artigos sobre escritores argentinos pouco conhecidos, como Juan José Saer. Com essas intervenções voltadas para uma “crítica política da cultura”, *Punto de Vista* se filiava a uma tradição de revistas argentinas de esquerda – notadamente *Contorno* e *Los Libros* –, mas, ao mesmo tempo, propunha novas maneiras de interpretar a literatura e a cultura do país.<sup>77</sup>

Retomando revistas organizadas pelas elites intelectuais, como *Martín Fierro* (1924-1927) e os primeiros anos da *Sur*, que teve início em 1931 e exerceu uma relativa hegemonia cultural até a década de 1950, *Punto de Vista*, e especialmente Sarlo, procurou compreender os discursos de renovação estética que as publicações colocaram em movimento, discursos pautados por uma defesa da autonomia da arte, que influenciaram linhas importantes da crítica literária e da literatura argentina no século XX – foram nessas revistas, por exemplo, que Jorge Luis Borges, que se tornou um dos nomes mais expressivos da literatura argentina, produziu suas polêmicas literárias e rupturas estéticas.<sup>78</sup> Olhando para a revista *Contorno* (1953-1959), por outro lado, na qual publicaram David Viñas e Adolfo Prieto, *Punto de Vista* retomava a proposta de questionar os critérios mobilizados pela crítica literária mais hegemônica, sugerindo uma análise que articulasse uma perspectiva social e política da literatura e da cultura; além de tensionar, como os contornistas, os cânones literários estabelecidos.<sup>79</sup> Ao resgatar publicações com propósitos tão

---

<sup>77</sup> Sobre as continuidades e rupturas entre *Contorno*, *Los Libros* e *Punto de Vista*, ver: Diego Peller. *Pasiones teóricas: crítica y literatura en los setenta*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2016.

<sup>78</sup> Ver, por exemplo, Beatriz Sarlo. “Sobre la vanguardia, Borges y el criollismo”, *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.11, 1981, e “Borges en *Sur*: un episodio del formalismo criollo”, *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.16, 1982.

<sup>79</sup> Convém notar que María Teresa Gramuglio estudou com David Viñas, Adolfo Prieto e Túlio Halperín Donghi no início dos anos de 1960 na Universidade Nacional do Litoral (hoje Universidade de Rosário). Esses três nomes foram as principais referências analíticas da *Punto de Vista* em seus primeiros anos, além de uma tradição ensaísta anterior, em especial Esteban Echeverría, José Hernández, Ezequiel Martínez Estrada que, aos olhos dos integrantes da revista, pensaram a Argentina como tema e como problema. Sobre *Contorno*, ver o ensaio de Sarlo “Los dos ojos de

diferentes, os integrantes da *Punto de Vista* apostavam que, fora das universidades, os espaços das revistas conformavam locais de disputa intelectual.

Não por acaso, no editorial que abre o número trinta, no décimo ano de existência da revista, o grupo faz questão de frisar que o conjunto das primeiras publicações, muito diversas entre si, “*eram mais do que diziam*”.<sup>80</sup> Não se tratava apenas de informar sobre livros traduzidos no mercado editorial, ou apresentar as obras e conceitos de autores quase desconhecidos na Argentina (como, por exemplo, Pierre Bourdieu e seu conceito de “campo intelectual”, e as análises culturalistas de Raymond Williams e Richard Hoggart);<sup>81</sup> mas de ir criando um espaço que pudesse servir para reavivar o debate intelectual que havia sido fragmentado com a ditadura, estabelecendo pontes com intelectuais latino-americanos e os argentinos que estavam no exílio.<sup>82</sup> No contexto da transição democrática, sobretudo a partir de 1983, *Punto de Vista* foi saindo da marginalidade dos primeiros anos – quando se vendia entre duzentos e quinhentos exemplares de cada edição –, e se consolidando como um importante espaço de “batalhas de ideias” no meio intelectual argentino.<sup>83</sup>

As diversas frentes em que Sarlo trabalhou durante a década de 1970, no Centro Editor de América Latina e nas revistas *Los Libros* e *Punto de Vista*, vão se entrelaçando umas nas outras e ela vai se firmando como crítica literária e cultural. No final dos anos de 1970 e início de 1980, além de escrever breves artigos sobre literatura argentina e sobre revistas literárias, se sobressai a publicação de diferentes textos em que Sarlo discute, em certa medida, “como ler literatura”. Vejamos pelo menos três exemplos nesse sentido. Ao analisar pressupostos teóricos das correntes mais dominantes nos estudos literários – em particular o *New Criticism* e o

---

*Contorno*” e a entrevista que ela faz como Viñas: “Ellos y nosotros: David Viñas habla sobre *Contorno*”. *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.13, 1981.

<sup>80</sup> “Editorial do Consejo de Dirección”. *Punto de Vista*, Buenos Aires, n.30, 1987, grifos no original.

<sup>81</sup> A revista *Punto de Vista*, e especialmente Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, foram os principais mediadores da recepção da obra de Bourdieu na Argentina. Conferir: Ana Tereza Martinez. *Lecturas y lectores de Bourdieu na Argentina*. *Prismas: Revista de Historia Intelectual* [online]. *Quilmes*, v.11, n.1, 2007. Do mesmo modo, os autores ampliaram a circulação dos textos de Raymond Williams e Richard Hoggart, que até então tinham sido divulgados por Jaime Rest. Ver: Ana Cecília Olmos. “Apropiaciones críticas: Williams y Hoggart en *Punto de Vista*”. In: *Segundo Congreso Brasileiro de Hispanistas*. São Paulo, Octubre 2002.

<sup>82</sup> Importa mencionar, inclusive, que a revista conseguiu se autofinanciar com a ajuda de intelectuais exilados (como José Aricó, Juan Carlos Portantiero, Tulio Halperín Donghi, Saúl Sosnowski, entre outros) e com a assinatura anual de universidades estrangeiras. Em 1984, José Aricó e Juan Carlos Portantiero, que estavam no exílio, também entram para a conselho editorial da *Punto de Vista*.

<sup>83</sup> Toma-se de empréstimo o termo que Sarlo usa para se referir às revistas *Martín Fierro* e *Sur*. Beatriz Sarlo. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, [1988] 2010.

estruturalismo de corte francês –, Sarlo observa que esses estudos possuem categorias analíticas interessantes para interpretar o texto literário, mas questiona a falta de vínculos dessas teorias com o social e a história – a crítica interessante, segundo Sarlo, é aquela que, “remetendo primeiro a uma poética” e fazendo as mediações necessárias, permite chegar “a uma teoria dos produtos culturais e artísticos”.<sup>84</sup> Em outra linha, na apresentação de uma entrevista com Raymond Williams y Richard Hoggart, Sarlo argumenta que é necessário manter “independência” em relação às modas teóricas dos estudos literários, tal como os críticos ingleses, o que abriria caminhos para construir novos pontos de vista sobre a literatura e sua relação com a sociedade – as produções artísticas e culturais, afinal, dariam forma às energias da sociedade, possibilitando sua assimilação crítica.<sup>85</sup> Resenhando o livro *Literatura argentina y realidad política* (1964) de David Viñas, por sua vez, Sarlo destaca que o crítico não apenas oferece uma visão de conjunto da literatura argentina do século XIX, como constrói um ensaio sobre a Argentina, no qual a literatura não é um pretexto, mas um modo de descoberta das tramas sociais. Viñas lê, segundo Sarlo, “o texto social dentro do texto literário”, e ao partir da hipótese de que as significações estéticas e sociológicas de certas práticas cotidianas iluminam todo o discurso de uma cultura, constrói um objeto novo para a crítica: “para Viñas, como para os homens de *Contorno*, a crítica tem uma função”, e ela “fala do que realmente importa”.<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Consultar, por exemplo, o artigo que Beatriz Sarlo assina como Silvia Niccolini. “¿Cómo leer literatura? Algunas consideraciones sobre el formalismo norteamericano.” *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.2, 1978, p.5. É necessário recordar que, no contexto em que Sarlo escreve, o *New Criticism* norte-americano e o estruturalismo francês eram as perspectivas em voga nos estudos literários, dominando tanto as revistas literárias quanto as salas de aula nas universidades. Tais escolas críticas priorizavam, de diferentes modos, uma análise interna das obras, protelando ao máximo e mesmo excluindo quaisquer referências externas a elas (seja ao autor, seja ao contexto). Sarlo, que teve uma formação estruturalista na UBA, procurava outras ferramentas que permitissem estabelecer relações entre matéria literária e matéria social, e, do mesmo modo, que pudessem expandir o que se entendia como literatura (ou seja, procurava ir além dos cânones estabelecidos pelas tradições críticas mais hegemônicas). O contexto de recepção de teorias literárias na Argentina, em diferentes períodos, é tratado por: Jorge Panesi. *Críticas*. Buenos Aires: Norma, 2000. Um panorama mais amplo acerca das perspectivas em voga na teoria literária nesse contexto são elaboradas por Edward Said, que comenta que as teorias literárias europeias e norte-americanas, embora admitam que os textos literários se encontram de algum modo em relação com as realidades em que foram produzidos, se guiam frequentemente por um princípio de “sacralidade dos textos” (perdendo os fios que os conectam ao mundo social e rejeitando o que é “socialmente contaminado”). Conferir: Edward Said. *The world, the text and the critic*. (Op. Cit.).

<sup>85</sup> Beatriz Sarlo. “Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad”. *Punto de vista*. Buenos Aires, n.6, 1979.

<sup>86</sup> Beatriz Sarlo. “La moral de la crítica”. *Punto de vista*. Buenos Aires, n.15, 1982, pp.21-22, grifos no original.

O que Sarlo sugere com essas diferentes intervenções? Ora, ao apontar a necessidade de resistir aos modelos epistemológicos mais rígidos dos estudos literários, centrados em considerações estritamente formais que separam a literatura de seu contexto e de seu autor, interessa a Sarlo pensar as possibilidades de uma crítica que leve a sério as relações entre literatura e sociedade, vida cultural, vida intelectual e vida política, e que adquira um significado público “falando do que realmente importa”: o problema social interno aos textos. Como o autor se relaciona com sua obra? Como a obra se conecta com a cultura que lhe é contemporânea e com a tradição cultural em que se inscreve? Como as obras se articulam com a sociedade concreta dentro da qual encontram seu público e são difundidas? São perguntas que importam para Sarlo, porque, na “precedência da trama literária”, por vezes é possível fazer descobertas nada óbvias das “tramas sociais”.<sup>87</sup> Digamos, então, que Sarlo não responde “como ler literatura”, mas sugere rotas possíveis que expandem e mesmo rompem com o circuito fechado dos formalismos então em voga, que podem e devem variar de acordo com a empiria que estrutura os textos literários e os artefatos culturais. Ela retoma, de certa forma, questões de uma “sociologia da literatura” fabulada por críticos argentinos como Viñas e Prieto, e coloca novos pontos de vista para estudar o literário.

Em diversas publicações que Sarlo faz ao lado de Carlos Altamirano, é possível notar um esforço de ir afirmando essa área de estudos de “sociologia da literatura”.<sup>88</sup> Entre as coleções que Sarlo e Altamirano preparam para o CEAL, por exemplo, encontra-se o livro *Literatura y sociedad* (1977). Os autores fazem uma breve introdução em que apresentam tendências e correntes que articulariam arte e sociedade, e publicam pequenos textos que seriam exemplares na área, como os de Georg Lukács, Lucien Goldmann, Robert Escarpit, Arnold Hauser, Harry Levin, David Daiches, Pierre Bourdieu etc. Pouco depois, Sarlo e Altamirano escreveram *Conceptos de sociología literaria* (1980), um volume no qual apresentavam os conceitos que julgavam serem importantes para uma análise sociológica da literatura.

---

<sup>87</sup> Beatriz Sarlo. “La moral de la crítica”. *Punto de vista*. Buenos Aires, n.15, 1982.

<sup>88</sup> Beatriz Sarlo; Carlos Altamirano. “Prefácio”. *Literatura y sociedad*. Buenos Aires: CEAL, 1977. Nas primeiras formulações sobre o tema, a partir de 1977, os autores sugerem que a “sociologia da literatura” é uma das correntes mais expressivas da investigação literária, mas ponderam que não se trata de uma área com corpo estruturado de objetos e métodos; ao contrário, seria uma área heterogênea e fragmentada. Não por acaso, oscilam em falar de uma “sociologia da literatura”, um estudo de “literatura e sociedade” ou “literatura/sociedade”.

Além de termos mais tradicionais nos estudos literários, como autor, convenção, função, gênero, valor, tradição, acrescentam conceitos como “campo literário” (no sentido atribuído por Pierre Bourdieu), “estrutura de sentimento” (tomado de empréstimo de Raymond Williams), “visão de mundo” (verbete escrito a partir de Lucien Goldmann), entre outros. Ampliando o horizonte teórico tratado nesses livros, em 1983 eles publicaram *Literatura / Sociedad*, um livro mais extenso e autoral, que oferece diferentes conceitos para “falar e questionar” a “constelação de fenômenos que se encontram sob a categoria, nada óbvia, de literatura”. Como os autores apontam, a “sociologia da literatura” ou os estudos de “literatura/sociedade” cruzam várias disciplinas (letras, sociologia, antropologia, filosofia etc.) e tendências nem sempre convergentes, mas procuram compor um referencial teórico amplo para explicar o “caráter heterogêneo da trama textual” (que varia no tempo e no espaço), sua historicidade e a existência tanto do autor quanto do leitor como sujeitos sociais importantes do processo de produção literária.<sup>89</sup>

De modo paralelo à preparação desses trabalhos, Sarlo e Altamirano escreveram alguns textos, individualmente ou em conjunto, que foram recolhidos em *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia* (1983). Os objetos recortados e os critérios que utilizam para investigarem a dimensão literária são variados – por um lado, interpretam escritores e obras em particular, como as de Esteban Echeverría e de Domingo Faustino Sarmiento, dois clássicos do século XIX, e, por outro lado, analisam o campo intelectual argentino do início do século XX, com sua diversidade de manifestações e práticas e em suas relações com a história.<sup>90</sup> Vistos em conjunto, são trabalhos que procuram entender algumas linhas de força do ensaísmo de interpretação nacional, perscrutando alguns debates em torno do nacionalismo cultural e indagando sobre como se constituiu a literatura e a vida intelectual na

---

<sup>89</sup> Conferir: Beatriz Sarlo; Carlos Altamirano. “Introducción”. *Literatura / Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983. Além das diferentes considerações sobre modos de se ler a literatura com uma visada sociológica, e a inclusão de textos de “estéticas sociológicas” (como os de Lukács, Adorno, Goldmann e Galvano Bella Volpe), Sarlo e Altamirano acrescentam nos apêndices do livro o ensaio de Ángel Rama “Indagación de la ideología en la poesía: Los dípticos seriados de *Versos Sencillos*” e o ensaio de Antonio Candido “Estructura Literária e função histórica”, como “exemplos de leituras sociológicas” da literatura que abriram importantes caminhos teóricos na América Latina. O ensaio de Candido é publicado em português com a advertência dos autores de que, embora exigisse esforço do leitor, a versão no original seria uma forma de participar de um “projeto de integração cultural latino-americana”.

<sup>90</sup> Esse é o caso, em particular, do ensaio “La Argentina del Centenario. Campo intelectual, vida literaria y temas ideológicos”, que ganhou ampla circulação, sendo publicado primeiramente no exterior, na revista *Hispanamérica* (n. 25-26, 1980), dirigida na época pelo argentino Saúl Sosnowski.

Argentina, um país periférico, no qual as referências europeias dinamizavam a vida cultural.<sup>91</sup> Inspirando-se em autores da crítica literária argentina de esquerda, como David Viñas e Adolfo Prieto, e incorporando certos pontos de vista de Raymond Williams e Pierre Bourdieu, esses trabalhos constituem as primeiras notas mais extensas de Sarlo e de Altamirano.<sup>92</sup>

Após o final da ditadura militar, em 1983, as universidades argentinas começaram a se renovar com a incorporação de intelectuais que foram retornando do exílio e alguns que permaneceram na Argentina trabalhando no que estamos chamando de “circuitos intelectuais alternativos”. Nesse contexto, com um currículo que Sarlo define como “particular” – porque construído em espaços que não eram caracterizados pelas especialidades acadêmicas –, ela passou a dar aulas na Cadeira de Literatura Argentina da Universidade de Buenos Aires, fazendo com que as “leituras clandestinas” realizadas no período da ditadura ganhassem agora um “canal institucionalizado”.<sup>93</sup> A partir de seu ingresso na universidade, passou a orientar teses de doutorado sem ter realizado uma, e foi elaborando suas aulas a partir da experiência adquirida em cursos clandestinos que organizou no final da ditadura no Centro Editor ou no pequeno escritório onde a *Punto de Vista* era editada. Nesse período, então, inicia-se uma nova fase da trajetória de Sarlo, em que se cruzam principalmente as atividades como professora universitária e como editora principal da *Punto de Vista*.

\*\*\*

<sup>91</sup> Na Argentina, como observam Luiz Carlos Jackson e Alejandro Blanco, o processo de Independência política da metrópole espanhola ocorreu de modo conflitivo, promovendo a politização da vida literária. Durante a maior parte do século XIX, o chamado “ensaio de interpretação nacional” prevaleceu em detrimento de outras formas literárias (como o romance e a poesia), que se tornaram expressivas apenas no final do século XIX, com a estabilização política do país e com a construção de um sistema educacional que proporcionou a ampliação do corpo de produtores especializados e a criação de um público leitor. É justamente esse processo que Sarlo e Altamirano procuram compreender, sendo uma via para interpretar a formação nacional da Argentina. Conferir: Luiz Carlos Jackson e Alejandro Blanco. “Terrenos da crítica”. *Sociologia no espelho (Op. Cit.)*.

<sup>92</sup> Importa observar que, enquanto *Literatura / sociedad* é dedicado aos “companheiros da *Punto de Vista*”, *Ensayos argentinos* é oferecido a Boris Spivacow: “nosso editor, pelo espaço que abriu e soube manter, nos piores momentos, dentro da cultura argentina”. As dedicatórias dos livros não deixam de indicar a existência de um trabalho intelectual que, em difíceis condições econômicas e políticas, era em larga medida compartilhado. Ver: Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano. *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Siglo XXI, [1983] 2016.

<sup>93</sup> Conferir: Analía Isabel Gerbaudo. “Intervenciones olvidadas: Beatriz Sarlo en la universidad argentina de la pos dictadura (1984-1986)”. *Perífrasis*, v.1, n.1. Bogotá, 2010. Gerbaudo nota que os primeiros cursos de Sarlo na UBA foram marcados pela renovação teórica, com a inclusão de teorias literárias e de escritores argentinos que praticamente não eram ensinados na universidade.

Acompanhando alguns caminhos percorridos por Roberto Schwarz e por Beatriz Sarlo, especialmente durante o período das ditaduras militares no Brasil e na Argentina, é possível retomar a imagem que a ensaísta argentina constrói das “Jornadas de Literaturas Latino-americanas”, quando menciona a diferença entre sua experiência intelectual e de seus “contemporâneos brasileiros”:

(...) o professor reconhecia os discípulos e os tratava da maneira afável que resulta de boas relações intelectuais. Senti inveja. Eu não fazia parte desse grupo de pessoas que tinham mais ou menos a minha idade e haviam tido a oportunidade de estudar com Candido. (...) Deixei a universidade e não voltei a ela até março de 1984, com a restauração democrática. Daí minha inveja: eu não havia tido mestres. Os que mais se aproximavam de sê-lo, gente como David Viñas e Adolfo Prieto, nunca haviam ensinado na Universidade de Buenos Aires. Convivi muito com Viñas, mas sempre fora da academia. Quanto a Adolfo Prieto, não o conheci até 1984. Halperín Donghi foi exilado em 1966 e só pude vê-lo com frequência a partir de 1982. *Em minha vida, como na de muitos, passaram-se dezoito anos sem que houvesse uma orientação intelectual e acadêmica.* Por isso senti inveja diante da cena que se repetia durante a reunião de Campinas.<sup>94</sup>

Nesse e nos demais comentários de Sarlo sobre as “Jornadas”, chama atenção o estranhamento e o impacto que a reunião realizada na Unicamp teve para ela, que trilhava um percurso como crítica literária e cultural a partir do que ela chama de “espaços privados”, sem um treinamento universitário.<sup>95</sup> Nos comentários, ressoam questões de fundo: como a ditadura militar brasileira criou uma universidade em Campinas? Como a ditadura possibilitou a permanência de alguns grupos intelectuais de esquerda nas universidades, que tinham espaço institucional e apoio financeiro

<sup>94</sup> Beatriz Sarlo. “A Lição do mestre”. In: Maria Augusta Fonseca; Roberto Schwarz. *Antonio Candido 100 anos. (Op. Cit.)*, pp.53-54, grifos meus.

<sup>95</sup> Para utilizar suas palavras: “até o ano de 1983, quando se encerra a ditadura militar, estive longe da universidade, exercendo atividades intelectuais em *espaços privados*”. Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica” (entrevista citada, grifos meus). Note-se, aqui, que na tradição intelectual argentina há uma tensão entre o que se convencionou chamar de “espaço universitário” e “espaços privados”, correspondendo, estes últimos, a atuação de intelectuais e escritores em editoras, em institutos de pesquisa ou de arte, em revistas ou em outros espaços de sociabilidade intelectual fora das universidades, que sofreram diversas intervenções do Estado no decorrer do século XX. Utilizamos a imagem de circuitos intelectuais alternativos, em contraponto à ideia de espaços privados, para assinalar que esses circuitos também conformam lugares de disputa intelectual, espaços alternativos de formação e discussão, mesmo quando seus produtos culturais (revistas e livros, por exemplo) tenham uma circulação mais restrita.

para desenvolver pesquisas e construir circuitos de debates?<sup>96</sup> Embora os comentários de Sarlo da experiência intelectual brasileira durante a ditadura militar possam ser um pouco romantizados – porque ela fala a partir da figura de Antonio Candido que permaneceu na universidade e contribuiu com a formação de um grupo de jovens críticos, como Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, David Arrigucci Junior, Jorge Schwartz, João Luiz Lafetá, José Miguel Wisnik, entre outros –, eles são compreensíveis quando comparados a experiência das universidades argentinas.<sup>97</sup> Note-se, ainda, que em diferentes ocasiões Sarlo se refere às “Jornadas” como “a famosa reunião de Campinas”, e não é por acaso.<sup>98</sup> A partir dessa reunião, a crítica estabeleceu relações com pesquisadores brasileiros, foi convidada por Ángel Rama a publicar na revista *Escritura* e apresentar a obra de Roberto Payró na coleção da Biblioteca Ayacucho, e também recebeu um convite de Antonio Cornejo Polar para escrever para a *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* (1970-), que o crítico peruano dirigia. De certo modo, então, as “Jornadas” abrem algumas portas para Sarlo, em um momento em que ela estava se dedicando a escrever trabalhos mais extensos sobre literatura e cultura argentina.<sup>99</sup>

<sup>96</sup> Estudando algumas características das universidades latino-americanas no decurso do século XX, a socióloga argentina Fernanda Beigel observa que, de fato, o Brasil teve um itinerário particular durante a ditadura, muito distinto de outros países latino-americanos. Foram nos anos do regime militar, por exemplo, que se consolidou o sistema de educação superior brasileiro, com políticas de investigação científica e formação de pós-graduação. Conferir: “Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento”. *Nueva Sociedad*. Buenos Aires, n. 245, 2013.

<sup>97</sup> Um comentário de Adolfo Prieto dá indícios de como a ditadura militar argentina interrompeu as atividades de pesquisa que ele estava desenvolvendo em sociologia da literatura: “a experiência no Instituto de Letras de Rosário, entre os anos de 1959 e 1966, esteve condicionada por um quadro de situação excepcionalmente favorável para a Universidade Argentina. Não se trata de cair em nostalgia nem de cairmos na ilusão de que aquilo foi uma sorte da idade de ouro em que as pesquisas, os seminários, as discussões acadêmicas floresciam em um propício clima; mas foram, comparativamente, bons anos. (...) depois de cinco anos foi possível visualizar um grupo de estudantes verdadeiramente interessantes; talvez uma dúzia de jovens profissionais que poderiam ser integrados nos níveis de ensino e pesquisa da Universidade com plenos direitos. A maioria desses jovens profissionais da época, no entanto, está hoje dispersa nos quatro pontos cardeais do país e do mundo. O golpe militar de 1966 e os sucessivos desentendimentos e calamidades sofridos pela universidade argentina oferecerão a dura moral da história. Nenhuma política cultural ditada e implementada pela universidade a partir de sua própria esfera, ou ainda mais, nenhuma universidade pode sobreviver às ansiedades e à insegurança radical da sociedade à qual pertence”. Adolfo Prieto. “Literatura/crítica/enseñanza de la literatura”. *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.16, 1982, pp.7-8.

<sup>98</sup> Beatriz Sarlo. “A Lição do mestre”. In: Maria Augusta Fonseca; Roberto Schwarz. *Antonio Candido 100 anos. (Op. Cit.)*, p.52.

<sup>99</sup> Na revista *Escritura*, Sarlo e Altamirano publicaram, em 1980, o ensaio “Una vida ejemplar: la estrategia de *Recuerdos de provincia*”, dedicado a Sarmiento, e na *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* Sarlo apresentou, em 1982, “Vanguardia y criollismo: La aventura de *Martín Fierro*”, em que analisa a revista martinfierrista e, especialmente, as intervenções de Jorge Luis Borges. Os dois ensaios foram incluídos em *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia* (1983). A colaboração para a Biblioteca Ayacucho, por sua vez, saiu em 1984. Ao mencionar o convite de Ángel Rama para publicar na Ayacucho, Sarlo aponta que, “nesse contexto, era uma grande

Se Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo tiveram trajetórias muito diferentes – ele se formando em ciências sociais e passando para os estudos literários, sempre próximo à universidade e de um espaço institucional para desenvolver seus trabalhos, e ela graduada em letras e se aproximando de uma visada sociológica ao longo de uma atuação em “circuitos intelectuais alternativos”, como editoras e revistas –, o ponto de encontro entre ambos nas “Jornadas” oferece ao menos uma pista para aproximá-los: cada qual a seu modo, apoiados em diferentes referenciais analíticos, procuravam construir uma crítica ao mesmo tempo estética, histórica e social. Enquanto essa proposta está presente nos primeiros livros de Schwarz, foi a possibilidade de encontrar críticos que desenvolviam trabalhos a partir de uma “inspiração sociológica” que levou Sarlo a comprar uma passagem de ônibus para São Paulo. Dito de outro modo, quando Schwarz e Sarlo se encontram na Unicamp, eles partilham da afinidade de estudar as relações entre literatura e sociedade, cultura e política, *fazendo da análise estética um móvel de compreensão e reflexão histórico-social*. E essa afinidade, como veremos, percorre o conjunto de seus trabalhos, embora as perspectivas teórico-metodológicas de que partem possuam suas finas diferenças – ele mais próximo ao chamado “marxismo ocidental” (incluindo seu capítulo brasileiro), e ela mobilizando um conjunto mais heterogêneo de referências, que podemos chamar de “estudos culturais com tintas materialistas”.

O quadro histórico em que ocorrem as “Jornadas de Literaturas Latino-americanas” não é aleatório e merece uma nota. Como Schwarz sugeriu, o encontro ocorreu em um contexto marcado pelo que ele chamou de “renascimento do espírito crítico das esquerdas”, durante o qual, de certo modo, os intelectuais estavam buscando se colocar novamente na esfera pública para problematizar os impasses daquele momento, após anos do autoritarismo, da repressão violenta e da censura constante da ditadura civil-militar brasileira, sobretudo ao campo da esquerda. O encontro em Campinas, bem como outros circuitos de debates entre críticos latino-americanos nesse período, podem ser pensados também como formas de reação às ditaduras militares. Colocando em circulação questões, temas e problemas que pertenciam a um *circuito ao mesmo nacional e transnacional*, essas reuniões

---

distinção ser convidada para escrever um prefácio para essa biblioteca, ainda mais para alguém como eu, que não tinha muitos antecedentes. Foi assim que comecei a elaborar notas mais longas, com investigações detidas sobre determinados temas e autores”. Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica” (entrevista citada).

discutiram proposições sobre a crítica literária e sobre seu lugar na vida social, o que não deixa de fazer parte de um debate mais amplo sobre a reorganização da cultura em tempos de mudança social e política.

Chama atenção que esses circuitos são nacionais, por um lado, e tem suas características próprias. Isso fica especialmente perceptível quando acompanhamos trajetórias intelectuais como as de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo. Percebemos a partir dos itinerários desses críticos, por exemplo, as distintas posições ocupadas pelo estudo da literatura tanto nas instituições de cada país quanto na vida cultural em geral: a surpresa de Sarlo com o encontro em Campinas tem a ver com outra possibilidade de relação entre intelectuais (de esquerda) e ditadura; e, como vimos, essa diferença têm consequências para as formações e atuações profissionais de cada crítico. Ademais, a existência ou supressão de um espaço institucional de debates se desdobra, de algum modo, nas perspectivas diferentes que ambos assumem diante de um problema que lhes é comum quando visto de um ponto de vista mais amplo – o da relação entre literatura e vida social.

Em certa medida, os estudos que Sarlo vai desenvolvendo ao lado dos colegas da *Punto de Vista* ou do Centro Editor de América Latina, quando questiona “como ler literatura” sem alcançar uma resposta formulável em termos metodológicos estritos, não deixa de ter relação com a ausência de uma figura centralizadora como a de Antonio Candido, que só seria possível com algum respaldo institucional. O programa de pesquisa coletivo que Candido coloca em andamento ao assumir a cadeira de Teoria Literária e de Literatura Comparada na USP dispunha, afinal, do espaço acadêmico para ser reformulado, divulgado, disputado e discutido; mesmo feita a ressalva de que Schwarz se afasta de Candido em alguns pontos, especialmente ligados à vinculação a certa tradição marxista, essa tradição esteve disponível para o brasileiro (e permaneceu aberta para suas contribuições a ela) pela existência de um espaço institucional. A formação “sem mestres” (ou com “mestres informais”, como David Viñas, Adolfo Prieto e Halperín-Donghi) como a de Sarlo, tem ganhas e perdas – permitem certa liberdade teórica na incorporação de referências analíticas heterogêneas, sem ficar preso a identidades disciplinares; mas, ao mesmo tempo, os espaços de atuação profissional foram mais negociados e, não à toa, a carreira profissional da argentina é caracterizada pela busca de legitimação em

espaços variados (é apenas com o final da ditadura militar argentina que ela se insere na universidade e nas agências de pesquisa científica).

O circuito é transnacional, por outro lado, não apenas porque os intelectuais circulavam e trocavam ideias entre um lugar e outro, mas porque havia um conjunto de preocupações compartilhadas: ainda que cada ditadura militar tivesse sua particularidade nacional, com diferentes constrangimentos para os debates intelectuais e para a dinâmica da vida cultural e política, eram regimes autoritários simultâneos que correspondem à posição dos ponteiros do relógio global – o contexto da Guerra Fria, o combate à ascensão de diferentes esquerdas na América Latina a partir da década de 1960, as primeiras experiências de ajustes neoliberais a partir de 1970 (como no Chile de Augusto Pinochet e na Argentina de Jorge Videla) etc. No “horizonte latino-americano” comum, abria-se um caminho para reformular debates mais amplos sobre as relações entre literatura e vida social, que eram normalmente restritos aos centros de produção e difusão da cultura, digamos, hegemônica (como a Europa ocidental e os Estados Unidos); e na reformulação desses debates era possível considerar as especificidades desses contextos marginais, emergindo novas questões sobre a nação, o “referente latino-americano”, o centro e a periferia. Em termos simples, surgia na América Latina um quadro novo para teorizar – no caso dos críticos que estamos acompanhando, não era o caso de substituir a perspectiva europeia ou norte-americana por outra, mas o de confrontá-la com consequências analíticas e políticas que precisariam ser levadas em conta, e que forçavam a fabulação de novos termos, informados e iluminados pela condição periférica.

\*\*\*

Observando alguns passos das trajetórias intelectuais de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo entre o final da década de 1950 e meados de 1980, vejamos, agora, um novo encontro entre eles, apontando, ainda que brevemente, alguns dos projetos que desenvolveram entre meados de 1980 e meados dos anos 2010. Apesar das diferenças inevitáveis entre as agendas de pesquisa, há algo comum entre elas?

## Capítulo 2: Um lugar para a crítica

Pouco a pouco entendo um passado que ainda está aqui, ao alcance da dúvida.

Mário Benedetti – *Andamios* (1996).

Em setembro 1991, o “Centro de Estudos Latino-americanos Ángel Rama” da Universidade de São Paulo, organizou o seminário internacional “Literatura e História na América Latina”. O objetivo do evento era semelhante ao da proposta de Antonio Candido no início dos anos de 1980. Partindo da perspectiva de que a compreensão da história passa pelo estudo do imaginário, assim como o entendimento da literatura passa pelo estudo do processo histórico, o encontro reuniu pesquisadores nacionais e estrangeiros para pensar temas e problemas da literatura produzida na América Latina.<sup>100</sup> Nesse seminário, Beatriz Sarlo foi convidada para expor uma comunicação, e apresentou resultados de uma pesquisa em andamento sobre o escritor argentino Roberto Arlt.<sup>101</sup> Trata-se, em larga medida, da continuação de sua pesquisa mais ampla sobre a modernização em Buenos Aires entre as primeiras décadas do século XX. Os debatedores da comunicação, Roberto Schwarz e Antonio Candido, retomam justamente o livro de Sarlo *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930* para comentar os méritos de seu trabalho.

Entre meados de 1980 e meados de 1990, atuando como professora na Universidade de Buenos Aires, como editora principal da revista *Punto de Vista*, e sendo convidada a passar temporadas como pesquisadora nos Estados Unidos e na Europa, Sarlo publicou um conjunto de trabalhos que lhe deram amplo reconhecimento na cena intelectual argentina e no cenário internacional.<sup>102</sup> Além de

---

<sup>100</sup> Conferir: Lúcia Chiappini e Flávio Wolf de Aguiar. “O Centro Ángel Rama”. In: *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.

<sup>101</sup> Beatriz Sarlo. “Arlt: cidade real, cidade imaginária, cidade reformada”. In: *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993, p.224.

<sup>102</sup> Com o final da ditadura, Sarlo começou a receber convites para ministrar conferências e participar de reuniões em universidades estrangeiras para falar sobre a experiência argentina durante a ditadura. Muitos convites partiram de intelectuais argentinos que estavam ensinando em universidades americanas ou europeias, como, por exemplo, Saúl Sosnowski, que era professor na Universidade de Maryland e criou uma rede de trocas na época da ditadura. No contexto de transição democrática, Sarlo também participou do “Club de Cultura Socialista”, fundado em 1984 com alguns

*Una modernidad periférica*, de 1988, que é resultado de seu primeiro trabalho financiado com bolsa de pesquisa do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET), publicou antes, em 1985, *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*,<sup>103</sup> e posteriormente *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina* (1992) e *Borges, un escritor en las orillas* (1993), os dois últimos livros escritos em uma temporada que passou na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. De certo modo, esses trabalhos colocam em movimento as perspectivas que Sarlo foi levantando desde o final da década de 1970, quando questionava “como ler literatura”. Como vimos, mais do que uma resposta, a ensaísta argentina aposta que a literatura e os artefatos culturais constroem “constelações de significados”, que representam “leituras diferentes e alternativas da ordem do real, segundo uma pluralidade de regimes discursivos e de estratégias de cifragem”.<sup>104</sup>

Nos livros mencionados, recortando diferentes objetos e partindo dos textos literários, Sarlo busca compreender o impacto provocado pela modernização acelerada da Argentina nas primeiras décadas do século XX. Mais precisamente, a crítica procura captar o “conjunto de sentimentos, ideias, desejos” que permitem “reconstruir aquelas dimensões da experiência diante da mudança cujos rastros, muitas vezes cifrados, enigmáticos ou contraditórios, aparecem como traços e lembranças nos textos de uma cultura”.<sup>105</sup> Sarlo investiga, em particular, os romances sentimentais que circularam na Argentina entre 1917 e 1927, voltados para um público popular que começava a consumir literatura (*El imperio de los sentimientos*); analisa os discursos e as percepções sobre Buenos Aires entre as décadas de 1920 e 1930,

---

integrantes de *Punto de Vista* (Sarlo, Altamirano, Vezzetti e Sábato, por exemplo) e com alguns intelectuais que retornaram do exílio, como José Aricó, Juan Carlos Portantiero, Jorge Tula y Emilio De Ípola. Trata-se de um centro de discussão criado para analisar os problemas sociais, políticos e culturais da sociedade argentina com uma perspectiva socialista e democrática.

<sup>103</sup> O livro é resultado da primeira pesquisa que Sarlo fez com financiamento (foi amparada com bolsa do Social Science Research Council, de Nova York). Segundo Sarlo, esse trabalho foi apresentado como uma forma de tese de doutoramento em seu currículo quando começou a pedir auxílios de pesquisa para o CONICET. Beatriz Sarlo. “Nas margens, uma crítica” (entrevista citada). Vale registrar que esse primeiro livro individual é dedicado a mulheres argentinas de diferentes gerações – como Alfonsina Storni, Victoria Ocampo, Alicia Moreau, María Teresa Gramuglio e Susana Zanetti –, que disputaram e negociaram posições de gêneros no campo intelectual e em na cena pública, ambientes historicamente refratários à presença e à atuação das mulheres.

<sup>104</sup> Beatriz Sarlo. “El saber y el texto”. *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.26, 1986, p.7, tradução minha. Essa aposta de Sarlo é influenciada tanto por Raymond Williams quanto por Walter Benjamin. Ver, por exemplo, Walter Benjamin. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo: Iluminuras, 1999; e Raymond Williams. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1969.

<sup>105</sup> Beatriz Sarlo. “Buenos Aires, cidade moderna”. In: *Modernidade periférica (Op. Cit.)*, p.26.

uma cidade moderna na periferia de um capitalismo em expansão (*Una modernidad periférica*); interpreta as obras de Roberto Arlt e Horacio Quiroga em meio aos saberes populares (*La imaginación técnica*), e analisa a obra de Jorge Luis Borges, que formulou, entre as primeiras décadas do século XX, algumas linhas “de demarcação da literatura argentina” (*Borges, un escritor en las orillas*). Na chave dos estudos culturais com tintas materialistas, como propõe críticos como Raymond Williams e Richard Hoggart, interessam para a análise tanto textos e produções culturais de grandes escritores (da chamada alta literatura), quanto aqueles menos consagrados (de literatura sentimental, da cultura popular), que dão ferramentas para Sarlo qualificar de modo mais nuançado a modernidade que tomou forma na Argentina nas primeiras décadas do século XX.<sup>106</sup>

Se esses primeiros trabalhos se voltam para o passado, com vistas a refletir sobre a especificidade da modernidade rio-platense, e como se formaram a literatura e a vida intelectual em um contexto culturalmente periférico, *Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina*, publicado em 1994, oferece algumas pistas das preocupações de Sarlo no fim do século XX: a modernidade e seu esgotamento. Nele, a crítica problematiza algumas características que foram se acentuando na Argentina após o golpe de 1976, entre as quais a “debilidade da representação política e institucional” e a “hegemonia audiovisual”. Diante de um “cenário nacional fraturado”, em que as desigualdades e as exclusões seguiam persistentes, com um “intolerável contraste entre a miséria e a riqueza”, Sarlo

---

<sup>106</sup> Como o que se convencionou chamar de “estudos culturais” são compostos por diversos autores e matrizes epistemológicas, vale reforçar que é possível vincular os ensaios de Sarlo aos estudos culturais de matriz inglesa, sobretudo aos trabalhos formulados na década de 1960 no grupo de Birmingham. Nos trabalhos de críticos como Raymond Williams e Richard Hoggart, questões sociais e políticas mais amplas eram pensadas a partir das diferentes matérias da cultura, e essa característica foi central para os escritos de Sarlo nos anos da última ditadura militar argentina. Quando a crítica publicou *Imperio de los sentimientos*, em 1985, a expressão “estudos culturais” – como ela observa com uma fina ironia no prefácio à segunda edição do livro – ainda não era corrente na Argentina, mas o trabalho é considerado um dos fundadores dos “estudos culturais” no país. Sarlo tem certa resistência a esse tipo de filiação pouco mediada porque, antes de ser uma moda acadêmica exportada sobretudo pelos Estados Unidos a partir do final dos anos de 1980, ela conheceu os trabalhos dos críticos ingleses e foi combinando com outras referências que passam ao largo dos “estudos culturais”, como é o caso de Pierre Bourdieu e da linhagem da teoria literária francesa, em particular de Roland Barthes e de seu livro *Mitologias* (1957), um crítico da cultura popular e da cultura de massas, que valorizava a “alta densidade” dos objetos literários. Um comentário sobre essa questão é feito por Sarlo em: Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo. “Literatura e valor”. In: Ana Luiza Andrade; Maria Lucia de Barros Camargo; Raúl Antelo (orgs). *Leituras do Ciclo*. Florianópolis: Abralic; Chapecó: Grifos, 1999.

aponta a necessidade de um olhar atento ao que denomina como as “cenar da vida pós-moderna”.<sup>107</sup>

O conjunto de seus trabalhos entre meados da década de 1990 e os anos 2000 – como, por exemplo, *Instantáneas: medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo* (1996) *La máquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas* (1998), *Tiempo Presente: notas sobre el cambio de una cultura* (2001), *La pasión y la excepción: Eva, Borges y el asesinato de Aramburu* (2003)<sup>108</sup> e *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo* (2005) –, exploram as matérias da literatura, do cinema, da mídia, da política etc., para colocar questões, mais do que afirmar respostas, que aumentem a capacidade de lidar com os dilemas e impasses após a ditadura militar argentina. As inquietações de Sarlo nesses livros – que versam sobre intelectuais e política, técnica e vanguardas, memória pós-ditadura, meios de comunicação e indústria cultural, alta cultura e cultura popular etc. –, aparecem esboçados, antes, em jornais de ampla circulação na Argentina e na *Punto de vista*, revista em que Sarlo atuou até 2008.<sup>109</sup>

Um dos temas que perpassa as preocupações de Sarlo após a ditadura militar é o lugar dos intelectuais no debate público. Além de revisar posições sobre o papel dos intelectuais de esquerda na derrota dos anos de 1970, sugerindo a necessidade de fazer uma crítica não apenas ao autoritarismo do Estado, mas também aos projetos de parte da esquerda antes do golpe de 1976, ela discute as consequências e os efeitos da crise da “figura clássica do intelectual”.<sup>110</sup> Com a constante especialização do conhecimento e a hegemonia dos meios de comunicação

<sup>107</sup> Beatriz Sarlo. *Escenas de la vida posmoderna: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina*. Buenos Aires: Ariel, 1994.

<sup>108</sup> A partir dos resultados do livro, Sarlo desenvolveu o roteiro, ao lado de Mariano Llinás e David Oubiña, do filme *Secuestro y muerte* (Argentina, 2010), dirigido por Rafael Filippelli.

<sup>109</sup> Durante os trinta anos e noventa números em que *Punto de Vista* foi publicada, passaram pelo conselho editorial diversos intelectuais, como Adrian Gorelik, Oscar Terán, Raúl Beceyro, Jorge Dotti, Rafael Filippelli, Federico Monjeau, Ana Porrúa etc. Apenas Beatriz Sarlo e Hugo Vezzetti permaneceram na revista durante as três décadas. A revista foi encerrada por Beatriz Sarlo com as seguintes palavras: “durante trinta anos, *Punto de Vista* foi a maior e mais constante influência sobre a minha vida. Outros poderão discutir se foi uma revista influente; sobre mim, não tenho dúvidas”. Sarlo, que é a autora que mais publicou na revista, aponta que a importância dessa experiência em sua trajetória é tanto por um sentimento de “grupo”, que em seus momentos mais intensos teve “força coletiva”, quanto pela “forma” de escrever sobre literatura e política. Beatriz Sarlo. “Final”. *Punto de Vista*, n. 90, 2008, p.3, tradução minha.

<sup>110</sup> Ver, por exemplo, os artigos de Beatriz Sarlo publicados na *Punto de Vista*: “La izquierda ante la cultura: del dogmatismo al populismo” (n.20, 1984), “Intelectuales ¿Escisión o Mímesis?” (n.25, 1985) e “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía” (n.50, 1994).

de massa (cujos discursos, alerta, são “cada vez mais vazios”, “seduzidos pelas lógicas do mercado”), Sarlo aposta na figura do intelectual crítico, que, se já não tem mais a capacidade de influenciar o debate público como na primeira metade do século XX, e não consegue abordar todos os temas, poderia ao menos buscar abrir “*uma perspectiva*” para discutir questões da agenda pública, unindo exercício teórico e atitude política.<sup>111</sup> Não por acaso, após a saída da Universidade de Buenos Aires, em 2003,<sup>112</sup> ela acentuou cada vez mais o papel de intelectual pública, escrevendo em revistas e jornais de ampla circulação na Argentina.<sup>113</sup>

Em livros como *La ciudad vista* (2009), *La audacia y el cálculo* (2011) e *Ficciones Argentinas* (2012), Sarlo agrupa algumas de suas reflexões desenvolvidas em colunas de revistas ou jornais. *La ciudad vista* é resultado de pesquisas que a autora fez para escrever uma coluna semanal na revista *Viva*, na qual apresentava algumas mudanças da vida urbana na cidade de Buenos Aires no início do século XXI, articulando-as tanto com transformações culturais e econômicas mais amplas pelas quais a Argentina passou, quanto com a “cidade imaginada” pela literatura argentina no início do século XX (por Borges e Arlt, principalmente). Importa destacar, aqui, que o tema da cidade é constante nos trabalhos da crítica, que muitas vezes são lidos como estudos de sociologia urbana. Com inspiração em Walter Benjamin, Sarlo toma a cidade como lócus do espaço público, lugar do conflito, das mazelas sociais e, sobretudo, onde a cidadania é permanentemente negociada. *La audacia y el cálculo*,

---

<sup>111</sup> Beatriz Sarlo. “Intelectuales”. *Escenas de la vida posmoderna (Op. Cit.)* Essa posição de Sarlo é duramente criticada. Para Andrea Pagni e Erna Von der Walde, por exemplo, a proposta de Sarlo contém uma “nostalgia moderna”, um lamento excessivo pela perda de protagonismo do intelectual que não consegue dar conta das tarefas do presente. Para Horácio González, por outro lado, trata-se de uma posição cômoda e conformista para o intelectual pós-moderno, integrado às lógicas da cultura de massas, que acaba sacrificando o rigor teórico para instalar “uma perspectiva” que seja aceita dentro dos esquemas e linguagens socialmente admitidos. Conferir: Andrea Pagni; Erna Von der Walde. “Qué intelectuales en tiempos posmodernos o de cómo ser radical sin ser fundamentalista. In: Roland Spiller (org.). *Culturas del Río de la Plata (1973 - 1995)*. Transgresión e intercambio. Frankfurt: Vervuert Verlag, 1995; Horacio González. “Perspectivas de la crítica cultural. In: *Espacios*. Buenos Aires, n.16, 1995. Beatriz Sarlo discute as polêmicas em torno do tema em: “Retomar el debate”, *Punto de vista*. Buenos Aires, n. 55, 1996.

<sup>112</sup> Vale notar que o livro *Escritos sobre literatura argentina* (2007) reúne ensaios de Sarlo que foram objetos, muitas vezes, de notas dos cursos, além de serem esboços de conferências acadêmicas. Os principais escritores estudados vão dos mais listados na literatura argentina do século XX, como Ezequiel Martínez Estrada, Victoria Ocampo, Jorge Luis Borges, Roberto Arlt, Julio Cortázar, até nomes que Sarlo e *Punto de Vista* contribuíram para divulgar, como Juan José Saer.

<sup>113</sup> A partir dos anos 2000, Sarlo passou a escrever com frequência em jornais como *La Nación*, *Página/12*, *Perfil*, *Noticias*, entre outros, e a participar de alguns programas na televisão argentina, em canais como “Los 7 locos”, da TV Pública Argentina; e em “Todo Noticias” e “Metro”, vinculados ao Grupo Clarín.

por outro lado, é resultado de reflexões desenvolvidas por Sarlo sobre a política argentina nos anos 2000, em particular sobre a presidência de Néstor Kirchner e de sua esposa, Cristina Fernández de Kirchner. E *Ficciones Argentinas* reúne breves ensaios sobre a nova produção literária argentina, que foram escritos entre 2007 e 2012 para o suplemento cultural do jornal *Perfil*. Nas notas sobre a literatura argentina contemporânea, Sarlo faz questão de frisar aqueles autores com os quais jamais deixou de dialogar e de ter como inspiração, como Roland Barthes, com quem afirma que aprendeu a ler literatura, e como Walter Benjamin, Raymond Williams e David Viñas, para os quais a “materialidade do mundo marca a literatura”.<sup>114</sup> O título, não menos importante, remete a *Ficciones* (1944), de Borges, um dos autores mais estudados ao longo de sua trajetória. Como veremos, Borges é uma “peça central” no conjunto dos trabalhos de Sarlo porque, sendo um escritor que leu simultaneamente a condição argentina (marginal e periférica) em relação com as tradições ocidentais, sua “máquina literária é uma revelação da Argentina”.<sup>115</sup>

Por meio desse breve percurso pela trajetória de Sarlo nas últimas décadas, e a partir da visão esquemática de alguns de seus trabalhos, nota-se que ela atuou em diferentes espaços – em particular, como editora da *Punto de Vista*, professora universitária e intelectual pública –, e se ocupou de diferentes objetos, temas e problemas, apostando que a literatura e os artefatos culturais apresentam desvios irônicos com relação à experiência social e, por isso, carregam questões de seu tempo que a crítica pode apreender e reinterpretar. Trata-se de uma intelectual cujos trabalhos são lidos ora como crítica literária e/ou cultural, ora como sociologia da literatura e/ou da cultura. Se esse traço não deixa de ser uma marca de uma formação mais autodidata e independente – cada vez mais rara nos contextos de especialização acadêmica –, também representa uma intelectual inquieta que procura diferentes lugares para ver as cenas do presente e colocar questões que o interroga. Pois, para Sarlo, mesmo quando se interessa pelo passado, a crítica mantém a

---

<sup>114</sup> Beatriz Sarlo. “Prólogo”. *Ficciones argentinas: 33 ensayos*. Buenos Aires: Mardulce, 2012, p.18, tradução minha. Entre o final do século XX e os primeiros anos do século XXI, os trabalhos de Sarlo dialogaram com inúmeros autores, nacionais ou estrangeiros, mas é emblemático que, nos últimos livros, seja constantemente ressaltado os pensadores com os quais jamais deixou de ter como interlocução. Um exemplo é o livro *Plan de operaciones* (2013), que reúne ensaios sobre Barthes, Benjamin e Borges, e cujo título já deixa indicado que se tratam de autores centrais em seu projeto intelectual.

<sup>115</sup> Beatriz Sarlo. “Conflitos e representações culturais”. In: *Novos Estudos*. São Paulo, n.75, 2006, p.88.

“vibração que caracteriza sua relação com o contemporâneo: lê o que se passou por alto, *reinterpreta*”.<sup>116</sup>

Em relação aos temas e problemas trabalhados por Roberto Schwarz a partir de meados da década de 1980, enquanto atuou como professor na Unicamp (até 1997) e no comitê editorial da *Novos Estudos*,<sup>117</sup> digamos que ele deu continuidade ao seu projeto de investigar os acertos e desacertos estéticos na literatura e na cultura brasileira, pensando-os a partir da relação entre dois fusos: o nacional e o mundial, como propõe em *Que horas são?* (1987), livro que reúne ensaios sobre os romances de Machado de Assis, a poesia de Oswald de Andrade ou Augusto de Campos, a ficção de Paulo Emilio Sales Gomes e de Zulmira Ribeiro Tavares, a crítica literária praticada por Antonio Candido, a figura intelectual de Anatol Rosenfeld, o filme *Cabra marcado para morrer* (1984), de Eduardo Coutinho etc. Cada qual a seu modo, os ensaios apresentam chaves de interpretação da modernidade e do capitalismo periférico.

Durante a década de 1990, Schwarz publicou seus principais trabalhos sobre a segunda fase dos romances de Machado de Assis: *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990) e *Duas Meninas* (1997), sendo que este último coloca lado a lado *Dom Casmurro* (1899), de Machado, e *Minha vida de Menina* (1942), de Helena Morley. Como veremos nas próximas páginas, mais do que uma interpretação da obra de um dos principais escritores brasileiros, a partir e por meio dos romances machadianos, Schwarz vai tecendo uma reflexão sobre a formação social do país, que reverbera na contemporaneidade. Vale notar que, para o crítico, foi o golpe militar no Brasil que lhe deu pistas para ler os romances machadianos em nova chave. Em suas palavras:

depois de 1964 a visão esperançosa, ligada ao populismo e às suas promessas, acabou. Daí a atualidade de Machado de Assis quando mostra que não é para acreditar em nada que as pessoas bem-postas dizem, mesmo se as palavras forem elegantes. A visão machadiana das relações de classe, muito cruel e desabusada, de repente ganhava outro peso.<sup>118</sup>

<sup>116</sup> Beatriz Sarlo. “Prólogo”. *Ficciones argentinas (Op. Cit.)*, p.13, grifo meu, tradução minha.

<sup>117</sup> Ainda que mais distante das atividades do Cebrap, Schwarz ainda faz parte do conselho editorial da *Novos Estudos*. Em 2014, comemorando cem números, a revista publicou textos de alguns dos principais intelectuais vinculados ao Cebrap, entre os quais Schwarz, que ofereceu uma pequena nota sobre as primeiras páginas do romance *Esaú e Jacó* (1904), de Machado de Assis.

<sup>118</sup> Roberto Schwarz. “Conversa sobre ‘Duas meninas’”. In: *Seqüências Brasileiras. (Op. Cit.)*, p.235.

Nos últimos ensaios publicados pelo crítico, reunidos em livros como *Sequências Brasileiras* (1999) e *Martinha versus Lucrecia* (2012), diante de um horizonte histórico em que a luta pela transformação social saiu de cena – o que ele chama de “vitória avassaladora do capital sobre os movimentos operários”<sup>119</sup> –, e caracterizado pelas novas dinâmicas impostas pela globalização e pelas leis do neoliberalismo que orientam o movimento da sociedade, Schwarz dialoga – por meio da crítica literária e cultural, da crítica dos críticos, da análise social, de perfis biográficos etc. – com intelectuais de gerações anteriores, como Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza, e com os intelectuais e artistas de sua geração, como Sérgio Ferro, Francisco de Oliveira, Bento Prado Jr., Chico Buarque, Caetano Veloso, Francisco Alvim, Cacaso, entre outros. Na forma-diálogo, é possível aventar a hipótese de que Schwarz vai construindo uma memória da fratura histórica provocada pela ditadura militar, porque foi nesse contexto, a seu ver, que foram gestadas tanto as novas dinâmicas do mercado quanto as novas formas da iniquidade à brasileira. Se o trauma objetivo da ditadura é central na biografia de Schwarz, ele também é, em seu diagnóstico, a repetição de uma invariante histórica que remonta ao processo de formação da sociedade brasileira e, nesse sentido, sua reelaboração é necessária para iluminar os desafios do tempo presente.

Vistos em conjunto, os trabalhos de Schwarz procuram levantar questões para pensar a dinâmica da vida social e cultural brasileira, apostando, sobretudo, no que ele chama de confiança no “valor de conhecimento da arte” como via para a descoberta de aspectos da realidade. Seguindo a trilha da crítica de inspiração marxista (especialmente a perspectiva de Adorno), mais do que interpretação das formas artísticas, a crítica reconstrói em termos conceituais aquilo que as obras expressam por meio da forma.<sup>120</sup> Aqui, o ponto de vista que Schwarz toma de empréstimo da sociologia brasileira é central para qualificar o processo social figurado pelas obras. Não por acaso, seus trabalhos são qualificados muitas vezes como “crítica sociológica” (o que nem sempre é um elogio entre críticos literários).

Acompanhando brevemente alguns passos das trajetórias intelectuais de Sarlo e de Schwarz, e fazendo um panorama muito esquemático dos vários temas e

---

<sup>119</sup> Roberto Schwarz. “Agregados antigos e modernos”. In: *Martinha versus Lucrecia*. (Op. Cit.), p.176.

<sup>120</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos salvo engano da ‘Dialética da Malandragem’”. In: *Que horas são?*. (Op. Cit.).

problemas a que eles se dedicaram, observa-se várias diferenças – de gênero, de formação acadêmica, de atuação profissional, de espaços de intervenção intelectual, de matrizes teóricas em que se inspiram etc. De certa maneira, a aproximação de Sarlo de uma visada sociológica a levou cada vez mais para o campo da cultura – são raros os livros dedicados à análise de apenas um autor ou uma obra em particular (seu estudo centrado em Borges é quase uma exceção). Enquanto Schwarz, fazendo o percurso das ciências sociais aos estudos literários, investigou especialmente os romances de Machado de Assis, embora tenha um conjunto de ensaios de outros momentos-chaves da literatura brasileira ou do pensamento social produzido em seu país. Digamos que, na imbricada relação que os ensaístas estabelecem entre crítica e sociologia, se perfila a figura do intelectual crítico que não se circunscrevem às especialidades acadêmicas em sentido estrito, sem delas se desfazerem por completo.

Ao longo de trajetórias consideravelmente distintas, com carreiras marcadas por inflexões variadas, é possível notar que ambos os críticos se preocupam com questões que se assemelham: a construção de uma crítica política da cultura que esteja comprometida a refletir sobre os dilemas da vida nacional (ou ao menos abrir “uma perspectiva para ver”, como propõe Sarlo). As revistas em que os críticos atuaram durante uma parte significativa de suas trajetórias – *Punto de Vista*, no caso da Argentina, e *Novos Estudos*, no caso do brasileiro –, são exemplos desse tipo de compromisso intelectual, sobretudo em momentos de tensão social e política como foram os processos de redemocratização da sociedade Argentina e da brasileira (com resíduos que ainda permanecem no centro da vida social dessas sociedades).<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> Uma comparação entre as revistas é realizada no trabalho de Ana Olmos. “Práctica intelectual y discurso crítico en la transición: *Punto de vista* y *Novos Estudos* del Cebrap”. *Revista Iberoamericana*, v. LXX, n. 208-209, 2004. No argumento da autora, no contexto da transição democrática, essas publicações construíram um espaço que aspirava, de um lado, gerar discussões no campo da esquerda, problematizando os limites dos projetos nacionais antes dos golpes militares e, de outro lado, intervir na conjuntura política, discutindo os efeitos e consequências dos anos de autoritarismo militar. Esse duplo movimento, ainda segundo Olmos, relacionava o âmbito cultural com o domínio público, exigindo uma atitude intelectual que articulasse a especialidade do conhecimento com a intervenção pública. Como observamos, o editorial de Schwarz inaugurou *Novos Estudos* com o objetivo de manter viva a atitude crítica, e foi nessa revista que ele publicou parte significativa de seus ensaios; e Sarlo, por sua vez, atuou como diretora da *Punto de Vista* por trinta anos, espaço que se consolidou como seu laboratório de ideias e de intervenções públicas. Ainda que as revistas tenham se modificado ao longo dos anos, elas cumpriram papéis importantes no debate público brasileiro e argentino, sobretudo entre os anos de 1980 e 1990.

Por outras palavras, algo que de algum modo percorre o conjunto das preocupações de Schwarz e de Sarlo é construir *um lugar para a crítica* – seja a partir da literatura, dos diferentes artefatos culturais, da crítica dos críticos etc. – *que possibilite fazer uma análise histórica do presente*.<sup>122</sup> Entre as diferentes intervenções que ambos fazem (em revistas, jornais, livros, conferências etc.), *o ensaio como forma da crítica* é uma das principais ferramentas por meio das quais se combina o ato crítico e a “imaginação sociológica” para interpretar os dilemas e paradoxos do *tempo presente*. A atividade de ensaísta, no caso de Sarlo, consiste em apostar, em sentido benjaminiano, em um modo de exposição das ideias que desconfia dos sentidos definitivos, que reconhece a dissonância, o heterogêneo, a divergência e o fragmentário como modo de questionar o presente; é, ademais, uma forma de se vincular a uma tradição intelectual que pensa a Argentina como tema e como problema – atitude tão cara a nomes como Adolfo Prieto, David Viñas e Tulio Halperín Donghi, que ampliaram os modos de imaginar a sociedade argentina.<sup>123</sup> E a prática do ensaio,

---

<sup>122</sup> Como sinalizamos, Walter Benjamin é uma referência teórica no horizonte do crítico brasileiro e da crítica argentina, e é um autor reconhecido por *elaborar o passado como crítica do presente histórico*. Considerando o livro de Benjamin *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*, e o debate sobre “Literatura e Valor” construído entre Schwarz e Sarlo no sexto congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina em 1998, vale aprofundar algumas aproximações e diferenças entre as perspectivas teórico-metodológicas dos críticos. O ensaísta alemão observa, no referido livro, que o debate sobre o valor da matéria literária pode ser pensado a partir de três posições principais: (i) a partir da qualidade que é estabelecida pela convenção; (ii) por meio da qualidade manifestada no artefato cultural (se é adequado aos seus pressupostos internos); (iii) pela qualidade medida em função do modo de relação do leitor com o artefato cultural. Roberto Schwarz aposta, sobretudo, na segunda posição, observando que o juízo de valor só faz avançar a compreensão da literatura e do social se ele é argumentado a partir de uma consciência formal exigente, e não por acaso Machado de Assis figura como o centro de suas reflexões sobre a literatura brasileira, como o grande escritor que ousou em sua forma literária e, por meio dela, torna-se possível desvendar novos aspectos sobre a sociedade brasileira. Beatriz Sarlo, por sua vez, reconhecendo a importância da segunda posição, também destaca a relevância terceira. Tomando a sociedade como um conflito de vozes, e argumentando que sua ideia do social e sua ideia da literatura não são distantes do que ela entende como sociedade, o conflito, que é necessariamente valorativo, permite pensar tanto os diferentes tipos de textos literários quanto as práticas sociais. Por isso, se Jorge Luis Borges é o autor mais estudado pela argentina, ela reconhece a importância de se acompanhar a pluralidade das manifestações culturais no campo intelectual (da chamada “alta literatura” e da “literatura popular”). Sobre o debate entre os críticos, ver: Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo. “Literatura e valor”. In: Ana Luiza Andrade; Maria Lucia de Barros Camargo; Raúl Antelo (orgs). *Leituras do Ciclo (Op. Cit.)*.

<sup>123</sup> A proposta do ensaio como uma “forma de dissonância” está presente nas páginas de: Walter Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Beatriz Sarlo tem vários ensaios sobre o ensaísta alemão. Em um deles, partindo do diagnóstico de que Benjamin se tornou uma “moda acadêmica” – sendo lido e citado, mas sem ser assimilado –, ela pede para que a “academia”, “destra na tecnologia e na reprodução”, com a preocupação em especialização e em determinar quais saberes são científicos, que esqueça Benjamin. A fina ironia não deixa de revelar as posições da crítica: sem dissonância e sem a divergência não há ensaísmo, não há a imaginação de novos pontos de vista sobre o social, a arte, a política e a vida. Ver: Beatriz Sarlo. “Esquecer Benjamin”. *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, [2011] 2013.

no caso de Schwarz, tem também seu lado de provocação, na medida em que ele se forma no momento de institucionalização da sociologia como disciplina específica (ou seja, no contexto em que a monografia científica se tornou a principal forma de produção teórica), mas segue mesmo assim apostando na perspectiva dialética aventada pelo jovem Lukács e por Adorno, de que escreve ensaisticamente “quem compõe experimentando”, “quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão”. E nessas viradas, críticas e dialéticas, é possível conhecer novas configurações das experiências históricas, que, embora não estejam sempre alinhadas aos discursos científicos hegemônicos, são novas formas de conhecimento do social.<sup>124</sup> Com o ensaio, Schwarz se liga não apenas a essa “tradição contraditória” da crítica literária e cultural marxista, como também ao professor Antonio Candido e aos demais membros do grupo Clima, que conjugaram ensaísmo e rigor analítico para pensar questões relativas à formação do Brasil.

Em uma síntese: no conjunto dos ensaios de Beatriz Sarlo e de Roberto Schwarz, observa-se que ambos olham para perguntas e respostas que escritores, artistas e intelectuais fabularam sobre a Argentina e o Brasil, e por meio dessa visada, puxam fios para pensar, sentir e atuar em seus respectivos países. Apostam, nesse sentido, na *crítica cultural como “esporte de combate”*: uma atividade crítica que, encontrando ou criando nexos de cumplicidade nas relações entre literatura, ideias, cultura e política, torna visíveis contradições e conflitos que existem na sociedade. Essa aposta aparece em diferentes trabalhos que os críticos desenvolveram ao longo de suas trajetórias, e, de modo especial, nos ensaios sobre os autores mais estudados por ambos: Jorge Luis Borges, no caso de Sarlo, e Machado de Assis, no caso de Schwarz. Nesses ensaios, que serão objetos da próxima parte desta dissertação, os críticos colocam questões para pensar os desafios da modernidade e do capitalismo vistos de contextos periféricos.

---

<sup>124</sup> A referência de Theodor Adorno é “O ensaio como forma”. In: *Notas sobre literatura*. Madrid: Akal Ediciones, 2003. Em relação ao Lukács, ver: “Sobre as formas e a essência do ensaio: carta a Leo Popper”. In: *A alma e as formas: ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

## PARTE II:

### A periferia e as margens como pontos de vista



(...) não existe nenhum ponto de vista privilegiado fora da realidade das relações entre as culturas, entre poderes imperiais e não imperiais desiguais, entre nós e os outros; ninguém detém o privilégio epistemológico de julgar, avaliar e interpretar o mundo com isenção dos interesses e compromissos obstrutores das próprias relações existentes. Não estamos fora e além das conexões: fazemos parte delas.

Edward Said – *Cultura e Imperialismo* (1993).

Em julho de 2005, na terceira edição da Festa Literária Internacional de Paraty, no Rio de Janeiro, o crítico brasileiro Roberto Schwarz e a crítica argentina Beatriz Sarlo participaram da mesa “Um lugar para as ideias”. Na programação do evento eles foram descritos como “intérpretes incontornáveis” das obras de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges, escritores que se destacam nas literaturas brasileira e argentina, além de serem listados nas últimas décadas como parte dos “latino-americanos” que integram o panteão da literatura ocidental/mundial. Na ocasião, falando sobre “literatura e ideologia”, “ideias e mídias” e “intelectuais e política” na periferia de um mundo hoje globalizado, os críticos mencionaram o papel destes e outros escritores que possibilitam *desvendar* (para usar o vocabulário mais caro a Schwarz) ou *cifrar* (nos termos de Sarlo) alguns dos conflitos e dos dilemas que marcam a vida social, e discutiram a crise da figura do intelectual engajado.

De modo geral, o ensaísta brasileiro observou que o intelectual engajado “é aquele que trai a sua classe e coloca sua cultura em busca da solução do problema da exclusão”. Essa figura, a seu ver, quase desapareceu no Brasil após 1964, momento em que teve início a experiência brutal da ditadura militar brasileira e se exilaram (de modo voluntário ou não) muitos dos intelectuais e artistas que desempenharam papéis importantes na luta contra o subdesenvolvimento e por um país menos desigual. Depois do golpe de 1964, o compromisso intelectual assumiu novas feições e os projetos e as discussões sobre o país, com raras exceções, já não estariam mais na ordem do dia. A crítica argentina, concordando com o ponto de vista

levantado por Roberto Schwarz, acrescentou a necessidade de se refletir sobre os descompassos entre a produção intelectual especializada e os meios de comunicação no mundo contemporâneo. Se o papel da mídia é problemático, com posições muito parciais e enviesadas, Beatriz Sarlo argumentou que os intelectuais precisam encontrar novas formas de se engajar e de intervir nos debates públicos, de modo a aprofundar o conteúdo de notícias sobre a vida nacional que são tratadas, no mais das vezes, como espetáculos midiáticos.<sup>125</sup>

A descrição da mesa e as linhas gerais das observações de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo sobre as diferentes configurações que o compromisso intelectual assume historicamente são um bom ponto de partida para essa segunda parte da dissertação. Por um lado, porque permitem puxar alguns fios tecidos anteriormente. Como indicamos, Schwarz e Sarlo são críticos que fazem das relações entre literatura, ideias, cultura e política um ato de cumplicidade para pensar os impasses do tempo presente. Ainda que seus projetos críticos apontem para distintos modos de articular literatura e vida social, suas agendas de pesquisa, a partir de diferentes modos de intervenção intelectual, são preocupadas com o caráter público (e potencialmente normativo) da crítica literária e cultural. Por outro lado, a descrição da mesa salienta a importância das leituras de Schwarz e de Sarlo sobre as obras de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges, respectivamente, e estas serão objetos de estudo daqui em diante. Se esses escritores já figuravam entre nomes relativamente consagrados na literatura brasileira e na literatura argentina, as intervenções de Schwarz e de Sarlo trazem novas tintas aos debates, e, não por acaso, tornaram-se parte influente da fortuna crítica de Machado e de Borges.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> Sobre o tema consultar tanto a descrição da mesa no site da Flip quanto o catálogo de dez anos do evento: Flávio Moura (org.). *Paraty é uma festa: dez anos de Flip*. São Paulo: Associação Casa Azul; Brasília: Ministério da Cultura, 2012.

<sup>126</sup> Importa sublinhar, desde já, que os livros e os autores que compõem o tão *imaginado* cânone (da literatura, das artes, das ciências humanas etc.) variam de acordo com os contextos e com as circunstâncias em que são lidos ou relidos – seja pela invenção de técnicas, método e operações (estéticas ou analíticas) que de algum modo quebram padrões estabelecidos e se tornam modelares em determinadas épocas, seja porque suas obras ainda têm algo a dizer sobre a configuração social. No caso de Machado de Assis, a recepção crítica de sua obra, por mais oscilante que tenha sido, quase sempre o reconheceu como um dos mais importantes romancistas brasileiros do século XIX. De certa maneira, *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Candido, é um passo decisivo no processo de consagração do escritor. Hoje, por exemplo, Machado é considerado uma unanimidade no cânone brasileiro, requisitado pela teoria e crítica literária especializada, pelas ciências sociais, pelos movimentos sociais, pelo mercado editorial (nacional e internacional), pelas listas de leitura em vestibulares etc. Já com relação a Borges, sua obra entra, de certo modo, no campo das polarizações políticas na Argentina e, não à toa, esteve (e continua) sujeita a inúmeras controvérsias. A polêmica é tão significativa que há coletâneas severamente críticas, como, por

Como mencionamos em páginas anteriores, os romances de Machado de Assis, escritos entre o último quartel do século XIX e o início do século XX, ocupam um lugar privilegiado entre os trabalhos desenvolvidos por Roberto Schwarz. Em ensaios que compõem os livros *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (1977), *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1990), *Duas meninas* (1997), *Sequências Brasileiras* (1999) e *Martinha versus Lucrecia* (2012), a obra machadiana é um eixo central a partir do qual Schwarz interpreta o que ele chama de “matéria brasileira” e o movimento mais geral da sociedade contemporânea. As operações estéticas e ideológicas construídas por Jorge Luis Borges no começo e no decurso do século XX, por seu turno, são objetos de investigação de diferentes trabalhos de Beatriz Sarlo. Nos livros *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930* (1988), *Borges, un escritor en las orillas* (1993), *La pasión y la excepción: Eva, Borges y el asesinato de Aramburu* (2003) e *Plan de operaciones: sobre Borges, Benjamin, Barthes y Sontag* (2013), ao discutir a originalidade da literatura borgiana, Sarlo problematiza algumas questões mais amplas do seu contexto nacional.

Colocando esses livros de Schwarz e de Sarlo lado a lado, chama atenção que em alguns títulos aparecem os termos “periferia”, “periférica” e “orillas”. Considerando a contemporaneidade histórica entre os ensaios, interessa indagar se existe certa *afinidade eletiva* quando Roberto Schwarz observa que Machado de Assis é um “mestre na periferia do capitalismo” e quando Beatriz Sarlo sugere que Jorge Luis Borges “é o escritor das ‘orillas’”.<sup>127</sup> Por outras palavras, os termos “periferia” / “margens” assumem um sentido mais ou menos compartilhado na construção teórica e metodológica dos ensaios de Schwarz e de Sarlo? E mais: esses sentidos têm

---

exemplo, *Antiborges*, organizada por Martín Lafforgue (1999). Entretanto, o caráter polêmico da obra borgiana, ou inclusive por causa dele, não apaga a centralidade do escritor na literatura argentina – Lafforgue reconhece, mesmo que ironicamente, que o escritor “está em todas as partes”. Para um debate sobre a controversa categoria do cânone, ver: Franco Moretti. “The slaughterhouse of literature”. In: *Modern Language Quarterly*, v. 61, n. 1, 2000. Algumas menções a obras de Machado e de Borges como pertencentes ao cânone da literatura mundial / literatura ocidental (os termos oscilam, é importante notar) podem ser encontradas em: Pascale Casanova. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002; e Harold Bloom. *Gênio, os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

<sup>127</sup> Roberto Schwarz. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades / 34, [1990] 2012; Beatriz Sarlo. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, [1993] 2008.

implicações para se pensar os processos sociais e culturais do Brasil e da Argentina, ou até mesmo processos históricos de outros contextos periféricos?

Tendo em vista tais questões, essa segunda parte da dissertação apresenta um “*exercício de leitura*” dos principais trabalhos de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo em que Machado de Assis e Jorge Luis Borges são centrais. Acompanhando em primeiro lugar a leitura de Schwarz (no terceiro capítulo) e, em seguida, a de Sarlo (no quarto capítulo), o quinto e último capítulo é dedicado a cruzar essas leituras, circunscrevendo como hipótese que as interpretações tecidas pelos críticos permitem visualizar uma variedade de perguntas e de respostas que escritores e intelectuais fabulam acerca da condição *moderna e periférica* de países historicamente dependentes, como o Brasil e a Argentina, nos quais os padrões e as referências importadas se combinaram (e continuam se combinando) de modos *diferentes* à empiria local. Antes de avançar, vale destacar que ao colocar essas interpretações lado a lado, não se trata de fazer a defesa de uma em detrimento da outra, mas de pensar a produtividade de ambas, e especialmente do contato mútuo. De certo modo, a aposta é a de que as formulações dos críticos podem ser acomodadas uma à outra em uma teoria social crítica que precisa continuar a ser alargada para pensar problemas modernos globais a partir de pontos de vista não hegemônicos.

### Capítulo 3:

#### Um “avanço literário” na periferia: uma leitura de Machado de Assis

Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Machado de Assis, “Instinto de Nacionalidade” (1873).

Os livros *Ao vencedor as batatas* (1977), *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990) e *Duas Meninas* (1997) podem ser considerados complementares no âmbito da produção teórico-crítica de Roberto Schwarz. Analisando a dialética entre forma literária e processo social em diferentes momentos da ficção de Machado de Assis, Schwarz procura descobrir o que está em jogo no desenvolvimento dos primeiros contos e romances do escritor até sua chamada fase de maturidade, quando constrói um princípio formal novo na literatura brasileira, de modo a proporcionar uma visão das ambivalências e contradições da modernidade e do capitalismo que tomaram forma no país.

Para explicar o que Roberto Schwarz chama de “viravolta machadiana”, ele parte do problema armado pela tradição crítica anterior, sobretudo por seu professor Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Entre o período em que Machado de Assis escreveu seus principais romances e as primeiras décadas do século XX, foi quase unânime a interpretação de que o romancista pouco teria a ver com as letras e a realidade local, e alguns de seus leitores e críticos chegaram a sugerir que ele seria um dos poucos escritores brasileiros com estatura “universal”. A partir da década de 1940, seus romances passaram a ser vistos também como documentos de época, o que assinalava sua dimensão local/nacional.<sup>128</sup> Antonio Candido, ao explorar o que chamou de “momentos decisivos” na literatura brasileira – em especial o Arcadismo e o Romantismo, sendo que o primeiro possuía

---

<sup>128</sup> Algumas linhas gerais da recepção da obra de Machado no contexto brasileiro são traçadas por: Antonio Candido. “Esquema de Machado de Assis”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970; e Roberto Schwarz. “Leituras em competição”. In: *Martinha versus Lucrecia* (Op. Cit.).

características “universalistas” e o segundo “localista” –, aposta em outra interpretação da literatura machadiana. De modo sintético, Candido argumenta que Machado não apenas mobilizava técnicas de autores consagrados da literatura ocidental, como também incorporava os pontos fracos de seus predecessores românticos e naturalistas – que abusavam de figuras brasileiras, dos costumes e da cor local para construir uma literatura com características nacionais após a Independência do Brasil da metrópole portuguesa.<sup>129</sup> Ao ordenar em sua prosa de ficção tendências tanto universais como locais, Candido sugere que com Machado de Assis a literatura brasileira completaria seu processo de formação.<sup>130</sup>

Considerando que os “problemas estéticos têm objetividade, engendrada pela História intra e extra-artística”,<sup>131</sup> e procurando demonstrar a hipótese anunciada por Antonio Candido, *Ao vencedor as batatas* analisa os primeiros passos dos romances brasileiros de caráter realista, tomando como objeto de estudo as obras de José de Alencar e os escritos da primeira fase de Machado de Assis; enquanto *Um mestre na periferia do capitalismo* e *Duas Meninas* recortam obras de maturidade do escritor fluminense, respectivamente, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) e *Dom Casmurro* (1899), sendo este último colocado ao lado de *Minha Vida de Menina* (1942), de Helena Morley, uma moça de Diamantina que escreve um diário “sem intenção artística” no final do século XIX. Lidos em conjunto, os ensaios de Schwarz apresentam não apenas uma leitura interna e dialética de um “momento decisivo” da literatura brasileira, mas também, a partir e por meio da prosa machadiana, uma interpretação social do Brasil: de uma sociedade *densamente desigual*, em que as classes dominantes decidem de modo arbitrário e violento se vão reconhecer “os outros” em termos de igualdade. Trata-se, em outras palavras, de uma interpretação

---

<sup>129</sup> Para um possível leitor com poucas referências da história brasileira, vale assinalar brevemente que a Independência do país data de 1822, sendo decretada por Dom Pedro I, filho de Dom João VI, então rei de Portugal. A Independência da metrópole portuguesa foi seguida de um período monarquista, que perdurou até 1889 com a proclamação da República. A experiência do período Imperial é cara ao argumento de Roberto Schwarz, porque, como veremos, o longo reinado de Dom Pedro II (1840-1889) representa não apenas os anos em que Machado escreveu alguns de seus romances, como também decênios em que o país definiu suas feições pós-coloniais, cujas características até hoje dizem respeito aos brasileiros.

<sup>130</sup> Antonio Candido. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1959] 2017. Sobre a “dialética entre localismo e cosmopolitismo” como forma de interpretação da experiência literária e intelectual brasileira, ver: Antonio Candido. “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”. In: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1965] 2011.

<sup>131</sup> Roberto Schwarz. “Acumulação literária e nação periférica”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*, p.240.

das dificuldades da consolidação de direitos, que colocam à prova a pretensa universalidade dos “ideais modernos”, como igualdade e liberdade, consagrados e rotinizados por meio da Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1789). Vejamos de perto o desenvolvimento dos argumentos em cada um dos livros.

Do ponto de vista analítico, é possível sugerir que o título do primeiro livro, resultado da tese de doutoramento de Roberto Schwarz na França, é revelador de sua proposta a um só tempo crítica e sociológica. “Ao vencedor as batatas” faz referência a uma conhecida frase do romance machadiano *Quincas Borba* (1891), em que a filosofia de Joaquim Borba dos Santos, o Humanitismo, é explicada a partir de uma parábola sobre duas tribos famintas diante de um campo de batatas, suficiente para alimentar apenas uma delas. Na tese pessimista do filósofo, a guerra é vista como a única forma de conservação possível, de modo que aos vencidos restaria o ódio ou compaixão dos vencedores, que também ficariam com as batatas todas. O título sugestivo do estudo pode ser lido como uma provocação para se contar a história dos escritores que, por assim dizer, venceram nas letras brasileiras, como é o caso de Machado de Assis. No entanto, como veremos, o argumento central procura jogar luz sobre a história dos vencidos na sociedade brasileira, que são, de algum modo, figurados pela literatura machadiana. Trata-se de uma proposta marxista e dialética de “escovar a história a contrapelo”, em oposição à história hegemônica, linear e oficial do progresso, conforme recomenda Walter Benjamin, uma das referências teóricas incorporadas por Schwarz.<sup>132</sup>

Esse princípio dialético guia o ensaio que abre o livro, “As ideias fora do lugar”. Nele, Roberto Schwarz problematiza o chão social que dá suporte aos primeiros romances brasileiros, e acompanha algumas das ambivalências enfrentadas pela sociabilidade brasileira após o processo de Independência política. No quadro da descolonização brasileira, segundo Schwarz, é possível observar uma *aparente contradição* da modernidade que tomava forma no Brasil, uma vez que se combinavam as lógicas do liberalismo – como, por exemplo, o trabalho livre, a autonomia da pessoa, a crítica ao privilégio, a igualdade jurídica etc.–, com uma sociedade composta tanto por escravos quanto por homens livres pobres que, sem

---

<sup>132</sup> Conferir, especialmente, Walter Benjamin. “Teses sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1987.

poder recorrer aos direitos, dependiam do favor das classes proprietárias para sobreviver. Esse quadro representa o que o crítico chama de “*comédia ideológica*” na vida social brasileira, distinta de sua versão europeia: em uma das periferias da ordem burguesa, a exploração do trabalho era revelada sem nenhum subterfúgio, fazendo com que as ideias liberais se tornassem “falsas num sentido diverso”, de certo modo “original”.<sup>133</sup>

Ao desdobrar o argumento, Schwarz assevera que, embora as lógicas da escravidão e do liberalismo fossem mutuamente excludentes na aparência, elas ainda assim conviviam na prática, já que o “lucro como prioridade” seria comum tanto às formas antiquadas do capital (como a escravidão) quanto às mais modernas (como o trabalho livre). Basta lembrar, por exemplo, que o capitalismo brasileiro participava da acumulação de capital via comercialização de escravos. Além disso, o crítico recorda que mesmo com a situação escravista, as ideias liberais legitimavam a ideologia do progresso no Brasil e, mais do que isso, essa mistura garantia um lugar para o país na divisão internacional do trabalho ao lado das nações ditas “civilizadas”. Seguindo essa linha, ainda que a escravidão fosse a relação produtiva fundamental, ela não era o nexo efetivo da vida ideológica. Para Schwarz, este nexo estaria na convivência entre clientelismo e liberalismo, que colocava à prova o caráter pretensamente universalista dos direitos, princípio no qual as ideias liberais se ancoravam contra os privilégios do *Ancien Régime*. Em termos simples, os homens livres pobres que não eram “nem proprietários nem proletários” – sendo a figura do agregado dos romances machadianos a sua expressão –, eram submetidos à prática geral do favor e da dominação pessoal, fazendo o liberalismo girar em falso.<sup>134</sup>

---

<sup>133</sup> Roberto Schwarz. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades / 34, [1977] 2012, p.12. Schwarz retoma as linhas gerais da observação de Karl Marx em *O Capital*, quando, ao falar sobre “A teoria moderna da colonização”, aponta que as colônias podem revelar verdades sobre as condições capitalistas nas metrópoles. No caso brasileiro, a escravidão revelaria a exploração do trabalho que era encoberta no Velho Mundo, com princípios de igualdade perante a lei.

<sup>134</sup> Dois trabalhos desenvolvidos no âmbito das ciências sociais brasileiras, orientados por Florestan Fernandes, na Cadeira de Sociologia I da USP, são importantes para o argumento de Roberto Schwarz. A ideia de que a escravidão não seria incompatível com capitalismo (que era norma internacional) é desenvolvida por Fernando Henrique Cardoso no livro *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional* (1962); e o argumento sobre a dependência pessoal e a falta de garantias que caracterizava a vida dos homens livres pobres no período da “antiga civilização do café” é de Maria Sylvania de Carvalho Franco em *Homens livres na ordem escravocrata* (1969). Convém lembrar que Machado escreve no Rio de Janeiro, e o argumento de Schwarz, ao articular as reflexões de Cardoso (sobretudo sobre o Rio Grande do Sul) e de Carvalho Franco (com pesquisa empírica no vale do Paraíba, interior do estado de São Paulo), tem como feito apontar um ritmo geral da sociedade

Esse quadro histórico indica, na visão de Schwarz, que os princípios liberais, que integravam a Declaração dos Direitos do Homem e foram inseridos na Constituição Brasileira de 1824, seriam apenas de ordem formal – provas de “modernidade e distinção”. Porque, privilegiando “a dependência da pessoa, a exceção à regra”, bem como “utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc.”, o Brasil era integrado à “ordem moderna” por uma via de acesso marcada pela situação escravista, pela exclusão e marginalidade de parte da população, e pelo o elemento de arbítrio que é o favor, uma mediação “quase universal” das relações sociais no país.<sup>135</sup>

Ao localizar esse chão histórico, Roberto Schwarz procura entender seus efeitos e dinamismos no plano da cultura e da experiência intelectual. Mais do que indicar um possível descompasso entre a matéria local (brasileira) e as ideias e formas emprestadas (dos países-modelos) – como os costumes, os ornamentos arquitetônicos, os símbolos, as vestimentas, as teorias, a forma do romance etc. –, e mais do que insistir no que Schwarz chama de “clara falsidade” das ideias europeias quanto aclimatadas a outros contextos, ele propõe perquirir os efeitos desta impropriedade e a assiduidade de sua presença, questionando se a “falsidade das ideias” tidas como “modernas” não seria parte estruturante do próprio processo social e político brasileiro e, por que não, de outros contextos periféricos e “da ordem mundial que o capitalismo traçava”?<sup>136</sup> No argumento desenvolvido pelo crítico ao longo de *Ao*

---

brasileira formalizado nos romances de Machado. A proposta está em sintonia com a crítica dialética marxista, para a qual o conceito de totalidade tem operacionalidade analítica.

<sup>135</sup> Roberto Schwarz. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p.19. É interessante observar que o ensaio “As ideias fora do lugar” – publicado pela primeira vez em francês, em 1972, e vertido para o português no ano seguinte –, causou inúmeras polêmicas nas ciências sociais brasileiras e “latino-americanas”, em larga medida pelo título irônico, que sugerem que as ideias no país estariam fora de lugar. Entretanto, como esperamos que tenha ficado claro, Schwarz demonstra que as ideias novas – que chegavam ao país através de barcos, livros, jornais e viajantes, e eram consideradas centrais à modernização do Brasil – causavam certa estranheza e se combinavam de modo ambíguo com a empiria local – estranheza que era sentida pelos próprios brasileiros na época e comentadas publicamente. Justamente por isso, as ideias modernas davam a *impressão* de estarem fora do lugar, embora fossem funcionais para a dinâmica social. O próprio Roberto Schwarz comenta algumas polêmicas desse debate em: “Por que ‘ideias fora do lugar’”. In: *Martinha versus Lucrécia (Op. Cit.)*. Na linha das controvérsias causadas pelo ensaio, ver: Bernardo Ricupero. “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos”. *Sociologia & Antropologia*, v. 03, n. 06, 2013; e Elias Palti. “Lugares y no lugares de las ideas en América Latina”. In: *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

<sup>136</sup> Sobre esse ponto, chama atenção que Schwarz trace uma breve comparação entre a literatura brasileira e a literatura russa, e sobre certa analogia nos processos que combinavam o trabalho servil e o trabalho livre. Na visão do crítico, o romance russo figura um sistema de ambiguidades do uso local do ideário da cultura burguesa, o que abre caminhos para traçar um quadro “mais complexo” ao próprio romance burguês, mesmo com o suposto atraso histórico do país. Assim como no Brasil,

*vencedor as batatas*, Machado de Assis se torna um grande escritor porque percebe as dissonâncias entre as formas emprestadas de modelos estrangeiros e a empiria local, de uma ex-colônia.

Antes de Machado construir o que Roberto Schwarz sugere ser um princípio formal original na literatura brasileira, que tem a capacidade de ordenar “questões da história mundial”, mesmo que sem “as tratar diretamente”,<sup>137</sup> o crítico pondera que os primeiros passos de sua prosa de ficção, como também o de seu predecessor, José de Alencar, são indícios de que a “importação do romance” no Brasil, em particular sua “via realista”, caminhou com algumas dificuldades. Se os grandes temas que eram característicos da forma do romance europeu – como “o cortejo de sublimes viscondessas, arrivistas fulminantes, ladrões ilustrados, ministros epigramáticos, príncipes imbecis, cientistas visionários” etc. –<sup>138</sup> não combinavam com a cor local brasileira – regida pela escravidão, pelo paternalismo e pelas relações de favor –, como ficavam, em um país periférico, os problemas e os dilemas sociais que sustentam e ancoram a forma do romance realista burguês?<sup>139</sup>

Para Schwarz, José de Alencar foi pioneiro em responder questões como essa na literatura brasileira. Se, de um lado, sua obra alude ao imaginário social das mocinhas, dos índios, das florestas brasileiras e tem valor interpretativo sobre a vida social do país, de outro, ele não teria sido bem-sucedido na adaptação da forma do romance. Os motivos da fraqueza, segundo o crítico, não são ligados a alguma falta de talento do escritor, mas, sim, à “prova de consequência”; isto é, a transposição inalterada da forma do realismo europeu feita por Alencar ressalta os lugares em que o romance, ao ser reordenado à matéria local, dava ensejo a um conjunto de

---

a modernização na Rússia “se perdia na imensidão do território e da inércia social”, o que entrava em choque com “a instituição servil e seus restos”. Nessa linha, a hipótese de Schwarz é a de que as literaturas brasileira e russa (mas também as de outros contextos periféricos) poderiam ser reveladoras de certos descompassos e impropriedades entre modelo europeu e realidades locais, e mesmo impropriedades no próprio modelo quando visto pelo prisma dessas realidades que o Ocidente impunha (e continua impondo) ao mundo. Ver: Roberto Schwarz. *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, pp.27-29. Um desenvolvimento do argumento do crítico brasileiro pode ser encontrado em: Franco Moretti. “Malformações nacionais”: metamorfoses na semiperiferia. In: *O burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

<sup>137</sup> Roberto Schwarz. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p.31.

<sup>138</sup> Roberto Schwarz. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p.37.

<sup>139</sup> Roberto Schwarz. “A importação do romance e suas contradições em Alencar”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p.51.

contrassensos. Na demonstração do argumento, Schwarz recupera o romance *Senhora* (1874), um dos livros de maior empenho de José de Alencar.

Esse romance, copiando de certo modo a prosa realista balzaquiana, é composto por dois planos: o primeiro é representado por personagens centrais que retratam o tema da riqueza e da propriedade privada; o segundo plano é composto por personagens periféricas concebidas a partir da empiria local, que figuram algo da tradição, dos costumes e dos hábitos brasileiros. Aurélia, personagem principal, age segundo uma lógica racional que a situa em acordo com a ordem do mundo burguês. Dadas as condições peculiares de sua união com Fernando Seixas, por exemplo, a heroína passa a tratá-lo como propriedade sua, reduzindo o casamento a uma relação mercantil, tal como registrado nos subtítulos das partes em que se divide a narrativa: “O Preço”, “Quitação”, “Posse”, “Resgate”. Ainda que a condução do enredo e do conflito central se filie ao modelo balzaquiano – na medida em que a engrenagem do dinheiro, a posição social e o interesse racional selam os destinos dos heróis –, Schwarz indica que o movimento do romance vai em sentido oposto, já que o ambiente em que se desenvolve a trama principal é o de clientela e o de proteção, uma ordem distinta do ideário burguês.

Recuperando a análise de Georg Lukács sobre Honoré de Balzac e as questões do realismo europeu, o crítico brasileiro chama atenção para o fato de que a forma balzaquiana é a que mais se aproxima da realidade objetiva, mas sem espelhá-la diretamente. Trata-se, pois, de uma forma literária na qual o presente é figurado em suas contradições, e o conflito central é atravessado também pelo movimento das personagens periféricas, que se deslocam, invertem e modificam o conflito central. No caso do romance de Alencar, segundo Schwarz, o conflito se dissolve pelo fato de as personagens periféricas funcionarem apenas como ornamentos, sem oferecerem relevância problemática para o enredo, permanecendo interessadas apenas em arranjar sua sobrevivência, de modo a, por vezes, sequer conviverem com as personagens centrais.<sup>140</sup>

---

<sup>140</sup> Roberto Schwarz. “A importação do romance e suas contradições em Alencar”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p.48. Schwarz retoma: Georg Lukács. *Balzac und der französische Realismus*. Berlin: Aufbau-Verl., 1952.

O foco analítico de Schwarz pode parecer um pouco arbitrário, afinal, ele qualifica o andamento do romance a partir de um conjunto reduzido de personagens secundárias, cuja simples supressão poderia resolver o problema do descompasso da forma. O próprio Schwarz tem clareza da arbitrariedade, e observa que se as personagens periféricas fossem eliminadas, restaria um romance francês, o que não era intenção de Alencar, que procurava “nacionalizar o gênero” no jovem país emancipado. Por esse motivo, Schwarz aponta que a qualidade literária da prosa alencariana não é de ordem “da força crítica e do problema, mas antes da felicidade verbal” em que “brilham o talento mimético, a cultura brasileira e a visão de conjunto de Alencar, ao mesmo tempo que se minimizam os efeitos desconhecidos de nossa vida ideológica”: é a conciliação entre clientelismo e ideologia liberal. Esses impasses formais criados por Alencar reiteram o que Schwarz denomina provocativamente de “falência das formas europeias” quando aclimatadas aos trópicos, mas sem as quais se julgava que o país não estaria completo.<sup>141</sup>

Os primeiros romances machadianos, por sua vez, viriam a representar ainda outros impasses e incongruências entre a forma emprestada do romance burguês europeu e sua relação com a empiria local. Contudo, guardando diferenças com as obras de Alencar, as de Machado de Assis trazem na composição o que Schwarz chama de marca da dependência brasileira – isto é, a posição periférica do país no sistema solar do capitalismo –, aliada a um deliberado e desagradável conformismo. Se, num primeiro momento, os contos de Machado eram definidos pela ideologia liberal, inquietados pelas ideias de progresso e de igualdade, as generalizações libertárias próprias ao individualismo romântico vão sendo abordadas em romances como *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), que esboçam, cada qual a seu modo, o paternalismo e suas racionalizações no Brasil.

Nesses romances, na leitura de Schwarz, a conformidade social, a moral e a vida familiar orientam os destinos individuais. A temática da riqueza e da desigualdade não falta, como nos romances realistas europeus. Entretanto, há uma diferença, já que estão inscritos na vida privada, na qual as disparidades sociais são mais ou menos reparáveis, ou seja, em um espaço permeado por bons sentimentos e

---

<sup>141</sup> Roberto Schwarz. “A importação do romance e suas contradições em Alencar”. In: *Ao vencedor as batatas* (Op. Cit.). Para os trechos citados ver pp. 58-71.

com certas tensões, mas onde o conflito não se declara. Essa esfera familiar marcada pelo paternalismo e pela figura do agregado, para Schwarz, afasta-se da tradição forte do Realismo em que se inspirava Alencar, mas ganha em “verossimilhança brasileira”, abrindo caminhos para uma análise da autoridade paternalista e dos meandros da dependência local. Representam, em poucos termos, a tentativa do romancista de ir ajustando um princípio formal “capaz de acolher a empiria” brasileira.<sup>142</sup>

Observando os caminhos percorridos pelas heroínas dos romances, Schwarz destaca que, nascidas em famílias pobres, elas se movem em direção às famílias proprietárias até serem alçadas a outra condição social, reparando “o equívoco de natureza”, que fez moças com talento nascerem em posições menos privilegiadas. Em *A mão e a luva*, por exemplo, o crítico chama atenção para o movimento em direção ao casamento de uma menina de origem humilde, acolhida pela madrinha rica, que se divide entre três pretendentes. O dilema do romance consiste na decisão entre acatar a vontade da madrinha, que é de casá-la com seu sobrinho, ou manobrar em direção a seu preferido, que não ofende o gosto da madrinha, e sem contar um terceiro pretendente, que só teria uma leve simpatia da menina. O que se coloca em jogo no enredo, para Schwarz, não é a concepção do amor romântico ou da racionalidade, mas a lógica do favor que medeia as relações sociais no Brasil, e que opõe o “paternalismo tradicionalista” a um “paternalismo esclarecido”. Do ponto de vista da disposição dos conflitos, a contradição social e a ascensão são vistas “pelos olhos de cima, por alguém que vem de baixo”, e as injustiças sociais do país são artificialmente solucionadas ou mesmo subestimadas, o que pode apontar, ainda que com pouca força, em sua direção geral.<sup>143</sup>

A paisagem social em *Helena* é semelhante: boas famílias, riqueza e influência política dão o tom em oposição ao mundo dos pobres. Contudo, de acordo com Schwarz, entra em cena um profundo sentimento cristão, em que o mal não está na desigualdade, mas no modo de se tirar proveito dela. Somada à presença do favor, o crítico indica que essa perspectiva cristã reorganiza a matéria do romance,

---

<sup>142</sup> Do ponto de vista teórico-metodológico, seguindo a linha da crítica dialética, Roberto Schwarz indica que “acolher a empiria” no plano formal é justamente o problema ao qual se propõe *o romance como forma*. Para uma análise mais detida desse ponto, recomenda-se: Leopoldo Waizbort. “E por que não pode ser brasileira a forma do Realismo europeu?”. In: *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

<sup>143</sup> Roberto Schwarz. “O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, pp. 99-115.

explorando um sistema de contradições existente e dominante na sociedade brasileira da época. A personagem protagonista, por exemplo, vítima de uma “fatalidade do destino”, entra para uma família rica e procura ser aceita na nova casa, dando diversas provas de seu mérito. No argumento do ensaísta, esse movimento coloca na cena literária uma análise profunda do paternalismo como forma, já que Helena deseja o reconhecimento para escapar da submissão pessoal a qual estavam resignados os agregados pobres e os escravos. A virtude da personagem estaria, mais especificamente, na defensiva e na dificuldade de provar a própria pureza, elementos que dinamizam o conflito central do romance, e são indícios de que o reconhecimento paternalista à brasileira é inseparável do arbítrio do favor: os proprietários precisam de provas que permitam reconhecer o mérito dos que vem de baixo para proporcionarem sua ascensão.

Essa matéria romanesca, segundo Schwarz, não era propriamente crítica, mas também não era muito conformista, o que não deixa de ter a ver com a posição “indefinida” de Machado, que circulava ora pela “intriga ultrarromântica”, ora pela “análise social”, ora pela “edificação cristã”. Em *Iaiá Garcia*, por sua vez, que representa o fim da primeira fase machadiana, Schwarz observa que a posição de Machado é cautelosa. Isso porque, além das relações de favor, os interesses patrióticos são revelados como interesses particulares de uma classe, servindo de preparação para a virada que Machado dará em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Trata-se, para o crítico, de um romance “mais sério e verossímil” que os anteriores, com pouca idealização, e desde o princípio o leitor fica advertido da “realidade abundante”, uma vez que expressões e noções ligadas intimamente ao paternalismo brasileiro, que não teriam merecido tanta atenção antes, tornam-se parte do plano dramático da obra – estando presente tanto no conjunto dos assuntos, quanto na movimentação das figuras periféricas.

Sintetizando o fio do argumento, Schwarz observa que os primeiros romances machadianos figuram aspectos importantes da sociabilidade brasileira e, por conseguinte, avançam na crítica ao paternalismo, construindo algumas soluções estéticas para o romance realista à brasileira. A prosa, todavia, apresenta algumas incongruências e descontinuidades na organização da estrutura literária, deixando a sensação de uma sociedade desigual, mas indulgente. Tomados lado a lado, tais romances não desnudam, na visão de Schwarz, o caráter arbitrário e violento das

relações de clientela e proteção, pois valorizam “o ponto de vista dos dependentes”, e tanto os dependentes quanto os não dependentes “se prendem à gravitação do conjunto, em que a intenção das partes se perde, e que só dificilmente poderia ser atribuída a um ou outro”.<sup>144</sup> Na hipótese aventada pelo crítico, o caráter arbitrário do paternalismo e das relações de favor brasileiras são retratados de modo distinto na segunda fase de Machado, cuja novidade está em inverter a posição de seu narrador: da perspectiva social dos dependentes em situações precárias, o escritor passa a figurar os passos da classe dominante por meio da primeira pessoa do singular. De modo mais preciso, Schwarz sugere que Machado, percebendo que as classes proprietárias detinham “a posição forte” na sociedade e expressariam a partir de suas relações a “totalidade da vida social”, passa a assumir formalmente “o ponto de vista dos de cima”, para encarar o arbítrio paternalista não apenas da perspectiva dos dependentes, cuja “posição fraca e limitada” não os liberta da lógica de clientela e da proteção, mas de modo a formalizar esteticamente o destino que o indivíduo burguês traçava na *periferia*. É esse o universo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance que caracteriza a nova fase de Machado, e objeto de estudo de Roberto Schwarz em *Um mestre na periferia do capitalismo*.

Esse romance combina, na visão do crítico, “o direito à universalidade das matérias” e a preocupação de Machado de Assis em ser “homem do seu tempo e do seu país”.<sup>145</sup> Tal preocupação, segue Schwarz, faz com que o escritor “capte e dramatize” o movimento contraditório que pauta a estrutura social do Brasil na forma de um narrador volúvel, “inoportuno e sem credibilidade”, que põe constantemente o figurino do *gentleman* moderno, mas tira-o quando bem quer para assumir a posição do patriarca escravocrata, e depois volta a colocá-lo, adotando uma posição de capricho e arbítrio “insustentável”, ao mesmo tempo que de “aceitação comum”.<sup>146</sup> Em poucas palavras, o ponto nevrálgico do argumento de Schwarz é o de que o desencontro de superfície entre norma burguesa e as relações herdadas da colonização, das *Memórias Póstumas* em diante, deixam de ser apenas assunto e passam a estruturar a própria composição da narrativa, expressando a sociedade

---

<sup>144</sup> Roberto Schwarz. “O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p. 190.

<sup>145</sup> Roberto Schwarz. “Prefácio”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*, pp.9-11.

<sup>146</sup> Roberto Schwarz. “Uma desfaçatez de classe”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo. (Op. Cit.)*, p.19.

brasileira real, heterogênea, dependente e profundamente desigual, cujos traços da modernidade expressam sua formalidade superficial.

Aprofundando essa chave de análise, Schwarz procura demonstrar que o paradoxo que armava a vida social brasileira (chamado de “ideias fora do lugar” em *Ao vencedor* e agora de “ambivalência das elites brasileiras”) se tornou a ousadia da forma literária machadiana. Para tanto, acompanha o movimento do narrador Brás Cubas – o defunto-autor, um camaleão que muda de assunto, de opinião e de estilo a cada frase, buscando chamar a atenção de todas as maneiras –, e reconstrói a explicação extraliterária que qualifica o romance. Esquemáticamente, Schwarz destaca que após a emancipação política do Brasil, o quadro social permaneceu marcado pela situação escravagista imposta pelos séculos de exploração colonial. Ou seja, a conquista liberal de Independência política não foi acompanhada de uma revolução social – tal como nos países que emprestavam os modelos liberais e cujos processos de revolução modularam essa ideologia –, deixando intacto o complexo social e econômico formado ao longo dos anos de colonização. Em termos mais fortes, o processo pós-colonial brasileiro representa uma transição profundamente conservadora para uma nova situação, já que a administração e os proprietários continuavam sendo a mesma classe que exercia o comando no período colonial.

Nesse quadro histórico, Schwarz indica que embora o Brasil parecia estar distante das “nações civilizadas” (porque a escravidão era a relação produtiva fundamental), não deixava mesmo assim de estar ligado à ordem revolucionada pelo capital, uma vez que oferecia as matérias primas para o mercado externo e consumia a manufatura produzida por esse mercado. O ponto chave da explicação de Schwarz para esse paradoxo é a observação de que a ligação do Brasil com o “mundo moderno” se dava de modo pouco “civilizado”, “*aparentemente* atrasado”, mas com um atraso fundado em ideias, princípios, ornamentos e instituições *modernas*, “o que naturalmente mostrava o progresso por um flanco inesperado”.<sup>147</sup> Qualificando essa situação histórica como “reprodução moderna do atraso”, Schwarz conclui que a

---

<sup>147</sup> Roberto Schwarz. “Uma desfaçatez de classe”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*. Para os trechos citados ver o item “A matriz prática”, pp.35-47. Cabe notar que se n’ “As ideias fora do lugar” as principais referências sociológicas para a construção do quadro social vivido pelo país eram de Fernando Henrique Cardoso e Maria Sylvia de Carvalho Franco, aqui Schwarz recorre principalmente as formulações de seus colegas de geração: ao trabalho de Fernando Novais, sobretudo *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial 1777-1808* (1979); e às pesquisas de Luiz Felipe de Alencastro, com ideias sintetizadas no artigo “La traite négrière et l’unité nationale brésilienne” (1979).

modernização no país ocorria *através do atraso*, e não em oposição a ele, como pareceria sugerir o senso comum.

Do ângulo da matéria literária, é nesse quadro social, político e econômico que Brás Cubas se move, com toda sua volubilidade, desfaçatez e caprichos que consomem “as posturas, ideias, convicções variadamente liberais”, mas logo as abandona para assumir outras posturas locais, de modo a sair privado de credibilidade: gracinha e provocação andam juntas. Trata-se, no argumento de Schwarz, da figuração estética das “ambivalências ideológicas das elites” brasileiras, perceptível na sucessão dos episódios comandados pelo narrador-personagem, que combinam situações fundadas tanto na escravidão e no clientelismo – e, não por acaso, Brás Cubas aparece como “menino diabo” ao maltratar os escravos e como “protetor” ao ajudar uma agregada velha –, quanto na norma burguesa – pelas ideias que mobiliza na ciência, na política e na autonomia do indivíduo burguês –, situações que causam um efeito “negativo” e a sensação de que algo está errado. Os episódios indicam, em poucas palavras, que sem querer abrir mão da tradição ocidental “progressista e culta” (isto é, da norma moderna), o narrador-personagem (e as elites e instituições brasileiras de modo mais geral) tampouco queria abrir mão da prática do favor e do trabalho escravo (isto é, da infração brasileira); e que, em verdade, o acesso à norma moderna era proporcionado por esta infração brasileira.

A situação dialética entre a norma e a infração (isto é, entre os modelos europeus e os desvios locais) que existe no primeiro plano do enredo, na leitura de Schwarz, não busca fixar o conflito social, tampouco a transformação da sociedade, mas não deixam de assinalar “o progressivo desgaste no entusiasmo com que um parasita abocanha a sua parte nas vantagens da iniquidade social”. Vemos esse desgaste através das passagens de vida pelas quais transitou este brasileiro rico e desocupado: nasceu carioca; estudou na Europa; teve diversos amores; envolveu-se com projetos literários, políticos, filosóficos, científicos; morreu e escreveu sua história como um defunto. A passagem de uma estação a outra da vida, segundo Schwarz, se faz pelo “fastio”, o que imprime “a marca do privilégio de classe”. Além disso, essas passagens se ancoram em episódios da história do Brasil, entre os quais a Independência política (1822), a Abdicação de Dom Pedro I (1831), a Maioridade (1840), a Lei do Ventre Livre (1871) etc. Sem tratá-las em referências explícitas, a

biografia de Brás Cubas “corre paralela às etapas da vida nacional”, tornando a “indireta político-social” um método.<sup>148</sup>

Ao apresentar o que Schwarz chama de “espírito burguês negativamente no narrador volúvel” – posto que a volubilidade do narrador se torna um símbolo do “efeito opaco” da posição do Brasil no mundo moderno, sendo um elemento que confere cor local e ironia aos problemas que não são apenas nacionais – Machado cria uma “mimese negativa” de caráter realista. Não se trata de um realismo segundo o modelo europeu, já que as circunstâncias históricas impuseram mudanças à composição do substrato literário. Mas os romances desse escritor não deixam de assediar a forma do realismo, oferecendo uma visão de conjunto da sociabilidade estabelecida nos trópicos - retrata até o universo “não-burguês” (as relações sociais herdadas do período colonial). Por essas e outras sutilezas, Schwarz assevera que se trata de um “*romance realista com soluções antirrealistas*”.<sup>149</sup>

De modo resumido, Roberto Schwarz argumenta que a atitude de Machado, ao abusar do uso impróprio das formas modernas por seu narrador, é “astuta”.<sup>150</sup> O crítico pondera que Machado não inventou a técnica da volubilidade do narrador, mas percebendo as “ironias latentes” da situação que vivia em uma ex-colônia, tratou de “explorá-las sistematicamente”, associando a estrutura romanesca com inspiração em diversos procedimentos – como a forma biográfica, a forma do romance romântico, naturalismo etc. –, às particularidades históricas do país: liberalismo de fachada com as iniquidades da sociedade pós-colonial, de modo que o

<sup>148</sup> Roberto Schwarz. “Uma desfaçatez de classe”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*, Conferir trechos citados em pp.63-83.

<sup>149</sup> Roberto Schwarz. “Uma desfaçatez de classe”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*, p. 208. Note-se que uma das soluções antirrealistas é a feição específica do narrador, que na época soava arcaico, já que a moda era a da impessoalidade à Gustave Flaubert ou o cientificismo mágico do naturalismo. Um narrador morto que relata visões defuntas e se intromete na narrativa com comentários (com um jeito engraçado ou meio cínico) e que tece juízos de valor vai no sentido contrário ao do discurso indireto livre, que era a técnica narrativa mais avançada disponível no momento em que Machado escreve (e que é, no geral, incompatível com a primeira pessoa narrativa).

<sup>150</sup> É importante pontuar que apesar dessa densidade construtiva, Schwarz indica que a composição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta alguns problemas. A malícia do narrador, por exemplo, fica em desproporção com o mundo reduzido das personagens; assim como as diferentes dimensões das personagens nem sempre se integram, o que ocasiona, segundo Schwarz, indecisão no contorno de seus destinos. Recuperando as reflexões de Theodor Adorno sobre sociologia da música, segundo as quais as inconsistências técnicas de um autor com apreensão superior de forma podem ser de “fundamento social”, Schwarz observa que adotando a fisionomia da classe “dos de cima”, a forma do romance sofria com os impasses históricos. Trechos citados nesta nota podem ser conferidos na p.171. Ver: Theodor W. Adorno “Ideen zur Musiksoziologie. In: *Klangfiguren*. Frankfurt: M. Suhrkamp, 1959

paternalismo brasileiro perdia qualquer justificativa e ficava reduzido ao arbítrio dos proprietários. Segundo essa leitura, a volubilidade do narrador deixa claro que a modernidade brasileira não alimenta ilusões, “ela só lhe aumenta a miséria, pois, *sem elogiar o atraso, desqualifica o progresso de que aquele faz parte*”.<sup>151</sup>

Na interpretação estética e social desenvolvida por Roberto Schwarz em *Duas Meninas*, livro composto pelos ensaios “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*” e “Outra Capitu”, o argumento é tecido a partir da reflexão sobre o que é essa “matéria brasileira” que o crítico vem observando em *Ao vencedor as batatas* e *Um mestre na periferia do capitalismo*. Em dois livros muito distintos, como é o caso de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Minha vida de menina*, de Helena Morley (no civil Alice Dayrell Caldeira Brant), o crítico observa um sistema complexo de relações sociais herdadas da Colônia, que são incompatíveis com o padrão da nação moderna, mas são, ao mesmo tempo, o resultado da “evolução do mundo moderno” – e com desdobramentos, alerta, que “até hoje não deixam de nos dizer respeito”.<sup>152</sup> As duas meninas em questão, Capitu e Helena, de modos diferentes, mas até certo ponto complementares, procuram superar algumas das dificuldades impostas pelo paternalismo autoritário, e servem de prisma para observar as relações de classe e de gênero inscritas em fins do século XIX no Brasil.

No caso de *Dom Casmurro*, considerado um dos livros mais expressivos da prosa machadiana e da literatura brasileira vista em seu conjunto, o procedimento interpretativo de Schwarz, como em *Memórias Póstumas*, é a observação do movimento do narrador, em particular, sua posição social e seus interesses particulares. Como Brás Cubas, Bentinho, o narrador-protagonista, pertence à classe dos proprietários e aparenta civilidade: é um “cavalheiro distinto”, “bem-falante, culto e polido”. Sua figura é composta de traços que remetem às características da propriedade em um contexto marcado pela presença de escravos e de agregados sem direitos. Mas, nessa análise, Schwarz também dá destaque à personagem que desafia de diferentes maneiras o vínculo de classe do narrador: a “esclarecida” Capitu, vizinha

---

<sup>151</sup> Roberto Schwarz. “Uma desfaçatez de classe”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*, pp.185-186, grifos meus. Dito de outro modo, a ironia da prosa machadiana pode ter interesse tanto local quanto universal, porque “se constitui através da referência transatlântica sistematizada” (p.128).

<sup>152</sup> Roberto Schwarz. “Outra Capitu”. In: *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.91.

pobre, primeiro amiga e depois esposa do doutor Bento Santiago, dona de “olhos sedutores e de graça”.

Recuperando as linhas gerais do argumento de Roberto Schwarz, *Dom Casmurro* é um romance que aparentemente tem como assunto o ciúme e uma dupla traição (a infidelidade da mulher, Capitu, e do melhor amigo do narrador-protagonista, Escobar). A narrativa se divide em duas partes distintas: na primeira, dominada pela inteligência da menina Capitu, um jovem casal de classes distintas se apaixona e luta contra os preconceitos sociais para ficarem juntos, contando com a astúcia da menina que livra o namorado do seminário; na segunda, dominada por um Bento já assenhorado, entra em cena o casamento, a felicidade conjugal e a posterior desconfiança do adultério cometido pela mulher, que teve um filho parecido com o seu melhor amigo. Na passagem de um plano ao outro, o leitor pode ver Bento Santiago se tornar chefe de família abastada, “figura notória da ordem”. Sendo proprietário, sente-se no direito de dar vazão aos seus caprichos, tendo a vida pessoal ditada pelo ciúme extremo, que o faz duvidar de tudo e de todos: não sabe se houve a traição da mulher, tampouco se o filho que criava era seu ou do amigo; ou ainda, se questionava quem seria a verdadeira Capitu, a da infância ou a mulher dissimulada depois de casada.

Em relação à “esclarecida Capitu”, Schwarz ressalta que embora ela faça parte dos dependentes antes de se casar com Bentinho, seu espírito é diverso do deles, pois a moça satisfaz “os quesitos da individualização”. Trata-se, aos olhos do crítico, de uma moça perspicaz, que sabe o que quer e sabe os meios para alcançar seus objetivos. Entretanto, mesmo “emancipada internamente da sujeição paternalista, exteriormente ela lida com essa sujeição que forma seu meio”, em particular, quando o marido começa a sentir ciúmes dela, o que o levará a concluir que essa “mulher com ideias próprias”, por vezes até “atrevidas” e ousadas, não poderia ser outra coisa que não uma adúltera.<sup>153</sup> Se os leitores não sabem se a traição ocorreu, Schwarz indica que “está fora de dúvida que Bento escreve e arranja a sua história com a finalidade de condenar a mulher”.<sup>154</sup>

<sup>153</sup> Roberto Schwarz. “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”. In: *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.25.

<sup>154</sup> Roberto Schwarz. “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”. In: *Duas Meninas*. (Op. cit.), p.16.

É na análise imbricada dessas duas partes, então, que entra em cena o que Schwarz identifica como a matéria central do romance: um tipo senhorial, “sujeito de espírito absoluto”, autoritário e arbitrário diante da mulher, do filho e dos pobres, a quem são impostos a dependência pessoal direta, de modo a excluir a possibilidade de conduta autônoma. É uma figura que deixa claro a todo momento sua “falta de inclinação para uma relação entre iguais”, e que representa “não só o *atraso do país*, como também do *progresso do Ocidente*”. Em outras palavras, o contraste entre as duas partes da obra deixa claro que a aparência moderna do narrador se choca com o tradicionalismo das elites brasileiras – um “substrato bárbaro” –, e diante dessa situação o “espírito esclarecido” da personagem Capitu “acaba rebaixado”, submetido aos desmandos do narrador proprietário.<sup>155</sup>

Essa moça de Matacavalos, na visão de Schwarz, tinha uma contemporânea em Diamantina, interior de Minas Gerais. Uma menina pobre, observadora, filha de pai inglês e de mãe mineira, que escreve entre seus treze e quinze anos, em fins do século XIX, um “diário sem intenção estética”, que só é publicado décadas depois (1942). Mais do que questionar quando a composição do diário foi feita – se são os escritos despretensiosos de uma menina, as memórias de uma mulher mais madura, ou uma mistura das duas coisas – o que interessa, para Schwarz, é a análise interna do texto, com vistas a perceber as matérias e as diferentes entradas do diário. Isso porque, em sua visão, com uma “disposição questionadora e raciocinante”, as notas e anedotas quase diárias não representam apenas o desabafo de uma moça, mas também uma reflexão em torno de seu

---

<sup>155</sup> Roberto Schwarz. “Outra Capitu”. In: *Duas Meninas*. (Op. Cit.), p.97, grifos meus. Vale notar que a leitura de Schwarz chama atenção para a parcialidade das acusações do personagem-narrador. A fortuna crítica de *Dom Casmurro* em geral colocou mais dúvidas na fidelidade de Capitu do que na parcialidade com que um bacharel e ex-seminarista julgava sua mulher. O quadro começou a se alterar, segundo Schwarz, quando a professora estadunidense Helen Caldwell, em *The Brazilian Othello Of Machado de Assis* (1960), incomodou-se com a leitura patriarcal que Bentinho fazia de *Otelo*, de William Shakespeare, e indicou que era preciso desconfiar da autoridade do cavalheiro Bento Santiago, que poderia ser o verdadeiro réu da história. Do mesmo modo, o crítico brasileiro Silviano Santiago e o crítico inglês John Gledson não apenas desconfiaram do Casmurro, como também acrescentaram elementos da vida social brasileira em sua caracterização. Este último mostrou que, além de ciumento e bacharel, “Bentinho é herdeiro, vizinho rico, futuro patriarca e chefe de clã, o que empresta ao seu desgoverno temperamental uma lógica e um alcance específicos, em que está envolvida a sociedade em seu conjunto”. É a partir desse acúmulo crítico que Schwarz tece sua leitura de *Dom Casmurro*, argumentando que a deslealdade do narrador, um tipo social respeitado por todos no Brasil, tem uma constelação histórica e de classe precisas. Conferir: Roberto Schwarz. “Conversa sobre ‘Duas meninas’”. In: *Seqüências Brasileiras*. (Op. Cit.).

cotidiano.<sup>156</sup> Trata-se, por isso, de uma “outra Capitu”, que também soube “lutar pelo apadrinhamento certo” em uma sociedade de algum modo permeável ao que o crítico chama de “solicitação do mérito”.

Ao observar a disposição dos conteúdos do diário e ao olhar atentamente para a escrita realista e despretensiosa da menina do interior de Minas Gerais, Schwarz sugere que se forma uma constelação histórica de problemas reais enfrentados pela sociedade brasileira após a Abolição da escravidão (1888): de um lado, a “ordem familista”, com proprietários ricos e influentes no centro, e parentes, dependentes, afilhados e ex-escravos ao redor, figurando as relações paternas, clientelistas e patriarcais; e, de outro lado, é possível verificar a tentativa de construção de uma ordem “democrático-burguesa”, que ancora princípios de igualdade e de cidadania. Uma ordem democrático-burguesa da qual o próprio diário é consequência, na medida em que era uma imitação de moda europeia. Digamos, então, que o contraste entre as duas ordens evidencia alguns dos princípios distintos de organização social, mas que eram *complementares* à luz do processo social.

O contexto da escrita, de acordo com o crítico, é caracterizado por mudanças na estrutura socioeconômica de Minas, um período de decadência da mineração que de certa maneira “afrouxa a exploração” pelo desinteresse do capital internacional. Não à toa, os papéis assumidos pela moça e por seus irmãos são um pouco indefinidos e mais ou menos incompatíveis: por vezes fazendo “trabalho de negro”, ora fazendo “trabalhos de primos pobres explorados para o serviço doméstico”, ora ainda sendo descritos como “membros de uma família importante”. Nas mudanças de papéis, a lógica do favor e a dependência pessoal aparecem em caleidoscópio, uma vez que os membros da família de Morley “vivem de qualquer jeito e necessitam de proteção, sem a qual não têm nada”.<sup>157</sup> Mas, de modo peculiar, a família da menina também tinha seus dependentes, já que alguns agregados próximos, em geral negros libertos, deviam favores ou necessitavam de proteção.

---

<sup>156</sup> Roberto Schwarz. “Outra Capitu”. In: *Duas Meninas*. (Op. Cit.), p.93. De certo modo, o argumento de Schwarz se apoia em *Mimesis*, de Erich Auerbach (1946), para quem as diferentes formas de “representação séria do cotidiano” vêm a se combinar no realismo entendido em sentido amplo. Ao analisar o diário de Morley, Schwarz observa que há tanto potencial de “dignidade e grandeza” no cotidiano tomado em si mesmo, que ela acaba por transbordar para fora da literatura em sentido estrito, sendo encontrável mesmo no diário “sem intenção de arte” da garota.

<sup>157</sup> Roberto Schwarz. “Outra Capitu”. In: *Duas Meninas*. (Op. Cit.), p.60.

Nesse ambiente dividido entre as marcas deixadas pelos séculos de escravidão e as “aspirações ao progresso”, o crítico nota que existia uma janela temporária para outra possibilidade de organização da sociedade brasileira, na qual o componente de reposição do atraso que integra a forma de progresso no país poderia ser posto em questão, e que aparece no diário de Morley como forma quase utópica de “progresso com referência *local*”. Mas, tendo validade vencida, o ambiente revela “os bloqueios, as *limitações* que a escravidão recém-abolida impunha à própria gente livre”.<sup>158</sup> Um dos eixos centrais do argumento de Schwarz, aqui, é o de que passada a Abolição da escravidão, os ex-escravos foram abandonados à própria sorte e o “trabalho semiforçado” ficou a cargo dos imigrantes, já que não havia qualquer projeto amplo de integração social dos libertos. Desse modo, os libertos ficaram restritos a relações de clientela e de sujeição pessoal na sociedade de classes, tal como eram os homens livres pobres na sociedade escravocrata, quando não foram completamente excluídos e marginalizados da sociedade. Em outros termos, na passagem do Império (1822) à República (1889), e do trabalho forçado ao trabalho livre, Schwarz aponta alguns impasses no que se refere à realização de valores igualitários e, por conseguinte, à conformação de direitos.<sup>159</sup> Pois, na nova ordem social competitiva, para usar os termos de Florestan Fernandes, a classe dos proprietários continuou decidindo, de modo autoritário e arbitrário, se reconhece ou não “o outro” (mulheres e homens pobres, e agora também ex-escravas e ex-escravos) como sujeito dotado de direitos e deveres. O resultado é o de uma sociedade historicamente desigual e violenta, que coloca à prova os mitos que as retóricas da civilidade por meio do progresso e do desenvolvimento em geral transmitem.

Ao acompanhar a leitura de Roberto Schwarz dos romances machadianos nos três livros aqui retomados, que transitam entre análise estética, reflexão e crítica social, nota-se que as mudanças inegáveis entre a primeira e a segunda fase de Machado de Assis não são lidas a partir de dados biográficos, psicológicos ou de simples amadurecimento intelectual do escritor. As mudanças são analisadas, antes,

---

<sup>158</sup> Roberto Schwarz. “Outra Capitu”. In: *Duas Meninas*. (Op. Cit.), p.52, grifo no original.

<sup>159</sup> O leitor de Florestan Fernandes reconhecerá, nesse ponto, as linhas gerais de seu argumento sobre a (não) integração dos “homens de cor” na nova ordem social competitiva a partir da Abolição da escravidão (1888) e da Proclamação da República (1889). Conferir: Florestan Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classe*. São Paulo: USP, 1964.

por meio do desenvolvimento no âmbito formal, em particular, por uma nova posição de classe assumida pelos narradores machadianos – entre eles Brás Cubas em *Memórias Póstumas*, Bento Santiago em *Dom Casmurro*, sendo possível acrescentar os narradores que têm a palavra em *Quincas Borba* (1891)<sup>160</sup> e no *Memorial de Aires* (1908). Para o crítico, essa mudança técnica de ângulo narrativo formaliza tanto questões ideológicas e artísticas dos Oitocentos brasileiros quanto questões do próprio “universalismo burguês”, em um movimento que abre caminhos para *desprovincializar a experiência brasileira* de seu caráter apenas local e duvidar dos pontos de vista que se cristalizam como universais.<sup>161</sup>

O prisma do narrador que “vem de cima” também é explorado, como recorda Schwarz, por Charles Baudelaire, “um lírico no auge do capitalismo” (para usar o registro de Walter Benjamin). Em suas poesias, que se passam na Paris de meados do século XIX, Baudelaire escrevia contra o leitor, tomando com isso o ponto de vista do inimigo e do opressor, seja para desmascará-lo, seja para incomodar os oprimidos diante da passividade perante o agressor. Essa característica, em certa medida, contribui para que Baudelaire tenha uma “poesia que não envelhece”, dada a visão profunda da sociedade, que se transforma, mas não rompe completamente com suas estruturas sociais.<sup>162</sup> O mesmo pode ser dito de Machado de Assis, motivo pelo qual ele é, para Roberto Schwarz, “*um mestre na periferia do capitalismo*”: observando que a cultura internacional não é homogênea, muito pelo contrário, e que as desigualdades correspondem a problemas diferentes conforme o local e as circunstâncias históricas, produziu um “avanço literário” para a prosa realista na periferia da ordem burguesa, um avanço no qual as ambiguidades da razão moderna eram vistas agora de outro ângulo.<sup>163</sup>

Escritos e publicados entre as décadas de 1970 e 1990, no contexto da ditadura militar brasileira e do processo de transição democrática, os ensaios de

<sup>160</sup> Sobre esse romance em específico e a figura de Pedro Rubião de Alvarenga, Schwarz o menciona no breve ensaio “Duas notas sobre Machado de Assis”, publicado em 1979 como prefácio à edição de *Quincas Borba* na Biblioteca Ayacucho. O ensaio também foi reunido em: Roberto Schwarz. *Que horas são? (Op. Cit.)*.

<sup>161</sup> Em outra formulação, Schwarz aponta que a obra de Machado de Assis é relevante para a interpretação do país porque permite observar a íntima acomodação da “civilização burguesa” à “barbárie”. Roberto Schwarz. “A nota específica”. In: *Seqüências Brasileiras. (Op. Cit.)*.

<sup>162</sup> Quando Roberto Schwarz retoma a poesia de Baudelaire, o faz sobretudo por meio da leitura de Walter Benjamin em: *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

<sup>163</sup> Roberto Schwarz. “Um avanço literário”. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 15, n. 3, 2010.

Roberto Schwarz tomam as relações entre centro e periferia de modo articulado. Mais precisamente, os trabalhos de Schwarz tomam a periferia como método de análise a partir do qual puxa fios para compreender o que acontece com as “formas modernas” – como o romance, as ideias liberais etc.– quando viajam e se aclimatam em geografias que não possuem as mesmas condições históricas e sociais que estavam nas origens dessas formas.<sup>164</sup> Essa reflexão permite tanto ressaltar que as ideias e as formas com, digamos, um mesmo nome, podem ter significados profundamente diversos em circunstâncias hegemônicas e em espaços periféricos, quanto chamar a atenção para as reverberações desiguais que resultam do avanço da lógica do capital, ou, para usar uma frase célebre, olhar atentamente para as diferentes dinâmicas que envolvem o “desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo”.<sup>165</sup>

Mais do que uma análise do trânsito das ideias e das formas (sintetizado na irônica expressão “*ideias fora do lugar*”), Schwarz convida a pensar sobre *as marcas do passado que dinamizam o tempo presente*. Machado de Assis é um autor que o crítico identifica como central para essa reflexão porque, se até a metade do século XX ele fora considerado um “ídolo do conformismo”, a experiência social, política e intelectual de 1964 possibilitou reler seus romances em nova chave, a saber:

---

<sup>164</sup> Como recorda a socióloga brasileira Elide Rugai Bastos, fazer da periferia um método de análise da realidade social é um problema caro ao pensamento tecido pela chamada “escola sociológica paulista”, em particular, por Florestan Fernandes e pelo grupo de seus assistentes. A partir dos anos de 1960, segundo Bastos, não apenas no Brasil, como em diferentes países da América Latina e de outras partes do mundo que discutiam a questão do desenvolvimento, os termos “marginal”, “margens”, “periférico”, “periferia”, além de “Terceiro Mundo”, são dotados de um sentido que não se referem apenas a um lugar social, mas se tornam desafios metodológicos para pensar os sentidos da mudança social e de seus obstáculos estruturais em contextos situados fora dos centros hegemônicos. Em outras palavras, a impossibilidade de aplicar os diagnósticos feitos nas sociedades centrais tornava-se um desafio para intelectuais situados às margens do modelo de sociedade burguesa. Ademais, a partir da periferia, onde os conflitos sociais se apresentam em sua pluralidade, abria-se a possibilidade de visualizar melhor os problemas do sistema capitalista visto em seu conjunto. Conferir: Elide Rugai Bastos. “Pensamento Social da Escola Sociológica Paulista”. In: Sérgio Miceli (org.). *O que ler na ciência social brasileira, 1970-2002*. v. IV. São Paulo: Anpocs: Ed. Sumaré; Brasília: Capes, 2002; e Elide Rugai Bastos. “Uma sociologia local e cosmopolita”. In: Mariana Chaguri e Mário Medeiros (orgs.). *Rumos do Sul: Periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018.

<sup>165</sup> A expressão é de Leon Trotsky, em seu estudo sobre a Revolução Russa (1917), e é retomado no argumento de Schwarz para assinalar, como vimos, que as marcas do “atraso” brasileiro não são apenas elementos de “arcaísmo residual”, mas são partes integrantes da “reprodução da sociedade moderna”. Nesse registro, se o atraso está inscrito nos avanços da sociedade do capital, o desenvolvimento do país (bem como de outras ex-colônias), só pode ser marcado pela “modernização do atraso”. O que configura, tomando a perspectiva da história e da totalidade, um desenvolvimento desigual, mas densamente combinado do capitalismo. Trata-se de uma chave analítica amplamente discutida pelos integrantes do chamado “Seminário de Marx”, do qual Schwarz fez parte, e das análises das Teorias da Dependência, em particular da proposta de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (*Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, 1969).

uma visão desiludida em relação ao progresso e a qualquer papel positivo das classes dominantes diante das promessas de integração com as classes subalternas. Se antes de 1964 predominava uma visão positiva dos processos de modernização, o ciclo de modernização conservadora que a ditadura brasileira colocou em movimento deixava claro que os traços do atraso eram repostos e reconfigurados, uma vez que as elites brasileiras não se envergonharam de participar do “progresso contemporâneo” apoiadas em formas “acintosas de iniquidade social”.<sup>166</sup>

De modo mais preciso, Schwarz argumenta que o amálgama entre formas tradicionais e modernas não seria apenas uma característica da formação social do país. Nos processos de industrialização e urbanização, iniciados na década de 1930 e intensificados durante o período do regime militar, essas questões seriam repostas em novos termos, e camadas da sociedade continuariam à margem, porque “a falta de garantias é a regra”. O alvo da crítica de Schwarz é o nacionalismo-desenvolvimentista e suas promessas de incorporação social plena, que foram derrotadas com o golpe civil-militar. Para usar os termos de Schwarz:

o desenvolvimentismo arrancou populações a seu enquadramento antigo, de certo modo as liberando, para as reenquadrar num processo às vezes titânico de industrialização nacional, ao qual a certa altura, ante as novas condições de concorrência econômica, não pode dar prosseguimento. Já sem terem para onde voltar, essas populações se encontram numa condição histórica nova, de *sujeitos monetários sem dinheiro*, ou de ex-proletários virtuais, disponíveis para a criminalidade e toda sorte de fanatismo.<sup>167</sup>

Os “sujeitos monetários sem dinheiro” – a expressão de Schwarz é emprestada de Robert Kurz no livro *O colapso da modernização* (1991) – são indivíduos que não representam o “atraso”, mas são as consequências e os resultados do “progresso”. Note-se que a exclusão social da qual fala Schwarz não é a mesma no século XIX e no século XX, ou mesmo do novo milênio, mas tem em comum “a falta de dinheiro e de direitos”. Seguindo essa trilha, é possível observar que a atualidade dos romances machadianos continua viva, porque *no longo processo de descolonização brasileira*

---

<sup>166</sup> Roberto Schwarz. “Acumulação literária e nação periférica”. In: *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. (Op. Cit.), p.226.

<sup>167</sup> Conferir: Roberto Schwarz. “Fim de século”. In: *Seqüências Brasileiras*. (Op. Cit.), pp.159-160, grifos no original.

persiste o tema e o problema da modernização quase sem nenhum compromisso com a integração dos sujeitos à margem das ordens vigentes. Se expandirmos a experiência periférica para além de seu alcance apenas local/nacional, situando-a em relação ao ponteiros da hora mundial, como é a proposta teórico-metodológica de Schwarz, vemos que não se trata de um processo isolado, mas de uma dinâmica social mais ou menos compartilhada em países que foram ex-colônias (sobretudo as de exploração), ou seja, uma dinâmica *sui generis* que a própria modernidade “inflige a suas partes ditas atrasadas”.<sup>168</sup>

\*\*\*

Acompanhemos, agora, as linhas gerais da leitura de Beatriz Sarlo sobre a obra de Jorge Luis Borges.

---

<sup>168</sup> Roberto Schwarz. “Outra Capitu”. In: *Duas Meninas. (Op. Cit.)*, p.126, grifos meus.

## Capítulo 4:

### “Nacional e cosmopolita” nas margens: um lugar para Jorge Luis Borges

(...) os nacionalistas simulam venerar as capacidades da mente argentina, mas querem limitar-lhe o exercício poético a alguns pobres temas locais, como se os argentinos só pudéssemos falar de subúrbios e de fazendas, e não do universo. (...) Creio que os argentinos e em geral os sul-americanos estamos numa situação análoga [à de judeus e irlandeses]; podemos manejar todos os temas europeus, manejá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas.

Jorge Luis Borges, “El escritor argentino y la tradición” (1953).

Os livros de Beatriz Sarlo *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930* (1988), *Borges, un escritor en las orillas* (1993) e *La pasión y la excepción: Eva, Borges y el asesinato de Aramburu* (2003) têm alguns paralelos, a despeito do recorte distinto dos objetos. Transitando entre análise estética, história das ideias, crítica cultural e reflexão social, não só um problema teórico de fundo os une, que é o de compreender algumas das tensões e dos paradoxos da modernidade que tomou forma na Argentina, como também um personagem os agrupa: o escritor portenho Jorge Luis Borges.

Trata-se de um personagem que, para usar o registro de Beatriz Sarlo, despertou (e ainda desperta) “amor e ódio”, “denúncia e fascínio” na Argentina,<sup>169</sup> principalmente por posições políticas liberais e conservadoras no campo da direita. Não à toa, sua obra foi (e continua sendo) objeto de exaustivas reflexões e disputas em um país que é reconhecido pelos debates intelectuais e políticos quase sempre muito polarizados e acalorados. É curioso notar, por exemplo, que durante muito tempo a tradição crítica de esquerda ignorou a importância desse escritor no sistema literário argentino, ou escreveu, digamos, “contra Borges”. A geração da revista *Contorno* (1953-1959) – que colaborou com a organização de um novo mapa literário nacional, colocando no centro do sistema literário nomes como o de Roberto Arlt e de Ezequiel Martínez Estrada, vistos até a década de 1950 como marginais –, ofereceu

<sup>169</sup> Beatriz Sarlo. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo/ Belo Horizonte: Companhia das Letras/ Editora da UFMG, [2003] 2005.

um dos principais capítulos de “resistência” a Borges, que era considerado pelos contornistas um escritor reacionário e antipopular.<sup>170</sup>

Um indício dessa resistência se encontra no livro *Borges y la nueva generación* (1954), no qual Adolfo Prieto observa com agudeza que o escritor portenho até poderia ser considerado um dos mais importantes de sua geração, mas sua obra seria “sobrevalorizada”, pois seria próxima a de escritores que tomam a “literatura como um luxo” e lançam suas invenções estéticas como luzes sobre a “opaca realidade”.<sup>171</sup> David Viñas, por outro lado, desconsidera a presença de Borges em seu principal livro, *Literatura argentina y realidad política* (1964), em que elege alguns dos textos que representam momentos-chaves da literatura e do ensaísmo argentino, porque em profundo diálogo com as questões da vida nacional. Apenas entre a década de 1970 e 1980 esse cenário começou a se modificar. Um passo simbólico foi dado pela revista *Los Libros* (1969-1976), reconhecidamente de esquerda, quando publicou de modo inédito, no ano de 1970, “El otro duelo”, conto de Borges que era anunciado como prévia do livro que seria lançado logo na sequência, *El informe de Brodie* (1970). De certo modo, esse episódio escapava ao desenho típico formado pelas implicações entre figuração estética e ideologia política, dando ensejo ao reconhecimento da importância de um escritor que estava se tornando “incontornável” e “inevitável” na literatura argentina, a despeito de suas convicções políticas.<sup>172</sup>

As diversas controvérsias suscitadas pela obra borgiana entre leitores e críticos argentinos forjaram distintas imagens de Borges ao longo do tempo. No início da carreira, foi visto como *criollista*, polemista da vanguarda argentina, autor de

---

<sup>170</sup> Sobre esse ponto, ver: Marcela Croce. *Contorno: izquierda y proyecto cultural*. Buenos Aires: Ediciones Colihue SRL, 1996.

<sup>171</sup> Adolfo Prieto. *Borges y la nueva generación*. Buenos Aires: Letras Universitarias, 1954.

<sup>172</sup> Em diferentes textos, Beatriz Sarlo utiliza as expressões “incontornável” e “inevitável” para se referir a Borges. Para acompanhar a recepção da obra de Borges na Argentina antes de seu primeiro prêmio internacional (o Prêmio Formentor de 1961, que compartilhou com Samuel Beckett e o deu fama internacional), ver: Maria Luisa Bastos. *Borges ante la crítica argentina, 1923-1960*. Buenos Aires: Ediciones Hispamerica, 1974. Algumas indicações de uma nova fase de recepção da obra de Borges, inclusive no campo da esquerda, são discutidas por: Sílvia Sigal. *Intelectuales y poder en la Argentina: la década del sesenta*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2002. É possível aventar a hipótese de que a geração da *Punto de Vista* (1978-2008), sucessora da revista *Los Libros*, contribuiu com um novo ciclo de leituras da obra de Borges entre a esquerda, notadamente com os trabalhos de Beatriz Sarlo, María Teresa Gramuglio e Ricardo Piglia. Enquanto Sarlo e Gramuglio se dedicaram com atenção às intervenções do escritor nas revistas literárias da primeira metade do século XX (como *Martín Fierro* e *Sur*), Borges aparece em ensaios de Piglia e em seu romance *Respiración artificial* (1980).

poemas, artigos, ensaios e relatos sobre alguns escritores argentinos, sobre a cidade de Buenos Aires, bem como alguns temas da literatura nacional. Mas, de modo geral, se cristalizou a imagem de que a obra de Borges seria alheia à história, tanto porque ele mesmo reiterava essa dimensão – mostrando despreço por assuntos extraliterários – quanto em decorrência da expressiva circulação nacional e internacional de seus contos e ensaios fantásticos, que o apresentavam como um escritor interessado por universos irrealis, geografias imaginárias; em suma, como um cosmopolita interessado em livros clássicos, e que pouco ou nada teria a ver com a tradição literária argentina. A partir da década de 1980, diferentes ensaios de Beatriz Sarlo intervêm de algum modo nesses debates, ainda que um pouco distantes do calor das controvérsias que marcaram as leituras de Borges até os anos de 1970. Nos três livros citados de Sarlo, é possível acompanhar as linhas gerais de sua interpretação da obra de Borges.

*Una modernidad periférica* (1988), por exemplo, procura compreender o modo como os escritores e artistas argentinos experimentaram as transformações no espaço público de Buenos Aires no início do século XX, uma cidade moderna em uma das margens do capitalismo então em acelerada expansão. É nesse cenário que o jovem Borges faz a sua estreia – de longe o escritor mais mencionado por Sarlo ao analisar este contexto. Desdobrando algumas reflexões presentes nesse livro, e se questionando se um autor pode ser ao mesmo tempo nacional e cosmopolita, *Borges, un escritor en las orillas* recupera fragmentos de diferentes momentos da ficção borgiana e procura demonstrar o motivo pelo qual o escritor é uma das linhas de demarcação da literatura e da cultura argentina. *La pasión y la excepción*, por sua vez, cruza a obra de Borges com alguns episódios do peronismo no decurso do século XX (em particular, com a figura de Eva Perón e com o assassinato do ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu, em 1970). Vistos em conjunto, os livros não constroem apenas um lugar para Borges na literatura argentina. São, também, reflexões de Sarlo sobre alguns dos “enigmas” de seu país, a saber: o de ser uma cultura marcada pela *mescla* – onde os encontros são quase sempre tensos – e pelas *desventuras da democracia* – que resultaram, no mais das vezes, em episódios traumáticos de violência. Vejamos os argumentos de Sarlo em cada um dos livros, de modo a acompanhar tanto a

“paisagem” que ela constrói para Borges quanto a interpretação social que vai tecendo a partir dos objetos estudados.<sup>173</sup>

Lendo vida intelectual e vida social uma a partir da outra, *Una modernidad periférica* começa traçando um quadro das principais características da cidade de Buenos Aires entre as décadas de 1920 e 1930, com vistas a analisar alguns dos projetos em disputa no campo intelectual que foram influentes no debate público até os anos de 1950. Seguindo o argumento da crítica, entre o final do século XIX e o início do século XX, a cidade de Buenos Aires cresceu de modo expressivo, e as marcas materiais e simbólicas desse processo eram visíveis nos anos de 1920. O padrão de racionalização urbana, a iluminação elétrica nas vias, os meios de transporte ramificados e a acentuada presença da tecnologia (com linhas telefônicas, antenas de rádios e cabos de bondes) davam um novo tom à cidade, que baseava seu projeto urbano em modelos e cidades europeias. Além disso, o impacto da imigração europeia (processo que teve início em meados do século XIX e atraiu imigrantes em geral jovens e pobres de seus países de origem) proporcionou novas bases demográficas, tornando mais complexo o sistema cultural e transformando Buenos Aires em uma cidade moderna e cosmopolita, em que todos os encontros e empréstimos culturais pareciam possíveis e, do mesmo modo, inconciliáveis.

A profunda transformação da cidade, de acordo com Sarlo, afetava as relações tradicionais – fraturando uma certa unidade original imaginada –, e escandalizou muitos nacionalistas que celebraram o centenário da Revolução de Maio.<sup>174</sup> Do mesmo modo, as mudanças influenciavam a visão daqueles que

---

<sup>173</sup> Seria possível acrescentar um quarto livro, *Escritos sobre literatura argentina* (2007), dedicado à análise de alguns dos principais escritores da literatura argentina, desde meados do século XIX até o final do século XX. Esse livro, que não deixa de representar o modo como Sarlo organiza o cânone literário de seu país, reúne ensaios publicados em diferentes ocasiões e, no caso da leitura sobre Borges, os principais argumentos podem ser encontrados nos três livros citados.

<sup>174</sup> Vale a pena registrar, mesmo que de passagem, que a Revolução de Maio teve início em 1810, abrindo o processo de Independência política da Argentina da metrópole espanhola, e vai até 1816. Na sequência, diversos conflitos e guerras civis ocorreram até 1861, terminando com a organização do país em uma federação de províncias e com uma cidade autônoma (a capital Buenos Aires). Entre o final do século XIX e o primeiro centenário, em 1910, os intelectuais debateram intensamente os problemas enfrentados pela nação e procuraram elaborar novos projetos para o país, com vistas a estabelecer uma nova ordem que parecia estar desaparecendo com a desintegração do mundo *criollo*. O processo de modernização iniciado em 1880, que transformou a estrutura social e econômica, e a imigração massiva (como parte do projeto modernizador), despertavam inúmeras perguntas sobre a construção de uma tradição cultural. Sobre o centenário e, mais precisamente, as relações entre nacionalismo e cultura, recomenda-se o ensaio de Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo. “La Argentina del Centenario. Campo intelectual, vida literaria y temas ideológicos”. In: *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. (Op. Cit.).

emergiam no campo intelectual nos anos de 1920 e 1930, que tinham que processar não apenas a experiência de crescimento material da cidade, como também as mudanças na composição dos habitantes e as alterações na estratificação social (alguns imigrantes e seus filhos, afinal, eram beneficiados pelos aumentos nas taxas de alfabetização e escolaridade, possibilitando certa ascensão social, principalmente àqueles que ingressaram nas universidades e começaram a disputar espaços no campo da cultura e nas profissões liberais).

Entre as amplas mudanças do período, Sarlo recorda que a expansão do ensino colaborava para que o público leitor aumentasse na cidade, tanto nas camadas médias quanto nos setores populares, o que abria caminhos para a consolidação do mercado editorial local, bem como para o crescimento do número de periódicos e de jornais. *Crítica* (fundada em 1913) e *El Mundo* (de 1928), por exemplo, foram jornais que empregaram escritores que emergiram no campo intelectual – seja os filhos de imigrantes, como Raúl González Tuñón ou Roberto Arlt, seja os de família mais aristocrática (da elite *criolla*), como Jorge Luis Borges. Além dos meios de comunicação impressos se transformarem e dos escritores se profissionalizarem, a cultura era difundida por meio do cinema, em uma velocidade “comparável [à] dos países centrais: até 1930 existem mais de mil salas em todo o país”.<sup>175</sup>

Esse processo acelerado de mudança social vivido na Argentina, que segundo a hipótese de Sarlo foi sentido de modo particular em Buenos Aires, é um tema que repercute e movimenta o ensaísmo, as revistas e a literatura do período, modificando a cultura mais homogênea que era característica do século XIX.<sup>176</sup> Se

---

<sup>175</sup> Beatriz Sarlo. “Buenos Aires, cidade moderna”. In: *Modernidade periférica. (Op. Cit.)*, pp. 29-57. Merece destaque que a reconstrução de Sarlo sobre as transformações pelas quais passou Buenos Aires, e de modo mais amplo a própria Argentina, estão em diálogo com a historiografia e a sociologia de sua geração, sobretudo com trabalhos de Luis Alberto Romero – como, por exemplo, *Libros baratos y cultura de los sectores populares* (1986) e *Sectores populares, cultura y política* (1996), escrito com Leandro H. Gutiérrez –, e de uma geração anterior, como Tulio Halperín Donghi – *El revisionismo histórico argentino* (1970) e *Los fragmentos del poder: de la oligarquía a la poliarquía argentina* (1969), sendo este último uma coletânea organizada por Halperín Donghi e Torcuato di Tella.

<sup>176</sup> A hipótese de Beatriz Sarlo é devedora da reflexão de Raymond Williams sobre a noção de “estrutura de sentimento”, termo utilizado pelo crítico galês para descrever como uma certa configuração social atua nos modos de sentir e de pensar. No caso de Sarlo, visa destacar que em um momento de rápida transformação social era possível perceber a emergência de experiências mais ou menos compartilhadas por um grupo geracional. Além da inspiração nos trabalhos de Williams, em particular em *O Campo e a cidade* (1973), trabalhos de Benjamin como *Passagens* (1927-1940) e *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, permitem que Sarlo construa a cidade como objeto de estudo; bem como o livro *Fin-de-siècle Viena* (1979), de Carl Schorske, que pensa a cidade, a modernidade e o modernismo estético em um mesmo movimento.

antes o país era, por assim dizer, “uma causa” na qual os intelectuais e escritores se engajavam para resolver os conflitos nacionais (de unidade racial, cultural e linguística), Sarlo argumenta que entre as décadas de 1920 e 1930 a Argentina se tornava “um problema” em que o “ser nacional” tinha “falhas profundas”, e cujas soluções nem sempre eram otimistas.<sup>177</sup> Não por acaso, uns dos principais temas do período, tanto para o campo intelectual da direita quanto para o da esquerda, era encontrar novas expressões de nacionalismo, sintetizada em questões que modulam as intervenções no debate público: “o que é ser argentino?”, “que é a originalidade argentina?”.

No âmbito das revistas culturais, muitas delas dirigidas pelas elites intelectuais e artísticas, Sarlo observa que elas funcionavam como espaços de intervenção e de batalha de ideias que influenciavam o espaço público e as instituições, além de consolidarem programas de rupturas estéticas. Em outros termos, as revistas conformaram arenas em que os escritores e intelectuais produziam textos polêmicos em torno de vários tópicos da sociedade argentina. Debatiam, por exemplo, o tema da língua e das traduções (quem escrevia livre das influências estrangeiras trazidas pela imigração?); a questão do *criollismo* e do cosmopolitismo (quais formas do passado poderiam ser incorporadas em uma nova estética?); a responsabilidade pública dos intelectuais e escritores (quais seriam as funções da arte diante das transformações sociais?) etc. Em meio a essas discussões, procurava-se respostas para perguntas que pareciam fundamentais sobre o país: como as promessas fundadoras da nação foram traídas? quais seriam as origens dos problemas argentinos: resultados de “fracassos internos” ou de “operações planejadas nos centros-imperiais”?<sup>178</sup>

Um dos temas que predominava nas revistas, de acordo com Sarlo, era “o novo”, princípio dos chamados “jovens renovadores”, que escreviam dialogando e polemizando com seus antecessores e contemporâneos. Enquanto *Proa* (1922 - 1925) e *Martín Fierro* (1924 -1927) delinearam a chamada “ruptura vanguardista” na década de 1920, propondo discussões sobre a função social da arte e seu direito à independência, a revista *Sur*, fundada em 1931 e dirigida por Victoria Ocampo,

---

<sup>177</sup> Beatriz Sarlo. “A imaginação histórica”. In: *Modernidade periférica*. (Op. Cit.), p.439.

<sup>178</sup> Beatriz Sarlo. “Buenos Aires, cidade moderna”. In: *Modernidade periférica*. (Op. Cit.), pp.55-56. Para acompanhar as linhas centrais do argumento da crítica sobre as revistas, ver especialmente o capítulo “Vanguarda e utopia”.

aprofundava o debate sobre a relação entre arte e sociedade, defendendo a autonomia estética. Além disso, *Sur* era uma inflexão de gênero no contexto, posto que colocava em cena a iniciativa de uma mulher para obter espaço num ambiente marcado por homens, afetando, inclusive, os “destinos intelectuais masculinos”.<sup>179</sup>

Em relação à literatura do período, Sarlo destaca diferentes obras e escritores que tensionam esse contexto – com sentimentos de incertezas, de nostalgias, de críticas ou de lamentos. Para ficar em alguns exemplos, Sarlo observa que *Don Segundo Sombra* (1926), de Ricardo Güiraldes, figurava um universo modificado nas formas do trabalho, retratando alguns dos impactos das mudanças tecnológicas e da modernização urbana e rural nas subjetividades. O mundo mais ou menos integrado da infância do escritor era substituído por um espaço mais moderno, repleto de “enganos e decepções”. Sobre a literatura de Roberto Arlt, Sarlo sugere que ela era construída a partir da percepção e dos sonhos do escritor retirados da paisagem “ultra futurista da cidade”: os trens, as luzes, os edifícios de aço e vidro marcavam o itinerário do *flâneur*, que encontrava pobreza e desigualdades por onde passava, testemunhando a experiência dos trabalhadores imigrantes em um espaço que se configurava a partir da mescla social, estilística e moral. Oliverio Girondo, de outro ponto de vista, propunha um olhar sobre a modernidade mais ou menos positivo, uma vez que tecia uma narrativa exaltando o tempo presente, onde a cena urbana se tornava uma natureza destituída de historicidade. E Ezequiel Martínez Estrada, escrevendo um pouco depois *Radiografía de la pampa* (1933), observava a impossibilidade de aclimatar os modelos e as instituições europeias à realidade no Novo Mundo sem que estas sofressem significativos deslocamentos.

Em diálogo ou conflito com essa literatura e com esse campo intelectual, Borges escreveu seus primeiros poemas e ensaios. Segundo Beatriz Sarlo, em revistas como *Proa*, *Martín Fierro* e *Sur*, o jovem escritor publicou parte de seus manifestos e polêmicas sobre “o que é ser argentino”, e discutiu qual seria o *criollismo* aceitável, a saber: aquele que colocaria de lado as marcas do regionalismo e do particularismo da “cor local” e teria como objetivo inventar algo “novo”. Na esteira de

---

<sup>179</sup> Importa destacar que no capítulo “Dizer e não dizer: erotismo e repressão” de *Una modernidad periférica*, Sarlo analisa as relações de gênero que eram características das primeiras décadas do século XX, e procura demonstrar o modo como Victoria Ocampo e as escritoras Norah Lange e Alfonsina Storni vão construindo um lugar para a voz feminina no espaço público, que não se restringia a ocupar lugares equivalentes aos dos homens, mas também buscava “obter a aceitação de uma moral privada igualitária”.

Edward Said, para quem o escritor começa sua literatura com um gesto que o afilia ou separa da tradição cultural estabelecida, a crítica argumenta que, como para Borges a história era um “espaço de imaginação” e a literatura era uma forma de escrita com e “contra o esquecimento do passado”, suas intervenções buscavam reconstruir uma história literária argentina e, a partir e por meio desse movimento, encontrar um lugar para uma literatura nova.<sup>180</sup>

Demonstrando o argumento, Sarlo chama atenção para o fato de que, enquanto muitos argentinos e viajantes consideravam a cidade de Buenos Aires “monótona”, o jovem Borges se espantou com as mudanças que viu ao voltar de uma temporada na Europa (na qual passou sua adolescência durante o período de 1914 e 1921), e procurou respostas para compreender as “ausências” e os “fantasmas” da cidade que conheceu em sua infância. O primeiro movimento para recuperar “a cidade de suas lembranças” é realizado em dois livros: *Fervor de Buenos Aires* (1923), a estreia de poesias do portenho, em que ele traça o percurso de pertencimento à sua Buenos Aires; e em *Evaristo Carriego* (1930), no qual Borges inscreve o poeta *criollo* nas “*orillas*”, num lugar “que ficasse livre do tango e do subúrbio banal”. Trata-se, em poucas palavras, de um primeiro movimento estético e ideológico operado por Borges, que construía uma cidade imaginada tanto pelo sentimento nostálgico e afetivo das lembranças de infância (um mundo *criollo* que parecia mais integrado aos olhos do jovem escritor), quanto pela surpresa e pelo espanto desse espaço novo representado pelas *orillas* – um lugar indefinido entre a campo e a cidade, ainda pouco tocado pelos impactos da imigração e pela modernização mais agressiva. De certo modo, para Sarlo, o interesse estético desses primeiros escritos se encontra no “tom nostálgico que a poesia de vanguarda assume”.

Na procura pela renovação estética, cruzando as tendências do ultraísmo<sup>181</sup> e do *criollismo*, Sarlo sugere que Borges dá um segundo passo decisivo em *Historia universal de la infamia* (1935), e que se estende ao longo de toda a sua obra: contra

---

<sup>180</sup> Beatriz Sarlo retoma, em particular, Edward Said. *Beginnings: intention and method*. Nova York: Columbia University Press, 1985.

<sup>181</sup> Vale notar que o ultraísmo, que surgiu na Espanha por volta de 1918, foi um movimento literário liderado por poetas de vanguarda que procuravam estabelecer uma ruptura na literatura castelhana, sintetizando tendências de outros movimentos de vanguarda (especialmente do cubismo literário, do futurismo, do criacionismo, do expressionismo e do dadaísmo). Conforme sugere a leitura de Sarlo, esse é justamente o estilo de intervenção estética proposto por Borges quando volta a Buenos Aires depois de uma temporada na Europa, onde se educou na Suíça durante a Primeira Guerra Mundial e passou uma breve temporada na Espanha.

o realismo, desloca a ficção para atribuir a ela uma “nova autoridade”, com vistas a elaborar sua escrita e seu lugar como escritor. Apostando na “leitura como gatilho da escrita”, os contos são escritos a partir de textos alheios – tirando referências de artigos de enciclopédia, de falsificações, de traduções europeias de relatos orientais, de episódios insignificantes de histórias maiores etc. Experimentando a linguagem por meio da “tradução da tradução” e da “versão da versão” de histórias que em geral pertencem às bibliotecas estrangeiras, acrescentando detalhes e dando um tom *criollo* aos contos, Borges vai deixando clara, de acordo com Sarlo, a posição de que a “originalidade não é um valor estético”, e que a matéria argentina pode conter um gesto rumo ao universal. A universalidade proposta consiste em “posicionar-se, com astúcia, nas margens, nas dobras, nas zonas obscuras das histórias centrais”.<sup>182</sup>

Analisando o campo intelectual mais à esquerda, inspirado pela Revolução Russa (1917) e pela Revolução Espanhola (1936-1939), Sarlo ressalta que ele também colocava em debate uma nova perspectiva sobre a literatura, a arte e as tarefas do escritor, elaborando um ponto de vista sobre os pobres e os marginais, que se tornavam “visíveis como sujeitos sociais”. Um dos principais escritores desse campo, de acordo com a crítica, foi Raúl González Tuñón, que colaborava com a revista *Contra*, e cujos escritos retratam Buenos Aires a partir da marginalidade, da pobreza, das prostitutas e dos marinheiros de passagem, ou seja, através das vítimas da transformação acelerada. Na revista em questão, que começou a ser publicada em 1933, Sarlo argumenta que ela buscava se diferenciar da *Martín Fierro* e da *Sur*, perseguindo um movimento de renovação estética que, por mais que existisse no martinfierrismo, era deslocado para o campo da esquerda socialista e comunista, uma vez que o programa estético de vanguarda era cruzado com a militância política. Em poucas palavras, os intelectuais e escritores ligados a esse movimento, em geral de origem popular e imigrante, diferenciavam-se dos escritores de famílias das elites

---

<sup>182</sup> Beatriz Sarlo. “Respostas, invenções e deslocamentos”. In: *Modernidade periférica. (Op. Cit.)*. Para os trechos citados ver pp.81-94. O argumento é retomado por Sarlo, como veremos adiante, em *Borges, un escritor en las orillas*. De certo modo, ela parte da análise de Sylvia Molloy, que contribuiu com um novo ciclo de leituras da obra borgiana, colocando a dimensão histórica e política como elementos importantes para caracterizar os escritos de Borges, em oposição à visão mais corrente de que o escritor só se interessava por universos fantásticos e geografias imaginárias. A referência é: Sylvia Molloy. *Las letras de Borges*. Buenos Aires: Sudamericana, 1979.

*criollas* tanto pelas proposições estéticas quanto pelas propostas políticas, apostando na revolução como possibilidade de reparar as injustiças sociais.<sup>183</sup>

Em linhas gerais, olhando para alguns projetos em disputa no campo intelectual argentino no início do século XX, Beatriz Sarlo ressalta essa busca dos escritores e artistas para criar algo “novo” (seja como valor estético hegemônico, seja tendo a revolução como princípio). Como resultado das operações estéticas e ideológicas experimentadas, as *orillas* e as margens figuraram entre os principais temas literários. No caso de Borges, um dos artífices da imagem das *orillas*, a crítica sugere que sua resolução formal – as *orillas* – tem como efeito provincializar a tradição literária estrangeira, e fazer da matéria literária argentina um gesto universal. Tuñón, um dos contemporâneos e de certo modo concorrentes de Borges, elabora os desafios e os “limites cosmopolitas” que rodeiam as margens, retratando, assim, a marginalidade como resíduo de um sistema social e econômico caracterizado por disparidades e injustiças sociais.<sup>184</sup> Para Sarlo, por sua vez, as *orillas* e as margens não representam apenas topografias mais ou menos existentes na cidade (os subúrbios, os arrabaldes, os limites, as encostas, as fronteiras etc.). São, ao mesmo tempo, espaços simbólicos (sociais, políticos, artísticos e culturais) da *mescla*.

Esse é, inclusive, o ponto chave do argumento tecido por Sarlo em *Una modernidad periférica*, que toma Buenos Aires como um exemplo privilegiado da “*cultura de mescla*” que define a cultura argentina: uma experiência social marcada pela convivência tensa entre traços da formação *criolla* – derivados do período colonial e das guerras civis que precederam a organização do Estado nacional – e processos descomuns de “importação de bens, discursos e práticas simbólicas” – inspirados sobretudo em modelos e padrões europeus. Uma cultura na qual o cosmopolitismo não pertence apenas às elites locais, mas também aos milhares de imigrantes europeus que se incorporavam à cidade, gerando diferentes conflitos sociais, políticos e culturais. Trata-se, ainda, de um processo cultural em que “coexistem elementos defensivos e residuais junto com os programas renovadores”.<sup>185</sup> Em outras palavras, para Sarlo, as *orillas* e as margens figuram como metáforas da cultura de *mescla*; e

---

<sup>183</sup> Conferir os argumentos de Beatriz Sarlo nos capítulos “A revolução como princípio” e “Raúl González Tuñón: a margem e a política”, In: *Modernidade Periférica (Op. Cit.)*.

<sup>184</sup> Beatriz Sarlo. “Marginais: a construção de um cenário”. In: *Modernidade periférica (Op. Cit.)*. pp. 325-371.

<sup>185</sup> Beatriz Sarlo. “Buenos Aires, cidade moderna”. In: *Modernidade periférica (Op. Cit.)*. pp. 56-57.

permitem explorar, teórica e metodologicamente, algumas das tensões entre o campo e a cidade; o nacional e o estrangeiro; o localismo, o *criollismo* e cosmopolitismo; e a modernidade europeia e a *diferença rio-platense*.

Percorrendo o fio do argumento de Sarlo, essa diferença entre a modernidade europeia e a que toma forma no Rio da Prata é qualificada a partir e por meio de sua *condição periférica e marginal* em relação aos centros econômicos e culturais hegemônicos. Com isso, a crítica chama atenção para o fato de que na cultura argentina os traços de aclimação e importação de modelos e de ideias de fora são dados incontornáveis, e de que a mescla é uma forma de “*resposta e readaptação*”, com resultados originais, como é o caso das obras que Sarlo analisa – e sobretudo da literatura de Borges.<sup>186</sup> Dito de outro modo, se, no plano econômico, a posição periférica e dependente que a Argentina ocupa seria uma característica irremediável, cujos efeitos eram (e continuam) visíveis nos limites e nas fronteiras das cidades; no plano cultural, a posição marginal permite uma distância quase irreverente em relação aos seus centros de referência.<sup>187</sup>

*Borges, un escritor en las orillas* parte desse quadro geral que caracteriza a especificidade da modernidade rio-platense, e procura apresentar o que Sarlo considera como sendo a originalidade da literatura borgiana: a partir de um questionamento sobre “como é possível escrever literatura numa nação culturalmente periférica”, e, sem alcançar jamais uma resposta definitiva para a questão, converter

---

<sup>186</sup> Nas palavras da crítica, “*a mescla é um dos traços menos transitórios da cultura argentina: sua forma já ‘clássica’ de resposta e readaptação*. O que um historiador da arquitetura chama de ‘versatilidade e permeabilidade’ da cultura portenha me parece um princípio global de definição das estratégias ideológicas e estéticas”. Beatriz Sarlo. “Buenos Aires, cidade moderna”. In: *Modernidade periférica (Op. Cit.)*. p.57, grifos meus. A crítica se refere ao trabalho de Alberto Sato. *Introducción al debate sobre la modernidad latinoamericana*. Caracas: Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 1984.

<sup>187</sup> É importante sublinhar que o termo “*modernidade periférica*”, além de estar presente no título do livro, só aparece uma vez ao longo da exposição, embora permeie o modo com que Sarlo interpreta a cultura argentina. Na construção de seu argumento, os termos “periférica” e “periferia” comportam diferentes sentidos, que podem oscilar na explicação entre margens, fronteiras, limite – Sarlo, observa, por exemplo, que não apenas Buenos Aires estava *às margens* de um rio “nem belo nem pitoresco” a partir do qual se dava a ligação da Argentina com a Europa, como também na *periferia* de um sistema econômico, com contradições de fundo que se acirravam nos *limites* da cidade. Ou, ainda, afirma que a Argentina é uma *margem* do Ocidente e a cidade de Buenos Aires capta bem essa *marginalidade*. Algo comum aos sentidos empregados pela crítica é que eles representam espaços reais ou simbólicos de encontros, tensões, conflitos, confrontos, trânsitos e só ocasionalmente acomodações. Sobre alguns sentidos do termo periferia tal como mobilizado pela autora, ver: Júlio Pimentel Pinto. “Um ensaio nas margens”. In: Beatriz Sarlo. *Modernidade periférica (Op. Cit.)*. Algumas possibilidades e limites do debate sobre “modernidade periférica” podem ser acessados em: Patrícia D’Allemand. “Hacia una crítica literaria latinoamericana: Nacionalismo y cultura en el discurso de Beatriz Sarlo”. In: Sara de Mojica (org.). *Mapas culturales para América Latina: culturas híbridas no simultaneidad, modernidad periférica*. Bogotá: CEJA, 2001.

a marginalidade ocupada pela Argentina em princípio estético.<sup>188</sup> Publicado pela primeira vez em inglês como resultado de conferências ministradas na Universidade de Cambridge durante o ano de 1992, o livro recorta fragmentos dispersos da obra de Borges – dos primeiros livros, como *El tamaño de mi esperanza* (1926), *Evaristo Carriego* (1930) e *Historia universal de la infamia* (1935), até os mais clássicos, como *Ficciones* (1944), *El Aleph* (1949), *El informe de Brodie* (1970) etc. – e perscruta as operações estéticas e ideológicas que Borges constrói ao longo dos anos, que acabam modificando as linhas centrais da literatura argentina.

O primeiro movimento de Beatriz Sarlo é esboçar uma análise das mediações entre literatura e cidade porque, como ela sugere, uma das linhas de força da literatura argentina é sua aproximação com o espaço urbano: no século XIX, a partir do que ainda não era cidade – como nas obras *Facundo* (1845) ou *Argirópolis* (1850), de Domingo Faustino Sarmiento –; e depois, nas primeiras décadas do século XX, quando a cidade estava em acelerado processo de modernização, o imaginário urbano aparecia até mesmo entre os escritores que tinham o tema rural como conteúdo. Ou seja, a cidade não era apenas um tema político ou um cenário em que os intelectuais se moviam e descobriam a heterogeneidade do espaço público que definia a própria cultura argentina, mas, especialmente, um espaço imaginário que a literatura procurava ocupar, inventar e desafiar.

Esse é o caso, para Sarlo, da geração literária à qual pertenceu Jorge Luis Borges, que construiu diferentes imagens acerca do espaço urbano, disputando leituras do passado argentino e, do mesmo modo, os sentidos dos projetos de modernização então em andamento (em particular tendo a cidade de Buenos Aires como pano de fundo). Ao contrário de alguns de seus contemporâneos, como Roberto Arlt, que construía um “ideal futurista” da cidade, em que os personagens se moviam em uma cidade marcada tanto pela marginalidade quanto por “delírios utópicos”, ou do pintor Xul Solar (amigo pessoal de Borges), que utilizava símbolos de uma “ficção mágico-científica” para descrever a modernização técnica e a diversidade nacional de Buenos Aires, Sarlo sugere que Borges sentia *nostalgia* da cidade que conheceu em sua infância, e “imagina a *cidade do passado* com a linguagem de uma *literatura futura*”, traçando um percurso pelo século XIX argentino e pela cidade *criolla*, cuja

---

<sup>188</sup> Beatriz Sarlo. “Nacional e cosmopolita”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.16.

densidade não se encontrava apenas em livros clássicos da literatura gauchesca da biblioteca de seu pai, mas também nos antepassados do escritor.<sup>189</sup>

Trata-se de um caminho percorrido tanto por Borges quanto por outros vanguardistas portenhos, que procuravam “outorgar ao passado uma nova função”. Se a releitura da tradição era menos provável em movimentos de vanguarda na Europa, onde “os processos de modernidade se caracterizam por uma posição de relativa independência diante do passado”, Sarlo aponta que na Argentina, sem fortes tradições culturais estabelecidas, “a relação com o passado tem sua forma específica na recuperação imaginária de uma cultura supostamente ameaçada pela imigração e pela urbanização”.<sup>190</sup> No caso mais específico de Borges, olhando para uma cidade que se convertia em metrópole, mas que ainda era cercada pelo campo (e, por conseguinte, com resíduos da cultura rural *criolla*), o portenho buscava reinventar a tradição literária para criar uma literatura nova.

Seguindo o argumento de Beatriz Sarlo, uma das primeiras operações estéticas feitas por Borges é imaginar a cidade a partir das *orillas* – um espaço indefinido, mais ou menos circunscrito entre as planícies e as primeiras casas de Buenos Aires, por volta de 1900. Quando o Borges utiliza pela primeira vez a imagem das *orillas*, em seus poemas da década de 1920, esse espaço (que eram bairros distantes da cidade, próximos ao campo) e a figura do *orillero* (morador desses bairros, de linhagem hispano-*criolla*) já estavam desaparecendo. Nesse sentido, a poética das *orillas* é atravessada por um “leve anacronismo”, e o “deslocamento temporal” é justamente a invenção formal do escritor portenho – que acaba construindo um mito para Buenos Aires. Nas palavras de Sarlo: “a partir de uma memória que quase não é sua, [Borges] opõe à cidade moderna essa cidade estética sem centro, construída inteiramente sobre a matriz da *margem*”.<sup>191</sup>

Um movimento semelhante está presente no segundo livro de ensaios de Borges, *El tamaño de mi esperanza* (1926), no qual o jovem recupera os escritos de

<sup>189</sup> Beatriz Sarlo. “Uma paisagem para Borges”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.25, grifos meus.

<sup>190</sup> Beatriz Sarlo. “Uma paisagem para Borges”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.43.

<sup>191</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.50, grifos da autora. Nesse ponto, Sarlo esclarece que quando os mitos de uma sociedade tradicional perdem força, é possível construir um mito “análogo” por meio dos gestos literários, uma espécie de “modelo ideal em cujos termos uma sociedade possa pensar a si mesma”. Ver especialmente o capítulo “A questão política” (p.144).

Evaristo Carriego, um poeta de origem *criolla*, que tinha como tema o espaço do subúrbio. Ao se voltar para os escritos do poeta, que tentava ser modernista, mas era marginal no centro literário de um país marginal, Sarlo argumenta que Borges procura “apenas o que lhe serve, sem nenhum respeito pelos sentidos estabelecidos” e converte a marginalidade do poeta em princípio estético e em tema literário. Desse modo, o escritor rompia com as filiações literárias previsíveis e se opunha às leituras dominantes (sobretudo a Leopoldo Lugones e seus temas nacionalistas – que Borges acusava de serem abstratos), que ocupavam o centro literário do modernismo argentino. Em poucas palavras, com Carriego – e também com figuras como a de Macedonio Fernández, “um escritor oral e quase secreto” – Borges elegia seu tom literário e inventava sua originalidade.<sup>192</sup>

Esse primeiro movimento estético de Borges, cuja biografia *Evaristo Carriego* (publicada em 1930 e retocada incansavelmente nas edições seguintes) é a maior expressão, ocorre em paralelo à leitura e à incorporação de Borges de textos estrangeiros, especialmente da literatura francesa e da literatura inglesa, que o jovem tinha intimidade desde pequeno. Um segundo movimento, que se imbrica ao anterior, aparece no primeiro livro de relatos de Borges: *Historia universal de la infamia*, publicado em 1935. Nesse livro, Sarlo defende que Borges desenha seu programa vanguardista de “saquear histórias alheias” e alterar seu sentido, pegar de empréstimo zonas pouco acessadas de históricas importantes; isto é, apresenta “a teoria da escrita como reescrita de leituras”. Mais precisamente, no conjunto dos contos, de literatura de violência e de aventura, o escritor utiliza a citação, a versão, a repetição com alterações, a ironia, o pastiche, o corte etc., movido pelas “ideias de que a literatura é um único texto infinitamente variável e de que nenhum de seus muitos

---

<sup>192</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. (Op. Cit.)*, pp. 51-57. Mesmo tratando de textos considerados fundadores da tradição literária argentina, como é o caso da poesia gauchesca e notadamente de *Martín Fierro* – escrito por José Hernández e publicado como *El gaucho Martín Fierro* (1872) e *La vuelta de Martín Fierro* (1879) –, Sarlo observa que Borges tem uma leitura que não corresponde às versões mais canônicas, principalmente a de Leopoldo Lugones, que elevou o título de Hernández à condição de “epopeia nacional”. Borges não apenas lê a contrapelo das leituras feitas sobre o poema, como também reescreve seu final em contos como “El fin”, reunido em *Ficciones*, e “Biografia de Tadeu Isidoro Cruz”, de *El Aleph*. Assim, nas palavras de Sarlo, “Borges enfrenta o texto fundamental (o texto sagrado) e tece sua ficção com os fios que Hernández deixara soltos; a história de Fierro é re-apresentada, redigida em prosa, parafraseada e, ao mesmo tempo, transformada para sempre” (p.76).

fragmentos pode aspirar à dignidade do texto original”.<sup>193</sup> Essa operação estética, aos olhos da crítica, acompanha toda a obra posterior do escritor e é sintetizada em suas linhas gerais no polêmico ensaio “El escritor argentino y la tradición”, publicado na década de 1950, no qual Borges propõe uma literatura tecida com “os fios de todas as culturas”.

É desse modo, de acordo com Sarlo, que a literatura borgiana modula um princípio estético original que arma um dos paradigmas da literatura argentina: “uma literatura construída (como a própria nação) no cruzamento da cultura europeia com a inflexão rio-platense do castelhano no cenário de um país marginal”.<sup>194</sup> Em outras palavras, seguindo a leitura da crítica, Borges aceita a posição de país marginal que a Argentina ocupa, mas imagina uma relação não dependente com as letras estrangeiras; não se baseia na “cor local” que a literatura rio-platense carrega (sobretudo a literatura regionalista), mas acredita na *distância* e aposta “na livre aceitação da influência”. Desse modo, “enquanto os escritores europeus se angustiam com o peso dos antecessores, os rio-platenses se sentem livres de parentescos obrigatórios”.<sup>195</sup> A metáfora das *orillas*, nesse sentido, não é apenas a característica da literatura borgiana, mas também uma forma de expressão do modelo cultural de um país marginal no Ocidente. Talvez por isso, a exposição de Sarlo nem sempre faça uma distinção clara entre o que é a literatura borgiana e o que é a literatura argentina.

Investigando as operações estéticas de Borges que modulam esse princípio novo na literatura argentina, Sarlo retoma dois contos de Borges, incluídos em *Ficciones* – “Funes, el memorioso” e “Pierre Menard, autor del Quijote” –, nos quais se aborda a questão de “como se narra” e, de modo mais específico, como se pode “narrar na Argentina”, em um país à margem da tradição cultural hegemônica. No primeiro conto, seguindo a visão de Sarlo, encena-se na ficção o que ocorre com a memória quando ela não é mediada pela experiência. O conto narra a história de Irineo Funes, preso à matéria de sua experiência em “um pobre arrabalde sul-americano”. Trata-se de uma figura que, após sofrer um acidente, podia recortar de todos os detalhes que via, guardando-os de modo imediato na memória, e era até mesmo

---

<sup>193</sup> Beatriz Sarlo. “A fantasia e a ordem”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.93. Em outros termos, os livros (a posse de uma biblioteca, composta de obras nacionais e estrangeiras) são tomados como condições da literatura futura.

<sup>194</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.47.

<sup>195</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.60.

capaz de construir um sistema de palavras que substituíssem os números (acreditando que nada se perdia na passagem de um sistema a outro). O narrador considera, todavia, que Funes não é “capaz de pensar”, porque pensar requer esquecer particularidades, de modo a “generalizar, abstrair”. Além disso, o narrador diverge de Funes no que se refere à tradução, pois para ele a tradução é sempre um ato de “deslocar, divergir”, operações que fogem à crença de Funes e às suas percepções imediatas, já que este não consegue elaborar o conteúdo do que vê ou traduz. Em linhas gerais, para a crítica, o conto filosófico tem tanto a função de tensionar as possibilidades e os obstáculos da representação realista, quanto indagar como se narra “o tempo, o espaço, a consciência, e o mundo sem cortes (isto é, sem recurso à elipse)”.<sup>196</sup>

No segundo conto, que é escrito no formato de um texto irônico de crítica literária, Sarlo afirma que as possibilidades da narração e as encruzilhadas culturais aparecem como paradoxo na figura de Pierre Menard, um suposto escritor francês. O conto começa com a observação de que, após concluir uma lista de obras relacionadas à tradução, Menard decide encarar a tarefa de escrever, linha por linha e palavra por palavra, o *Quixote*, de Miguel Cervantes, que data do século XVII. O narrador afirma que os capítulos do *Quixote* escritos por Menard “são infinitamente mais ricos” do que o texto original, porque, ao fazer alguns deslocamentos e cometer certos anacronismos inevitáveis escrevendo no século XX, ele torna os capítulos “menos previsíveis, mais originais e surpreendentes”. Na leitura de Sarlo, com esse conto Borges questiona “a ideia de identidade fixa de um texto” e, do mesmo modo, a própria “ideia de autor” e “de escrita original”. Mostra, mais especificamente, que “todos os textos são reescrita de outros textos (num desdobramento espetacular, oblíquo e infinito de sentidos)” e que cabe ao leitor entender as condições históricas que modificam os enunciados primeiros, afinal, “o sentido se constrói num espaço de fronteira entre o tempo da escrita e o tempo do relato, entre *o tempo da escrita e o tempo da leitura*”. Em poucas palavras, o bom escritor é um bom leitor que cria e fabula um mundo novo a partir do que lê; e o bom leitor é aquele que capta os sentidos dos enunciados que foram alterados.<sup>197</sup>

---

<sup>196</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. (Op. Cit.)*, pp.62-65.

<sup>197</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. (Op. Cit.)*, pp.65-68, grifos meus.

Ao recuperar a construção estética de Borges nesses contos, Beatriz Sarlo argumenta que este escritor vai construindo uma “condição formal” para falar de todos os textos, sem respeito pelas hierarquias definidas. Assim, os paradoxos armados em sua obra desfazem a ideia de uma possível “inferioridade das margens, das *orillas*”, uma ideia que insiste em se repetir, como se a periferia fosse necessariamente um espaço tributário dos centros de referência, ou uma “formação inadequada em comparação com a referência europeia”. As operações estéticas de Borges sugerem, ao contrário, que “o escritor periférico tem as mesmas prerrogativas que seus predecessores ou contemporâneos europeus” e, mais do que isso, vivendo na fronteira, nas margens, o escritor tem a liberdade como destino.<sup>198</sup> Por essa razão, para Sarlo, o cosmopolitismo reivindicado por Borges – e objeto de ataques de parte de seus contemporâneos – é uma das condições para uma nova estratégia de narrar a matéria argentina.

A aposta que Borges faz em seus contos e ensaios fantásticos carrega essas prerrogativas, além de uma problemática filosófica em torno dos destinos dos homens e das suas formas de relação em sociedade. Nos termos de Sarlo, os temas fantásticos do escritor permitem que ele construa “mundos hipotéticos baseados na potência da imaginação livre dos limites impostos pelas estéticas representativas ou miméticas”.<sup>199</sup> Assim, a literatura fantástica é, antes de tudo, uma armação ficcional que possibilita a Borges organizar seus dilemas filosóficos. Contos que se tornaram clássicos, como “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, “La lotería en Babilonia” e “La biblioteca de Babel” – publicados pela primeira vez em *El jardín de senderos que se bifurcan* (1941) e incluídos em *Ficciones* –, são lidos pela crítica como exemplos da construção de modelos de “um mundo imaginário segundo regras que potencializam as possibilidades semânticas”, nos quais Borges discute vários tópicos de sua literatura, notadamente com questões sobre a ordem: “é possível converter o caos em ordem social? E se essa ordem for um pesadelo racional?”.<sup>200</sup> Trata-se de perguntas que não apenas dizem respeito às formas de narrar, como também reverberam dilemas sociais e políticos do passado argentino.

---

<sup>198</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. cit.), p. 68.

<sup>199</sup> Beatriz Sarlo. “A fantasia e a ordem”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.99.

<sup>200</sup> Beatriz Sarlo. “Construções imaginárias”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.103.

Sarlo esclarece que Borges tentou preservar sua literatura das paixões políticas mais imediatas, mas sugere que seus textos se situam em uma constelação histórica na qual as ideologias políticas se enfrentam. De modo mais preciso, ela aponta que os contos e falsos contos, os ensaios e falsos ensaios de Borges “podem ser lidos como resposta hiperliterária” aos acontecimentos históricos da Europa (como o fascismo e o comunismo que o escritor era severamente crítico) e, do mesmo modo, “às desventuras da democracia na Argentina, escandida por golpes militares, e à massificação da cultura numa sociedade em que a modernização parecia não ter deixado nada em pé”.<sup>201</sup> Embora esse tipo de característica diga muito pouco sobre um escritor – já que a maioria deles de algum modo desloca para o plano ficcional algum “sentimento do mundo” ou da experiência vivida –, Sarlo trata de esclarecer que o princípio de ordem (ou o universo em que a desordem é a norma) que guia muitos dos contos fantásticos do escritor, é uma potência imaginativa que “fala do mundo não por sua representação, mas por *contradição e divergência*”. O que isso significa?<sup>202</sup>

Ora, se tomarmos os primeiros contos de Borges sobre os *orilleros* e a tradição gauchesca, vemos que são mobilizados códigos sociais que organizam as comunidades onde as instituições do Estado estariam ausentes ou na qual os conflitos não se resolviam a partir de modalidades tradicionais. Nessas comunidades, como é o caso do mundo *criollo*, o duelo, a vingança e a violência individual (ou até grupal) eram os principais códigos quando a única lei era a honra e a virtude da coragem. A violência, em outros termos, era um código próprio que dava sentido às relações públicas e privadas onde não havia justiça formal. Em uma explicação extraliterária, Sarlo recorda que na primeira metade do século XIX, a sociedade argentina viveu em meio à guerra com a Espanha e a diversos enfrentamentos locais. Se, por um lado, a vitória contra a metrópole espanhola “desarmou a ordem colonial”, por outro lado, ela não foi substituída por outra ordem até meados daquele século, quando foram estabelecidos alguns pactos constitucionais, mas que levaram décadas para encerrar os ciclos de conflitos civis. Assim, a violência “substituída a intervenção de um Estado débil ou inexistente, cuja força se exercia, a duras penas, na imposição de disciplina

---

<sup>201</sup> Beatriz Sarlo. “Construções imaginárias”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.101, grifos meus.

<sup>202</sup> Beatriz Sarlo. “A questão política”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.156, grifos no original.

aos *gauchos* ou, militarmente, na repressão aos índios”; e a coragem, por sua vez, tomava “o lugar de outras virtudes mais ‘civilizadas’”. Seguindo essa trilha, se os temas literários de Borges são fantásticos e sua construção do passado é imaginada, isso não significa que sejam alheios à história argentina.<sup>203</sup>

E o passado *criollo* reaparece também nos últimos escritos de Borges. Em *El informe de Brodie*, os contos “Hombre de la esquina rosada”, “Historia de Rosendo Juárez”, “El otro duelo”, “El encuentro”, “Juan Muraña”, são alguns exemplos em que o escritor narra histórias de vinganças, coragem, duelos, sangue, mortes e facas, fabulando sobre a ordem que guiava o mundo *criollo*. De certo modo, para Sarlo, o escritor capta um dos dilemas sociopolíticos da Argentina moderna: percebendo que a ordem não poderia ser instalada apenas por instituições políticas formais, ele deixa indícios de que seriam necessárias virtudes que substituíssem os valores tradicionais. É sobretudo por esse motivo que a crítica sugere que a questão da ordem organiza a dimensão filosófica-política da literatura fantástica de Borges – “diante da desordem dos fatos, a invenção responde não com um espelho do mundo, mas com uma ideia do mundo: avança tomando distância da empiria”.<sup>204</sup>

Esse argumento que fecha *Borges, un escritor en las orillas*, pode ser lido como um dos fios condutores da interpretação social tecida por Beatriz Sarlo em *La pasión y la excepción*. Procurando compreender as nuances de um “acontecimento único” na história cultural da política argentina, como foi o sequestro e o assassinato do ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu, em 1970, cometido por um grupo de revolucionários peronistas e vivido por muitos argentinos como “um ato de justiça e reparação”, Sarlo aciona na explicação fragmentos da ficção borgiana que versam sobre um mundo dominado por paixões, em que a ordem é dificilmente imposta. Se o escritor portenho disse que todas as histórias estavam em poucos livros (como, por exemplo, na Bíblia, em *As Mil e uma noites*, na *Odisséia* de Homero, ou no *Martín Fierro* de José Hernández), a aposta de Sarlo é a de que “todos os argumentos estejam em Borges”.<sup>205</sup>

---

<sup>203</sup> Beatriz Sarlo. “A questão política”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), pp.139-140.

<sup>204</sup> Beatriz Sarlo. “A questão política”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.157, grifos meus.

<sup>205</sup> Beatriz Sarlo. “Prólogo”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.), p.13. É importante notar que esse “acontecimento único” marcou a própria trajetória de Beatriz Sarlo. Como ela confessa no prólogo, em 1970, quando ainda militava na juventude peronista, comemorou o assassinato de Aramburu, e

De modo sintético, para armar o quadro histórico e cultural no qual ocorreu esse ato de “paixão política” que atingia a “incandescência” – e que, nas palavras de Sarlo, iniciou um ciclo de violência política na Argentina que só se encerraria em 1984, com a restauração democrática –, o primeiro passo da crítica é analisar a imagem de Eva Perón, que se tornou um dos emblemas do peronismo. Isso porque a recuperação de seu corpo embalsamado foi uma das reivindicações do grupo guerrilheiro Montoneros, responsável pelo sequestro de Aramburu. Sarlo se questiona, em particular, sobre qual seria a “excepcionalidade” de Eva: por que ela era (e segue sendo) tanto um objeto de fascínio para certos grupos próximos ao peronismo quanto um objeto de repulsa de grupos contrários?

Seguindo a exposição de Sarlo, Eva Duarte teve uma “carreira opaca” como atriz de rádio até 1943, mas no momento em que conheceu e se casou com Juan Domingo Perón, começou a se tornar uma peça importante na construção do poder. As qualidades que no campo artístico não eram suficientes para lhe render consagração, no campo político “mostravam seu grande valor”, saíam da norma: ela não apenas não se portava como as mulheres dos políticos e de empresários, como se inseria com facilidade nas discussões políticas e tinha habilidades para se comunicar com os trabalhadores (ou para enganá-los, na visão dos detratores). O exagero das roupas, dos penteados, de acessórios e de adornos de Eva Perón são lidos por Sarlo como “assuntos de Estado”, ou seja, como a representação de um novo regime político, já que a imagem da primeira-dama se tornava a propaganda do “Estado de bem-estar *criollo*”. Em poucas palavras, segundo a crítica, o corpo material de Eva se convertia em um corpo político que concentrava as virtudes (bem como os excessos e exageros) do peronismo. Quando ela morreu precocemente, em 1952, seu cadáver se tornou um objeto de “culto político personalizado”, de paixão e de

---

por isso um de seus esforços é entender o motivo pelo qual tantos de sua geração celebraram a morte do ex-presidente. Sarlo não busca tecer julgamentos morais ou mesmo recuperar a memória de sua juventude. Procura, ao contrário, construir uma explicação a partir da história cultural, mobilizando diversos materiais contemporâneos aos acontecimentos narrados. Na parte que dedica à análise da figura de Eva Perón, por exemplo, recorre às revistas, aos jornais, a uma peça de teatro (*Eva Perón*, escrita por Copi, e encenada em 1970), à autobiografia de Eva, *La razón de mi vida* (1951) etc. Na parte em que narra o sequestro e assassinato de Aramburu, volta-se aos textos publicados por alguns membros do sequestro, que pertenceram ao grupo Montoneros, presentes em revistas como *La Causa Peronista* (1974). Em ambas as partes, os documentos históricos são cruzados com a ficção borgiana. De certo modo, alguns documentos já tinham sido mobilizados por Sarlo em *La batalla de las ideas 1943-1973* (2001), trabalho que compila diversos textos de literatura, sociologia, história e política, e é precedido de um “estudo preliminar”, que assinala o quadro de polarizações políticas na Argentina entre 1943 e 1973, que teve o peronismo no centro dos debates.

fanatismo, sendo exposto e venerado na principal central sindical do país até 1955, momento em que Perón foi deposto pela chamada Revolução Libertadora, e o corpo de Eva foi escondido pelos militares que tomaram o poder como um dos atos de desperonização do país.

O emblema desse corpo é tão significativo, de acordo com Sarlo, que até mesmo um “*antiperonista convicto*”, como era o caso de Jorge Luis Borges, escreveu um breve relato que “confronta o cadáver de Eva com sua réplica imperfeita”. “El simulacro”, incluído em *El hacedor* (1960), por exemplo, é a história de um homem que chega a um povoado para organizar um velório de uma boneca loira dentro de uma caixa de papelão, e recebe as condolências de “velhas desesperadas”, “meninos atônitos” e de “peões” como se fosse o viúvo. Trata-se de uma representação do que acontecia na capital do país, mas com a diferença da “miséria mesquinha do barracão, com suas quatro velas”. Para Sarlo, Borges diz uma “verdade” nesse conto: a boneca estava no lugar de Eva, como se fosse uma “Eva dos pobres”, dos mais miseráveis que não poderiam ir a Buenos Aires sequer para prestar as últimas homenagens. A versão literária do velório não deixa de ironizar agudamente uma situação vivida na capital da Argentina em julho de 1952, quando filas se formavam para prestar as últimas homenagens a Eva Perón.<sup>206</sup>

Sendo o corpo material e político de Eva esse emblema, não foi por acaso que os Montoneros reivindicaram seu cadáver quando sequestraram Pedro Eugenio Aramburu, general que liderou o golpe contra Perón e era responsabilizado pelo fuzilamento de um grupo de peronistas. O sequestro, o julgamento e o assassinato de Aramburu, entre maio e junho de 1970, tornou conhecido esse grupo de jovens revolucionários, que, na visão de Sarlo, soube atingir a sensibilidade peronista, aplicando a lei da vingança e indicando novas formas de confronto político (que afetam, inclusive, o projeto de reinstalar um “peronismo domesticado” naqueles anos). A “operação Aramburu”, nesse sentido, é um acontecimento “excepcional” na história argentina, pela singularidade do sequestrado – um general e ex-presidente, tal como Perón –; e, também, é um ato “passional”, porque “organizado simbolicamente em torno do eixo de uma paixão clássica, a da vingança”. Mais ainda: consciente e planejado, o episódio não deixa de ser uma “exceção”, uma vez que os atores

---

<sup>206</sup> Beatriz Sarlo. “Beleza”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.). Para os trechos citados ver pp.17-112.

consideraram a vingança uma justiça substancial, popular e concreta, a única saída “quando os recursos das instituições lhes foram vedados”.<sup>207</sup>

Para refletir sobre paixões como a vingança, ou reverberações da violência íntimas à formação da nação argentina, três contos de Borges são acionados por Sarlo por seu caráter simbólico: “Emma Zunz” (de *El Aleph*), “El fin” (de *Ficciones*) e “El otro duelo” (de *El informe de Brodie*). De modo resumido, no primeiro conto, que tem como tema a vingança e o conhecimento, Sarlo observa que o leitor acompanha a história de uma moça que, com cálculo e frieza, mata para vingar a morte de seu pai, e a vingança transforma radicalmente a vingadora, não porque ela se arrepende, mas porque adquire certos conhecimentos que não possuía antes de iniciar o plano de vingança.<sup>208</sup> No caso do segundo conto, Sarlo observa que Borges dá um novo final ao *Martín Fierro*. Um dos personagens mais conhecidos da literatura argentina (Martín Fierro) é morto em um duelo a faca, como uma vingança que soube esperar o seu momento, orquestrada pelo irmão de um homem que Fierro havia matado em um baile anos antes. Com a modificação do poema de Hernández, Sarlo sugere que Borges “captura o éthos de uma época”, em que as ofensas eram reparadas por aqueles que haviam sofrido as injúrias (ou por seus familiares e amigos). Isto é, em um contexto no qual as instituições jurídicas eram distantes, o “código de honra determina que somente a reparação com a vingança restabelece a ordem perdida”.<sup>209</sup> O terceiro conto narra, por fim, a corrida de dois soldados *gauchos* degolados. Em um dos embates das guerras civis no Rio da Prata, dois soldados rivais foram feitos prisioneiros e, ao serem condenados à morte, a execução de ambos procurava prolongar a rivalidade: o capitão anunciava que seriam degolados e disputariam uma corrida. “El otro duelo”, para Sarlo, é um dos contos mais sangrentos de Borges, que descreve de modo bárbaro o trabalho com as facas, os jatos de sangue, as cabeças cortadas, provocando uma desconfiança pela crueldade que põe em cena: “algo de intratável, uma resistência à norma”.

Trata-se de um conto publicado em 1970, e, portanto, contemporâneo ao assassinato de Aramburu. Essa coincidência, que é tanto cronológica quanto temática, pode ser lida como a de fatos simultâneos sem maiores ligações, mas, ao

---

<sup>207</sup> Beatriz Sarlo. “Vingança”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.). Trechos citados entre pp.132-202.

<sup>208</sup> Beatriz Sarlo. “Vingança”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.). Trechos citados entre pp.115-127.

<sup>209</sup> Beatriz Sarlo. “Vingança”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.). Ver trechos citados em pp.189-193.

mesmo tempo, Sarlo indica que o conto borgiano é um emblema filosófico e histórico sobre as paixões da violência e da vingança que eram presentes no passado argentino (tão nostálgicos para o escritor) e que reaparecem em 1970 na “operação Aramburu”, oferecendo pistas para pensar sobre alguns dilemas argentinos.<sup>210</sup> Dito de outro modo, as coincidências não são causais, mas pertencem de algum modo a um campo simbólico compartilhado de paixões e de exceções. Justamente por isso, para Sarlo, Borges é um “emblema”: a construção imaginada que faz do passado argentino permite refletir sobre “outros fatos, *da história ou da literatura*”, na medida em que “esboça um campo que não está isolado, e *sua nostalgia das paixões é não só um tema típico da modernidade, mas a realização desse tópicos nas condições argentinas*”.<sup>211</sup>

Seguindo as pistas analíticas dos livros de Beatriz Sarlo retomados nessas páginas, vemos que Borges é um personagem central para além do livro que a crítica dedica à análise estética e sociológica de sua obra. Ele aparece tanto como jovem escritor que emerge em um campo intelectual fracionado e em conflito, onde constrói a imagem das *orillas* como resolução formal de questões a um só tempo estéticas, ideológicas e históricas; quanto ao lado de outro “emblema” da cultura argentina no século XX, o peronismo. No conjunto dos livros, são analisadas as operações estéticas e ideológicas que constroem a originalidade de Borges: escrever em um “encontro de caminhos”, deslocando-se entre a tradição ocidental e a cultura de um país marginal. De seu lugar simbólico representado pelas *orillas*, Sarlo argumenta que Borges leu as literaturas do mundo e incorporou as letras estrangeiras sacando o que queria, sem respeito às hierarquias definidas; construiu uma nova escrita. Ao mesmo tempo, não renunciava à densidade cultural de sua “nação culturalmente periférica” – formada pela literatura gauchesca, pelos escritos de Domingo Faustino Sarmiento, por escritores marginais como Evaristo Carriego e Macedonio Fernández, pelas sagas familiares e guerras civis antes da organização do Estado nacional etc. Questionando-

<sup>210</sup> Beatriz Sarlo. “Prólogo” / “Paixões”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.), pp.9-11 / pp.205-209.

<sup>211</sup> Beatriz Sarlo. “Paixões”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.), p.229, grifos meus. Em direção complementar, Sarlo aponta: “sem Borges, a teoria literária não teria encontrado uma obra que a permitisse alcançar uma *autoconsciência argentina: pensar os problemas teóricos com textos escritos aqui*, como esses textos antecipam aqueles problemas, os adivinham ou os deixam abertos”. Conferir: Beatriz Sarlo. “Sin Borges”. In: *Plan de operaciones*. Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013, p.103, grifos meus e tradução minha.

se “como ninguém sobre a forma da literatura *numa das margens do Ocidente*”, Sarlo defende que Borges é “o escritor das *‘orillas’*”.<sup>212</sup>

Se as *orillas* representam, na literatura borgiana, um espaço geográfico imaginado entre as planícies e as primeiras casas de Buenos Aires, podendo ser lido como uma metáfora da cultura de mescla; não deixam de se desdobrar, no argumento de Sarlo, em um espaço social, político e cultural ocupado por uma nação periférica, na qual se imprimem marcas de distância, voluntária ou não, com relação à cultura europeia. As margens assumem, em outros termos, uma função heurística na obra da crítica argentina: não se referem apenas a um lugar geográfico e/ou imaginado, mas configuram também um *modo* de olhar a heterogeneidade que constitui a experiência histórica e política da modernidade.<sup>213</sup>

O horizonte histórico dos ensaios de Sarlo, o final da década de 1980 e início dos anos 2000, é o de transição democrática (ou, em seus próprios termos, os anos de pós-ditadura, vistos em um contínuo que coincide com as “cenas da vida pós-moderna” na Argentina). Em cada um dos trabalhos analisados, nota-se a preocupação com o que Sarlo chama de “desventuras da democracia” na Argentina, que têm na violência e nas reverberações de vinganças políticas duas características dramáticas. *Una modernidad periférica*, como vimos, acompanha o processo de modernização e os projetos em disputa no campo intelectual até a década de 1930, momento em que há um golpe de Estado em um governo democraticamente eleito. Para a crítica, esse acontecimento revela uma nova maneira de apropriação do poder, e que dá início a “um período que, seja qual for o juízo histórico que se faça dele, tem, em sua base, *uma intervenção violenta e traumática*”. Trata-se, em suma, de um dado novo e decisivo no conjunto de questões que se pode chamar de “*a Argentina como problema*”.<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> Beatriz Sarlo. “Nacional e cosmopolita”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), pp.21 /16, grifos meus.

<sup>213</sup> Essa hipótese de leitura segue, de certa maneira, a observação da crítica chilena Romina Pistacchio, quando aponta que uma das invenções formais de Borges (as *orillas*) permite que Sarlo construa as margens como princípio metodológico. Ainda que tal perspectiva possa ser aproximada dos estudos culturais que, desde o surgimento nos países de língua inglesa têm dado atenção às margens, é preciso fazer essa distinção, já que ela recupera o conceito da literatura borgiana para também dotá-lo de novos significados. O argumento será desenvolvido de modo mais detido nas páginas que seguem. Consultar: Romina Pistacchio. *Una perspectiva para ver*. El sujeto crítico de Beatriz Sarlo. Editorial Corregidor, Buenos Aires, 2007.

<sup>214</sup> Beatriz Sarlo. “A imaginação histórica”. In: *Modernidade periférica* (Op. Cit.). p.444, grifos meus.

Já em *Borges, un escritor en las orillas* e *La pasión y la excepción*, a crítica argumenta que a vingança, no passado argentino como nos relatos borgianos, foi uma “intuição de justiça” bárbara, mas de algum modo restauradora de uma ordem moral. No cenário do século XX, a vingança não desaparece por completo: antes de ser uma das paixões que parecia estar fora do lugar – já que a modernidade, guiada pela racionalidade instrumental, é um “tempo hostil às paixões e às virtudes que as paixões alimentam”–, foi utilizada como um recurso, por grupos como os dos Montoneros, reinstalando uma noção de ordem quando as instituições não estavam disponíveis do mesmo modo para todos.<sup>215</sup> Não se trata, evidentemente, de qualquer elogio à vingança política – que no caso dos Montoneros foi seguido do terrorismo de estado da última ditadura militar (1976-1983), que assassinou milhares de pessoas e cujos traumas são sentidos até hoje entre os argentinos. Pode ser visto, porém, como um alerta e um convite a refletir sobre *o que resta do passado no presente*, sobre a fragilidade que constitui muitas vezes as instituições democráticas em contextos periféricos, e a necessidade de construir uma memória coletiva do passado. Em poucos temos, os contos e falsos contos, os ensaios e falsos ensaios de Borges, na perspectiva de Sarlo, dão algumas pistas para pensar alguns dos “enigmas” do passado argentino, capazes de revelações nada óbvias.

\*\*\*

Recuperando a leitura que Beatriz Sarlo faz da obra de Jorge Luis Borges em diferentes trabalhos e, antes, a de Roberto Schwarz sobre os romances de Machado de Assis, agora é possível colocar lado a lado essas leituras a um só tempo estéticas e sociológicas, de modo a explorar algumas aproximações e diferenças, convergências ou divergências nos argumentos tecidos pelos críticos.

---

<sup>215</sup> Beatriz Sarlo. “Vingança”. In: *A paixão e a exceção*. (Op. Cit.), p.198.

## Capítulo 5: Modernos e periféricos por comparação

(...) dificilmente seria possível uma verdadeira repetição e imitação, seja em termos políticos, econômicos, sociais ou tecnológicos, porque o mundo já foi modificado demais por aquela causa inicial que se está copiando.

Tom Nairn – *The break-up of Britain* (1977).

Machado de Assis e Jorge Luis Borges, cujos escritos estão entre os objetos mais estudados por Roberto Schwarz e por Beatriz Sarlo, respectivamente, são muito diferentes entre si. Por um lado, o escritor brasileiro, mestiço de origem humilde, vivendo no Rio de Janeiro, escreveu em vários gêneros literários e se destacou na produção de romances realistas. Elaborados entre o último quartel do século XIX e os primeiros anos do século XX, em português, os principais escritos de Machado se inserem no contexto da passagem do Império (1822) à República (1889), da escravidão ao trabalho livre, e figuram, de acordo com Schwarz, alguns temas e problemas que emergiram no processo de descolonização brasileira. O escritor argentino, por outro lado, filho de elites *criollas*, nasceu e viveu parte da vida em Buenos Aires, mas passou várias temporadas na Europa, e foi autor de inúmeros poemas e ensaios, tendo se consagrado sobretudo por seus contos fantásticos. Escrevendo no começo e no decurso do século XX, em espanhol (mas traduzindo seus textos para o francês e o inglês), Borges, de acordo com Sarlo, olhava com espanto para os processos de modernização, de urbanização das cidades, da acentuada imigração europeia e de mudanças no sistema cultural argentino, além de ter sido um crítico severo das manifestações nacionalistas (tanto no âmbito estético quanto em termos políticos).

A partir de um corpo a corpo com os escritos de Machado e de Borges, poderíamos observar ainda outras diferenças – os problemas estéticos trabalhados são variados, assim como os temas, a linguagem, o estilo etc. O conjunto dessas diferenças, como não poderia deixar de ser, tem certos efeitos aos colocarmos lado a lado as leituras que Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo tecem acerca das obras destes escritores, e, do mesmo modo, o conjunto de questões que derivam dessas leituras

para pensarem seus respectivos contextos nacionais. Antes de explorar algumas dessas diferenças, notemos um ponto mais ou menos comum entre as interpretações de Schwarz e de Sarlo. Digamos, em linhas gerais, que eles partem de problemas críticos que se assemelham.

Já mencionamos de passagem que para leitores e críticos brasileiros durante muito tempo Machado foi interpretado como um romancista com aspirações universalistas que pouco teria a ver com as letras e a realidade local. Em alguns casos, sua obra foi lida como documento de época, o que assinalaria sua dimensão local/nacional. Entre leitores e críticos argentinos, por outro lado, o jovem Borges até foi visto como um polemista da vanguarda argentina, dialogando com escritores e temas nacionais, mas, ao longo do tempo, sobressaiu-se a imagem de um escritor cosmopolita, cuja obra pouco ou nada teria a ver com a história nacional e a tradição literária de seu país. Acrescente-se, para o argumento que desenvolveremos mais adiante que, quando os escritos de Machado e de Borges saem das fronteiras nacionais, eles flutuam *quase* sem nacionalidade nas bibliotecas e livrarias estrangeiras. De modo geral, Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo partem dessa ordem de problemas mais ou menos comuns das leituras elaboradas sobre as obras de Machado e de Borges, e procuram demonstrar que *a originalidade dos escritores reside na incorporação da tensão entre o local e o universal*, que nem sempre foi ressaltada pela crítica especializada.<sup>216</sup>

Se recuperarmos os trechos que citamos nessas páginas de “Instinto de Nacionalidade” (1873), de Machado de Assis, e “El escritor argentino y la tradición” (1953), de Jorge Luis Borges, vemos que os escritores reivindicam aos seus contemporâneos o direito à universalidade das matérias – “tratar de assuntos remotos no tempo e no espaço”, diz Machado, enquanto Borges fala de “manejar todos os temas europeus, manejá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas”. Postular a prerrogativa de trabalhar com todos os temas e assuntos não significa, como os escritores cada qual à sua maneira

---

<sup>216</sup> Aliás, as relações (ou oposições) entre as tradições culturais nacionais e estrangeiras são um tema caro à crítica literária e cultural praticada em solo latino-americana em suas linhas mais gerais – e não se restringem a elas, já que o pensamento social e político praticado na América latina também é permeado por essa tensão. Mas, antes de ser um problema da tradição intelectual, a questão da “cor local”, da identidade nacional e dos problemas universais foram questões trabalhadas pelos principais escritores latino-americanos. Conferir, entre outros: Antonio Candido. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite & outros ensaios (Op. Cit.)*.

advertem, deixar de estar atento às questões e aos problemas de seu tempo; mas também não significa se alimentar apenas dos “assuntos que lhe oferece a sua região” (nos termos de Machado) ou “a alguns pobres temas locais, como se os argentinos só pudéssemos falar de subúrbios e de fazendas” (nos dizeres de Borges).<sup>217</sup> Tanto na leitura de Schwarz quanto na de Sarlo, as intervenções dos escritores nesses textos são *programáticas*, isto é, revelam muito de suas posturas estéticas e ideológicas. Mais especificamente, os críticos apontam que, ao lerem a tradição literária anterior de seus países, cuja principal característica era figurar a chamada “cor local” ou os temas regionais, Machado e Borges, cada qual a seu modo, no seu tempo, em sua língua, por meio de diferentes gêneros literários, reivindicam o *direito à universalidade das matérias e procuraram criar um novo caminho para narrar a matéria local*, que não ficasse preso as fronteiras nacionais, sem delas se desfazer por completo.

Como já deve ter ficado claro, essas intervenções programáticas são eixos centrais para a interpretação que Schwarz e Sarlo tecem sobre as obras de Machado e de Borges. No caso do ensaísta brasileiro, ele argumenta que o “sentimento íntimo” que Machado propõe, de ser “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”, fez com que o escritor fosse ajustando um conjunto de procedimentos estéticos tanto ligados àquilo que era desenvolvido na Europa quanto capazes de dar forma à empiria brasileira. Analisando o conjunto dos romances machadianos, o crítico aponta que a principal conquista formal do escritor está em inverter a posição de classe de seu narrador, colocando na cena literária um personagem representativo das elites brasileiras – um tipo ideal civilizado e cosmopolita –, que se movia entre a tradição ocidental (a norma moderna) e a sociabilidade nos trópicos (onde existia a escravidão e as relações de clientela e proteção, características herdadas dos tempos de colonização). Nessa chave de leitura, o narrador machadiano é uma invenção literária audaciosa que, ao figurar o destino que o indivíduo representativo de sua classe traçava na *periferia*, possibilitaria ver tanto a *distância* que separa a realidade brasileira da norma burguesa europeia,

---

<sup>217</sup> Machado de Assis. “Notícias da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v.3, 2008; e Jorge Luis Borges. “El escritor argentino y la tradición”. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974. Comparações entre os escritores a partir dessa ordem de questões são esboçadas por vários leitores, entre eles, ver: Davi Arrigucci Junior. “Da fama e da infâmia (Borges no contexto literário latino-americano)”. In: *Enigma e comentário*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

quanto a *acomodação* entre a civilização burguesa e os substratos bárbaros que existiam na sociedade em vias de descolonização. Em síntese, acompanhando o argumento de Schwarz, a originalidade de Machado é construir uma fórmula narrativa que atende a questões ideológicas e artísticas do século XIX brasileiro, ligadas à posição periférica que o Brasil ocupa no concerto geral das nações, com ecos ainda na contemporaneidade.

Na leitura de Beatriz Sarlo, Borges defende em "El escritor argentino y la tradición" um princípio estético que ordena sua ficção: manejar os temas de todas as culturas, sem superstições. Ao investigar algumas das operações estéticas e ideológicas que Borges vai construindo em diferentes momentos de sua obra, Sarlo identifica que a literatura deste escritor é uma "literatura de conflito": deslocando-se na direção de várias culturas e percebendo que o conflito entre culturas marca alguns dos impasses das sociedades; escrevendo na fronteira entre a cultura de uma nação periférica e a tradição cultural ocidental; e fabulando a partir do trânsito entre diferentes gêneros literários e em meio a diferentes línguas. Para a ensaísta, a literatura de Borges não se instala nem no *criollismo* vanguardista de seus primeiros livros, tampouco na erudição de seus contos fantásticos, que reverberam questões formuladas sobretudo a partir da literatura francesa ou inglesa. Encontra-se, antes, em uma consciência de mescla e na nostalgia de uma literatura europeia que um argentino (e os latino-americanos de modo geral) não vive de todo como "natureza original".<sup>218</sup> Em resumo, aceitando a posição de país periférico e marginal que a Argentina ocupa no Ocidente, imagina uma relação com as letras estrangeiras que não é de simples subordinação, mas que pode perturbar as fronteiras e hierarquias; inverter os gêneros e construir novas linguagens; fazer "da margem uma estética".

Recuperando as linhas gerais das leituras de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo sobre as obras de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges, agora podemos retomar uma das perguntas feita no início dessa segunda parte da dissertação, quando questionamos se existiria uma afinidade eletiva entre a observação de Schwarz de que Machado é "um mestre na *periferia* do capitalismo" e a aposta de Sarlo de que Borges "é o escritor das '*orillas*'". Como vimos, Machado e Borges tem em comum o gesto de incorporar a tensão entre o local e o universal, e a afinidade

---

<sup>218</sup> Beatriz Sarlo. "Nacional e cosmopolita". *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.17.

nos argumentos de Schwarz e de Sarlo existe na medida em que ambos identificam como *elemento decisivo da originalidade dos escritores o modo como elaboram formalmente a condição periférica/marginal de seus respectivos países*. Os princípios formais e as operações estéticas que Machado e Borges constroem, seguindo as leituras de Schwarz e de Sarlo, derivam tanto do empréstimo de modelos estrangeiros (uma relação de liberdade que cada um a seu modo constrói com a tradição literária europeia), quanto da recuperação de elementos de suas respectivas tradições locais/nacionais. Do ponto de vista analítico, as análises dos críticos indicam que em países historicamente dependentes, como o Brasil e a Argentina, nos quais os padrões, os modelos e as referências importadas se combinam de modos *diferentes* às empirias locais, ao menos no plano cultural e até intelectual, a relação de dependência não é *necessariamente negativa*, diferentemente do que se dá em termos econômicos e políticos.

Pois, ter a distância cultural como elemento definidor da forma artística pode produzir respostas estéticas por vezes ousadas, inesperadas, originais e potencialmente críticas. Schwarz observa, nessa linha, que Machado produziu “um avanço” para a prosa realista, tido como improvável no lugar de origem do romance realista, posto que crítico às ambiguidades da razão moderna – a periferia, nessa perspectiva, surge como espaço capaz de desvelar os segredos do centro.<sup>219</sup> Sarlo argumenta, por sua vez, que estando nas fronteiras, o escritor periférico tem “a liberdade como destino”, o que pode perturbar os gêneros, criar conflitos, desestabilizar hierarquias e questionar modelos hegemônicos.<sup>220</sup> Não se trata apenas de observar certa vantagem que a condição periférica/marginal possibilita para a criação literária ou a atitude crítica. O que Schwarz e Sarlo estão interessados em apontar, notadamente, é que até mesmo as supostas “imitações” ou “cópias” de modelos estrangeiros sempre geram uma *diferença* – que é *tanto estética quanto histórica*, e que cabe à crítica pesquisar caso a caso em suas múltiplas conexões de sentido. As soluções formais e operações estéticas excepcionais, afinal, podem carregar um potencial crítico para conhecer novos aspectos da realidade tanto local, quanto daquela que empresta os modelos.

---

<sup>219</sup> Roberto Schwarz. “Um avanço literário”. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 15, n. 3, 2010.

<sup>220</sup> Beatriz Sarlo. “A liberdade dos *orilleros*”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p. 68.

Ao lado desta questão sobre a afinidade eletiva entre as interpretações que Schwarz e Sarlo fazem acerca das obras de Machado e de Borges, perguntamos também se os termos periferia e margens assumem um sentido mais ou menos compartilhado na construção teórico-metodológica dos ensaios dos críticos. E, desdobrando essa questão, indagamos se esses sentidos têm implicações para pensar os processos sociais e culturais mais amplos no Brasil e na Argentina. Embora possamos responder de modo afirmativo a essas questões, na medida em que, nas análises tecidas por Schwarz e por Sarlo, a periferia e as margens não são apenas lugares sociais, senão também se configuram em método, é preciso notar algumas sutilezas de encaminhamento de suas respectivas reflexões. Diferenças que, ao menos em partes, derivam dos objetos analisados e dos princípios analíticos com os quais os críticos operam. Afinal, se as obras de Machado e de Borges têm em comum incorporar essa tensão entre o local e universal, *os sentidos da tensão são de ordens diferentes*, colocando inevitavelmente distintas perguntas para os críticos; além disso, os princípios que encaminham as preocupações teóricas dos críticos possuem suas diferenças – o crítico brasileiro é mais interessado em investigar dialeticamente a composição formal dos romances machadianos, enquanto Sarlo analisa como Borges se relaciona com sua obra, como ele se insere no campo intelectual argentino, quais os são princípios estéticos e a escrita particular que ele cria e como esses princípios se articulam com o processo social e cultural argentino mais amplo).

De um lado, a leitura dialética desenvolvida por Roberto Schwarz aponta que Machado reunia, em sua prosa de ficção, tanto aspectos cosmopolitas – figurados, entre outras coisas, por um narrador-personagem que apresentava máxima civilidade, mobilizando ideias sobre a ciência, a política, a autonomia do indivíduo burguês etc. –; quanto aspectos nacionais, que não estão na representação de figuras ou costumes locais brasileiros, mas no estranhamento entre a norma burguesa e as relações sociais herdadas da colonização, que assumiam uma “feição negativa” nos romances machadianos, com o sentimento de que algo estava errado.<sup>221</sup> Ou seja, para Schwarz, a tensão entre local e universal inscrita na forma dos romances de Machado se dá entre a combinação de um tom de classe cosmopolita e os aparentes “desvios” da sociedade brasileira, o que dá ensejo a uma ironia penetrante acerca do que é a vida na Europa e a *diferença nos trópicos*. Como vimos, essa diferença é vista pelo

---

<sup>221</sup> Roberto Schwarz. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo (Op. Cit.)*.

crítico como uma “comédia ideológica” da vida social brasileira: após o processo de Independência política, as ideias liberais, consideradas indispensáveis à modernização do país, combinavam-se com as lógicas da escravidão e do clientelismo – fazendo o liberalismo girar em falso no que se refere à lógica do favor. Por esse motivo, as marcas do suposto “atraso” brasileiro são lidas por Schwarz como parte integrante da “reprodução social moderna”, de modo que o “tic-tac das conversões e reconversões de liberalismo e favor é o *efeito local e opaco de um mecanismo planetário*”.<sup>222</sup> É a partir dessa tensão entre local e universal inscrita na forma machadiana, que o crítico puxa fios para interpretar o Brasil, chamando a atenção para as dificuldades da consolidação de direitos, que dão indícios de algumas das ambiguidades do projeto moderno burguês.

Nessa análise imbricada entre forma literária e processo social, o termo “periferia do capitalismo”, amplamente mobilizado no argumento de Roberto Schwarz, procura indicar as contradições, ambivalências e condições precárias que atingem países que são ex-colônias (especialmente os subdesenvolvidos e sistematicamente explorados e marginalizados). A realidade local brasileira é vista como parte integrante do sistema desigual das relações internacionais impostas pela lógica do capital e da modernidade burguesa ocidental. Desse modo, embora o termo periferia seja utilizado no singular, refere-se a uma dinâmica geral da sociedade contemporânea, cujos efeitos perversos só podem ser compreendidos quando se considera o “desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo”. Como já mencionamos, a expressão é de Trotsky em seu estudo sobre a Revolução Russa, e quando Roberto Schwarz o recupera tem o efeito de sinalizar que “o desenvolvimento moderno do atraso” só à primeira vista é um desvio brasileiro ou mesmo latino-americano, podendo funcionar como uma espécie de norma em sociedades que são ex-colônias.

De outro lado, a leitura de Sarlo observa que o lado cosmopolita de Borges consiste em reivindicar uma literatura tecida com fios de todas as culturas – sem respeito pelos sentidos tradicionalmente estabelecidos nos textos –; e o tom nacional não depende da representação de elementos que compõem a sociedade argentina, embora eles existam, mas da formulação de uma pergunta: “como é possível escrever literatura num país periférico, com uma população de origem imigrante estabelecida

---

<sup>222</sup> Roberto Schwarz. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas (Op. Cit.)*, p.30, grifos meus.

numa cidade litorânea?”.<sup>223</sup> Ao formular essa questão, que percorre toda a obra de Borges, e ao construir o ideograma das *orillas* como resolução formal de questões a um só tempo estéticas, ideológicas e históricas, a literatura de Borges tensiona o local e o universal, o campo e a cidade, o nacional e o estrangeiro, a modernidade europeia e a *diferença rio-platense*. Percorrendo o argumento de Sarlo, jogando com o tema da composição da população argentina e com um cenário de metamorfoses no espaço urbano, as *orillas* e as margens são tomadas como metáforas da cultura de mescla que marca, a seu ver, a experiência argentina: uma cultura onde convivem de modo conflitivo traços da formação *criolla* com processos descomuns de importações de ornamentos e práticas simbólicas. Ou seja, um espaço social, político e cultural heterogêneo em que se convergem tradição e modernidade.

O termo “modernidade periférica”, que é caro à análise estética e sociológica desenvolvida por Beatriz Sarlo, tem um duplo efeito: reconhecer que a Argentina ocupa uma posição periférica e marginal em relação aos centros econômicos e culturais do Ocidente; e apontar, ainda, que as diferentes margens que constroem a cidade (e a nação em sentido mais amplo) são espaços cujos limites são porosos, onde há trânsito, conflito e negociação das diferenças, nos quais, enfim, ocorrem encontros instáveis e tensos entre culturas. Se, por um lado, Sarlo pensa a periferia a partir do caso nacional argentino e explora a diversidade populacional como elemento importante para qualificar a modernidade rio-platense, isso não implica um limite teórico de sua análise, já que sua contribuição vai no sentido de demonstrar, por meio de um caso específico, a heterogeneidade que marca a experiência histórica, cultural e política da modernidade.

Dito isso, se Schwarz e Sarlo identificam tensões entre o local e o universal nas obras de Machado e de Borges, e a partir dessas tensões constroem linhas de interpretação de seus países, há diferenças significativas no encaminhamento dos argumentos, que se referem não apenas ao conteúdo das obras e aos contextos nacionais de Machado e de Borges, mas também à maneira pela qual Schwarz e Sarlo *leem a matéria literária e como qualificam a periferia*. No caso do crítico brasileiro, tomando como referência uma análise dialética de forma e conteúdo, e adotando um ponto de vista marxista, parte de um debate sobre a reprodução estrutural do

---

<sup>223</sup> Beatriz Sarlo. “Nacional e cosmopolita”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.18.

capitalismo, onde a periferia oferece um ângulo novo – e até privilegiado, nos termos de Schwarz – para a reflexão do caráter contraditório do desenvolvimento capitalista. No caso da crítica argentina, partindo de um debate sobre o estético e o político próximo aos estudos culturais com tintas materialistas, a discussão sobre a periferia argentina incorpora a densidade “das margens”, e se refere aos encontros, conflitos e negociações entre culturas a partir dos quais é possível problematizar as diferenças históricas que constituem os processos da modernidade. Trata-se, sobretudo, de chamar atenção para a heterogeneidade do processo social, estabelecendo o conflito como elemento chave para qualificar a modernidade.

Ao invés de indicar os limites teóricos nas perspectivas de Schwarz e de Sarlo, ou optar entre uma e outra, o interesse de colocá-las lado a lado é o de pensar os sentidos em que a condição moderna e periférica de países historicamente dependentes pode ser problematizada – afinal, em cada região da América Latina (e também da África ou da Ásia), as ideias europeias se combinam dentro de marcos sociais, políticos e culturais diferentes. Digamos que, assim como Machado e Borges não reduzem localismo e universalismo a essências particulares, tanto Schwarz quanto Sarlo *pensam o moderno e o periférico de modo articulado, sem que a periferia seja vista como simples receptáculo do centro, e sem desconsiderar as assimetrias de poder que existem entre espaços periféricos e centrais*. Pensando o que está em jogo em cada uma das interpretações dos críticos – que dão indícios de que a periferia comporta muitas camadas de sentidos como espaços sociais, políticos e culturais, e como categoria analítica é conflitiva e disputável –, talvez possamos acomodá-las uma à outra em uma teoria social crítica que precisa continuar a ser alargada para refletir sobre problemas modernos a partir de pontos de vista não hegemônicos, e que tenha capacidade de falar tanto sobre as *desigualdades estruturais do capitalismo* (como Schwarz chama atenção) quanto sobre as *diferenças culturais* que marcam os processos sociais da modernidade (como os trabalhos de Sarlo apontam).

Antes de prosseguir é importante fazer um parêntese. O alargamento da teoria social é uma preocupação de diferentes agendas de pesquisa em andamento nas ciências sociais, que chamamos aqui de “teorias do sul”.<sup>224</sup> Seguimos, de modo

---

<sup>224</sup> O tema do “alargamento” da teoria social contemporânea é amplo e comporta um movimento intelectual bem heterogêneo, que estamos chamando de “teorias do sul”. Nas últimas três décadas, a gramática pode variar entre “Epistemologia do Sul”, “Sul Global”; teorias “pós-coloniais”; teorias “decoloniais”, entre outras, e os projetos e pressupostos teórico-metodológicos são diferentes não

geral, as pistas analíticas do historiador indiano Dipesh Chakrabarty, quando propõe uma *reinterpretação da história moderna* considerando a condição periférica que marca grande parte do globo (com exceção da Europa ocidental e do mundo anglo-saxão). Ligado aos chamados “estudos subalternos”, Chakrabarty demonstra que o pensamento europeu é presente no cotidiano indiano e, visto de uma perspectiva mais ampla, o discurso histórico sobre o moderno modula práticas de qualquer sociedade que não a europeia. Essa situação, para o autor, é sintomática de uma Europa “colonialista” que construiu historicamente as narrativas da modernidade e do capitalismo, colocando as demais histórias em posição subalterna e se tornando uma medida da distância cultural entre o Ocidente e o “resto”. Como proposta epistemológica alternativa, o autor sugere *provincializar a Europa* ou descentrar a teoria europeia, de modo a não apenas dar voz às histórias que foram colocadas à margem, como também ampliar a capacidade analítica e política de se falar sobre as experiências da modernidade política (e, acrescente-se, do capitalismo).

Essa proposta, antes de argumentar contra o “universal”, pode ser lida como uma maneira de enfatizar a instabilidade que os universais comportam, sobretudo em espaços periféricos. Além disso, não se trata de uma proposta que rejeita ou abandona o pensamento europeu, uma vez que esse modo de fabulação teórica, para Chakrabarty, é ao mesmo tempo *indispensável e inadequado* para pensar as experiências de modernidade nas nações fora da Europa ocidental.<sup>225</sup>

---

apenas entre uma e outra gramática, mas dentro dos próprios movimentos intelectuais. De modo geral, essas “teorias do sul” possuem dois elementos centrais e até certo ponto complementares: (i) procuram compreender as características da modernidade política em diferentes circuitos periféricos, buscando dar voz aos sujeitos marginalizados e com o objetivo de situar historicamente as experiências de classe, gênero, raça, nação, religião etc.; e (ii) buscam identificar os resíduos da máquina do colonialismo, de modo a descentrar o *cânone* e as questões da tradição das ciências sociais de suas referências “metrocêntricas”, como sugere a socióloga australiana Raewyn Connell em: *Southern Theory. The global dynamics of knowledge in social science*. Australia, Allen&Unwin, 2007. Além da proposta de Connell, sobre os diferentes movimentos intelectuais, é possível conferir balanços das proposições em jogo em: Sérgio Costa. “Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.21, n. 60, 2006; e Luciana Ballestrin. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 2, 2013.

<sup>225</sup> Vale notar que a proposta de Chakrabarty é distinta de outras alternativas epistemológicas em voga na teoria social contemporânea, como as de Walter Mignolo ou as de Boaventura de Souza Santos, para ficar em dois dos exemplos mais citados nos debates das “teorias do sul”. Em linhas muito gerais, os trabalhos de Mignolo e Souza Santos identificam que o pensamento produzido no chamado “Norte Global” é comprometido com a “epistemologia colonizadora do padrão mundial do poder”, que impõe às sociedades periféricas diversos “universalismos” interpretativos – manifestos em instituições políticas, científicas, religiosas etc. Como alternativa para escapar desses universalismos abstratos, eles propõem o afastamento da ciência moderna (europeia) e a valorização de saberes a partir do “Sul Global”. Conferir, por exemplo: Walter Mignolo. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003; Boaventura de Souza Santos. “Para além do pensamento abissal: das linhas

Trata-se, especialmente, de explorar como tal pensamento – que é herança de diversos processos de colonização nas Américas, na África e em partes da Ásia, e que “afeta a todos” – pode ser renovado ou alargado “desde e para as margens”. Em outros termos, ainda que o colonialismo tenha deixado diferentes marcas em cada continente, e marcas distintas nas regiões de cada continente, não apenas tornou os países periféricos fornecedores de matéria prima, como também consumidores de produtos, ideias e modelos europeus (e, a partir de meados do século XX, também norte-americanos, especialmente no caso latino-americano).<sup>226</sup> Por essa razão, é necessário provincializar a Europa e os Estados Unidos, e explorar pontos de vista não hegemônicos para falar sobre a modernidade e a experiência capitalista.<sup>227</sup>

Fechado o parêntese, interessa reforçar que, ao pensarem o moderno e o periférico de modo articulado, ao apostarem na *relação* local/universal (hoje global) e nacional/cosmopolita, as interpretações tecidas por Schwarz e por Sarlo oferecem ferramentas teóricas e metodológicas para pensar esse alargamento da teoria social a partir e pelas margens dos centros econômicos e culturais hegemônicos. Observemos, agora, por meio de suas leituras, como as obras de Machado e de Borges circulam fora de suas respectivas fronteiras nacionais, e o motivo pelo qual é *preciso insistir nesse alargamento da teoria*: quando escritores de contextos periféricos começam a ser assimilados ao cânone da literatura ocidental/mundial, a reputação deles em geral é estabelecida pela qualidade estética e/ou estilística de

---

globais a uma ecologia dos saberes”. In: Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Menezes (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

<sup>226</sup> Dito de outro modo, espaços periféricos compartilham, de modo geral, não apenas os efeitos do colonialismo, mas também a dependência epistemológica/acadêmica. Considerando que a divisão internacional da produção do conhecimento acompanha a divisão internacional do trabalho, podemos observar que, além de fornecer matérias primas necessárias ao padrão de consumo dos centros, as periferias importam ideias e oferecem uma certa “matéria prima intelectual” para a elaboração de teorias sociais de amplo alcance nos centros hegemônicos. Uma crítica contundente desse processo é feita por Raewyn Connell. “A iminente revolução na teoria social”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 27, n. 80, 2012.

<sup>227</sup> Dipesh Chakrabarty. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000. Ao discutir o processo de descolonização africana na segunda metade do século XX, o intelectual camaronês Achille Mbembe também argumenta sobre a necessidade de “provincializar a Europa”, uma vez que o discurso anticolonial em diferentes países africanos muitas vezes abraçou postulados da modernidade europeia e os ideias de progresso do universalismo burguês. Ver: Achille Mbembe. *Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada*. Luanda: Edições Mulemba/Edições Pedagogo, 2014. Digamos, então, que há um caráter interconectado dos processos de expansão colonial, exploração capitalista e estigmatização da diferença na história moderna, e é preciso avançar coletivamente na construção de uma teoria social crítica que consiga demonstrar esse caráter interconectado a partir de pontos de vista que têm sido historicamente marginalizados ou excluídos.

suas obras – a qualidade de tratar de matérias e temas “universais” –, fazendo com que as nacionalidades acabem sendo frequentemente apagadas.

Acompanhando a recepção internacional da obra de Machado de Assis, Schwarz observa que o romance machadiano começou a ser traduzido e os estudos estrangeiros nasceram, em particular em inglês, após a Segunda Guerra Mundial, quando o português se tornou uma língua com alguma importância para os Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Nesse quadro, o reconhecimento do escritor começou a ser delineado por leitores e críticos que apontaram a qualidade e inovação estética da prosa machadiana, que dava pistas de como “tornar contemporâneo o romance clássico”. Nas últimas décadas, com o surgimento de novas traduções dos contos e dos romances de Machado, uma nova camada de questões surgiu entre os leitores estrangeiros, e eles tem apontado que a obra do escritor brasileiro poderia ter alguma relação com a vida social local, mas que não era preciso saber elementos sobre a realidade brasileira para apreciar a qualidade de sua ficção – ela estaria acima e afora da história brasileira.<sup>228</sup> Em linhas gerais, para Schwarz, a reputação internacional de Machado, em diferentes momentos históricos, foi se firmando “sem apoio na reflexão social”, porque os temas por ele trabalhados seriam colocados ao lado daqueles que “elevam a alma humana a condição universal”. Crítico as linhas predominantes dessas leituras estrangeiras, Schwarz indica que a “universalização” de certos autores faz com que eles apareçam como uma superioridade que foge à regra, e o sucesso vem “de mãos dadas com o *desaparecimento da particularidade histórica*”, de modo que “*o autor entra para o cânon, mas não o seu país, que continua no limbo*”.<sup>229</sup>

Ao observar a recepção internacional da obra de Jorge Luis Borges, Beatriz Sarlo comenta que o escritor quase sempre foi recepcionado como um cosmopolita fora de seu país, mas nem sempre teve um lugar de destaque na literatura ocidental como ocupa nas três últimas décadas. Antes de 1950, alguns de seus escritos foram publicados na revista *Les Temps Modernes*, mas seus leitores e críticos não o julgavam latino-americano o suficiente (*ele não era considerado muito “exótico”*), sem a linguagem comum aos latino-americanos, como aponta o crítico uruguaio Emir

<sup>228</sup> Schwarz dialoga criticamente com: Michael Wood. “Master among the ruins”. *The New York Review of Books*, 18, 2002.

<sup>229</sup> Roberto Schwarz. “Leituras em competição”. In: *Martinha versus Lucrecia. (Op. Cit.)*, p.22, grifos meus.

Rodríguez Monegal, com quem Sarlo dialoga). Quando Borges ganhou o Prêmio Formentor, em 1961, começaram a surgir várias traduções de seus textos, e o escritor deixava de ser conhecido apenas em alguns circuitos intelectuais mais restritos.<sup>230</sup> Com o passar do tempo, segundo Sarlo, Borges se tornou uma figura importante no cenário internacional e sua reputação cada vez mais o “purgou de nacionalidade”. Sobre esse ponto, a crítica observa que, de fato, os textos de Borges podem ser lidos sem referências à região periférica em que ele escreveu, já que sua obra trabalha com mitos e temas filosóficos do Ocidente que em geral são considerados “universais”. Entretanto, se isso pode ser considerado um “ato de justiça estética”, esse ato implica algumas perdas, pois deixa-se de lado o chão histórico rio-platense, as visões de Borges sobre o passado argentino que são decisivas em sua construção imaginária e fantástica, bem como os textos e os autores contra os quais produziu suas rupturas estéticas e polêmicas literárias. Mais ainda, Sarlo sugere que se deixa de lado uma característica central de Borges: “*a prerrogativa latino-americana de trabalhar dentro de todas as tradições*”.<sup>231</sup>

O processo de circulação internacional das obras de Machado e de Borges são muito diferentes, em que se pese o fato de que o argentino participou do próprio processo de internacionalização, traduzindo seus textos para o inglês ou o francês e dando palestras em universidades inglesas e americanas. Contudo, a partir dos pontos de vista traçados por Schwarz e por Sarlo, chama atenção que a nacionalidade desses escritores é frequentemente silenciada na recepção internacional, figurando como interesse exclusivamente a qualidade estética das obras literárias (a ousadia do narrador machadiano e a nova linguagem construída por Borges). Esse problema da “universalização” dos escritores levanta uma indagação para pensarmos sobre esse espaço aparentemente atemporal e homogêneo que *algumas* obras-primas ocupam no Ocidente: as dinâmicas que envolvem a consagração de obras e de autores estão ligadas apenas às indagações estéticas e às disputas no terreno do método de análise

---

<sup>230</sup> Beatriz Sarlo. “Borges después de Borges”. In: *Plan de operaciones*. (Op. Cit.)

<sup>231</sup> Beatriz Sarlo. “Nacional e cosmopolita”. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. (Op. Cit.), p.14, grifos meus.

da literatura, ou elas também têm uma dimensão política na geografia do mundo contemporâneo?<sup>232</sup>

Perquirindo essa questão a partir e por meio das literaturas (ou dos objetos artísticos) que são produzidas em contextos periféricos e circulam com alguma força no terreno internacional (circulam seguramente mais do que a produção teóricas das ciências humanas, por exemplo),<sup>233</sup> vemos que a circulação ocorre por dois motivos principais: seja porque elas são “exóticas”, “singulares” e comunicam algo da experiência *local* de onde se originaram, seja porque são consideradas “obras-primas”, com uma qualidade estética superior e comparável aos grandes clássicos. No primeiro caso, a circulação é geralmente *contextual*. Ela depende, em larga medida, de algum fato histórico ou político que se coloca na ordem do dia dos “contextos periféricos” que exportam as literaturas e as artes.<sup>234</sup> Um exemplo desse tipo de circulação são as obras do “boom literário latino-americano”, que saíram das fronteiras nacionais/continentais em parte pelo interesse que a Revolução Cubana e as ditaduras militares despertaram sobre a América Latina.<sup>235</sup> No segundo caso, as obras literárias oriundas de contextos periféricos podem figurar nas prateleiras dos autores clássicos e modernos da literatura ocidental/mundial, ou as produções artísticas podem ser peças permanentes de museus europeus e norte-americanos, mas, via de regra, esse tipo de consagração se dá pelo reconhecimento no “terreno estético” de obras consideradas “universais”. Nesse processo, a nacionalidade de um

---

<sup>232</sup> Essa questão de algum modo aparece em: Roberto Schwarz. “Leituras em competição”. In: *Martinha versus Lucrecia. (Op. Cit.)*, e Glaucia Villas Boas. “Arte e geopolítica: a lógica das interpretações”. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 26, n. 3, 2011.

<sup>233</sup> Sobre a circulação desigual do conhecimento entre centros e periferias, considerando especialmente o contexto latino-americano, ver: Fernanda Beigel. *The politics of academic autonomy in Latin America*. Farnham: Ashgate, 2013.

<sup>234</sup> Estudando processos de circulação entre centro-periferia, o historiador italiano Carlo Ginzburg observa, por exemplo, que o nexos entre centro-periferia é uma relação móvel e contingente, “sujeita a acelerações e tensões bruscas, ligada a modificações políticas e sociais e não apenas artísticas”. Ver: Carlo Ginzburg. “História da arte italiana”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa / Rio de Janeiro, Difel / Bertrand Brasil, 1989, p.37, grifos meus.

<sup>235</sup> A percepção de Gabriel García Márquez, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1982, contribui para ilustrar esse argumento. Na conferência do Nobel, ele observou que talvez não fosse a sua obra que merecesse alguma atenção internacional, mas a “realidade descomunal” da América Latina naquele contexto. Para o escritor colombiano, a literatura que era considerada “fantástica” ou o realismo mágico daria expressão justamente a essa realidade descomunal. Em suas palavras: “poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o maior desafio para nós tem sido a insuficiência dos recursos convencionais para fazer crível nossa vida. Este é, amigos, o nó de nossa solidão”. Conferir: Gabriel García Márquez. “A solidão da América Latina”. Conferência Nobel apresentada em 8 de dezembro de 1982, grifos meus.

escritor ou de um artista oriundo de contextos periféricos frequentemente é apenas um detalhe sem maiores consequências estéticas ou estilísticas, como chamam atenção Schwarz e Sarlo ao indicarem alguns passos da recepção internacional das obras de Machado e de Borges.

Se seguirmos essa trilha, fica evidente que a consagração internacional, nos centros hegemônicos que ditam as chamadas “regras de excelência” (universidades dos países centrais, empresas editoriais com alcance global, instituições chaves que conferem prêmios, principais museus etc.), têm claras implicações políticas.<sup>236</sup> Pois, ao se tomar as obras-primas como remotas e avulsas no plano dos “clássicos universais”, retiram-se delas o potencial heurístico de interpelação aos dilemas sociais que as obras literárias (e produções artísticas) de algum modo fabulam a partir do chão social e histórico em que se inserem. No conjunto dos trabalhos de Schwarz e de Sarlo que analisam as obras de Machado e de Borges, a matéria social local – brasileira e argentina, alguns diriam “latino-americana” – não aparece como mera ornamentação estilística, mas como princípio que ordena de algum modo a ficção, e a partir da qual, inclusive, é possível desvendar/cifrar questões que dinamizam os contextos nacionais. É por meio dos romances machadianos que Schwarz destaca os efeitos perversos do capitalismo periférico, com sistemática desigualdade, violência e falta de direitos que colocam em questão os princípios universais do liberalismo – a posição de classe dos narradores machadianos, afinal, revelam algumas ambivalências da modernidade à brasileira e da própria razão moderna. No caso de Sarlo, uma das principais invenções borgiana – as *orillas* – contribuem para a crítica qualificar a especificidade da modernidade rio-platense, que é a formação de uma cultura de mescla, onde o conflito se torna uma característica chave para analisar os impasses da sociedade. Além disso, a partir da

---

<sup>236</sup> Acompanha-se os argumentos de Edward Said. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011; e de Glaucia Villas Boas. “Arte e geopolítica: a lógica das interpretações”. *Sociedade e Estado* (artigo citado). Said lembra, por exemplo, que os impérios partilham não apenas terra e riqueza, lucro e governo, mas também um *poder intelectual*. Villas Boas observa, por seu turno, que as interpretações canônicas da literatura e das artes se fundamentam, com frequência, em critérios de natureza geopolítica. No caso das artes brasileiras – e podemos acrescentar a arte latino-americana de modo geral –, as interpretações, realizadas em solo nacional ou estrangeiro, construíram-se geralmente pela oposição entre arte periférica e arte dos países centrais, uma classificação prejudicial em termos estéticos, simbólicos e sociológicos. Nas últimas décadas, como o debate sobre o universalismo e sobre a diferença histórica vem sendo revisitado, abrem-se novos caminhos para questionar quem detém a autoridade para reconhecer e consagrar as obras estéticas. Digamos que as tensões que derivam das lógicas das interpretações – nacionais e estrangeiras – são fundamentais para verificar os princípios geopolíticos que organizam certos temas e problemas.

literatura fantástica de Borges, Sarlo recupera questões sobre a ordem social que remontam ao passado argentino e que são fundamentais para tensionar os limites e as possibilidades da democracia na Argentina, permeada por golpes militares no decurso do século XX e por uma violência traumática que deixou marcas profundas na sociedade.

Nas interpretações estrangeiras, as desconsiderações das matérias locais levam a perdas diferentes nos dois escritores, seja por motivos históricos, seja por motivos propriamente literários, estéticos ou estilísticos. Seguindo pela via da argumentação construída nos trabalhos de Schwarz, no caso de Machado, ao descartar sua relação com o local, perde-se de vista que o prisma do narrador que vem de cima é uma invenção formal para lidar com um problema engendrado pela história intra e extra-artística brasileira, bem como do “universalismo burguês”. De modo mais preciso, perde-se de vista o movimento de reposição do atraso e continuidade da distância brutal entre as elites brasileiras e as camadas subalternas, que se manifesta de maneiras variadas ao longo do processo social brasileiro, sem nunca sair do centro da vida nacional. No argumento de Schwarz, esse elemento é central para fazer uma crítica cultural que tenha interesse público mais amplo.<sup>237</sup> Além disso, descolar a obra de Machado da tradição literária na qual ela se insere e com a qual dialoga é também enfraquecer o papel do chamado “sistema literário brasileiro” (conforme descrito por Antonio Candido em *Formação*) como anteparo à influência por vezes acachapante do sistema literário ocidental/mundial.<sup>238</sup> Em última análise, apaga-se a questão (e mesmo a crítica) que a periferia é capaz de formular ao centro com um andamento próprio.

No caso de Borges, seguindo as pistas da leitura de Sarlo, retirando do escritor sua “argentinidade”, sai de cena o elemento programático de sua obra e que tem um lado inclusive prospectivo: o escritor – e o crítico – da periferia podem ter o direito de agir sem reverência ao centro *também daqui em diante* (o que não implica ignorar a produção do centro, e as páginas de Borges deixam isso evidente); e

---

<sup>237</sup> No limite, se considerarmos que Schwarz é partidário da busca de teor de verdade das obras, que é sempre em última instância social (conforme observa Adorno), uma interpretação que desconsidere o dado local não consegue alcançar o teor de verdade das obras, e nesse sentido não chega a produzir conhecimento novo, por meio da forma, sobre a vida social.

<sup>238</sup> Sobre a influência do sistema literário mundial, ver as proposições distintas de: Pascale Casanova. *A República Mundial das Letras (Op. Cit.)*; e Franco Moretti. “Conjecture on world literature”. *New Left Review*, 1, January-February, 2000.

quaisquer “soluções” artísticas/intelectuais dependem do reconhecimento da condição periférica e de certo potencial de liberdade que ela contém. Nessa linha, desconsiderar a matéria argentina da qual a obra de Borges também é feita, aponta para a neutralização do lado programático da obra do escritor argentino, que pode iluminar hierarquias culturais sem fingir que elas não existem, mas encontra na própria existência dessas hierarquias uma margem de liberdade que por vezes tem o potencial de desfazê-las.

Dito de outro modo, a posição periférica e marginal em que vivem escritores como Machado e Borges é elemento central para entender a complexidade da tensão entre local e universal que suas obras incorporam. Deixando-as de lado, não apenas se perde a “particularidade histórica”, como diz Schwarz, como também os países de origem dos escritores continuam em posição *historicamente dependente*, como exportadores ocasionais de matérias culturais e artísticas, praticamente incapazes de influenciar os modelos produzidos nos centros.<sup>239</sup> Se, por um lado, levar em conta a particularidade histórica não resolve a situação de dependência (econômica, política etc.), por outro, é possível colocá-la em outros termos, que ofereçam ferramentas mais criativas para o exercício da crítica. É preciso reforçar, afinal, que as interpretações literárias, artísticas, sociais e políticas não são neutras – há jogos de poder por trás das análises, mesmo que os produtores das interpretações não se deem conta de todas as implicações teóricas e políticas que elas carregam. Para recuperar uma questão feita por Schwarz: por que supor que a experiência brasileira (e argentina, ou a experiência periférica de modo mais amplo) tenha interesse apenas *local*, enquanto escritores como Homero, Shakespeare e a tradição ocidental europeia como um todo seriam *universais*?<sup>240</sup>

---

<sup>239</sup> Antonio Candido observa, por exemplo, que Jorge Luis Borges representa o “primeiro caso de incontestável influência original, exercida de maneira ampla e reconhecida pelos países-fontes através de um modo novo de conceber a escrita”. Esse movimento revela a possibilidade de inverter o movimento de imposição cultural, de se instalar o que o crítico chama de processo de “interdependência cultural” e de assimilação recíproca. Entretanto, é preciso reconhecer que Borges é uma exceção à regra. Machado de Assis, por exemplo, “cuja originalidade não é menor sob este aspecto, e muito maior como visão de homem, poderia ter aberto rumos novos no fim do século XIX para os países-fontes. Mas perdeu-se na areia de uma língua desconhecida, num país então completamente sem importância”. Conferir: Antonio Candido. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. (Op. Cit.). Uma discussão mais contemporânea sobre o tema é desenvolvida por: Pascale Casanova. *A República Mundial das Letras* (Op. Cit.).

<sup>240</sup> Roberto Schwarz. “Leituras em competição”. In: *Martinha versus Lucrecia*. (Op. Cit.), p.29. E Schwarz acrescenta: se o propósito desse tipo de questão é “*duvidar da universalidade do universal, ou do localismo do local*, ela é um bom ponto de partida” (grifos meus).

Do ponto de vista analítico, o que é interessante ao acompanharmos leituras como as de Schwarz e as de Sarlo, é que as ideias de periferia e margens não se referem apenas a um *espaço social* – a um só tempo físico, político e cultural – em que se desenvolveu certa experiência do capitalismo e da modernidade, resultado de processos de colonização que possuem os mais diferentes constrangimentos sociais. Trata-se, também, de um *desafio teórico-metodológico* para interpretar o moderno a partir de outros pontos de vista, problematizando seus limites, impasses e ambivalências. Nesse sentido, fazer da periferia e das margens um problema teórico-metodológico aparece como uma das vias para alargar a compreensão sobre os processos históricos e aumentar a capacidade de formular questões para lidar com as desigualdades e as diferenças que existem no mundo social.

Mais especificamente, trabalhos como os de Schwarz e de Sarlo permitem avançar em uma crítica ao eurocentrismo, demonstrando (uma vez mais!) que o “moderno” e “universal” não são conteúdos fixos, embora existam versões dominantes dessas ideias, cuja hegemonia tem largas consequências para a vida social de países que se orientam pelos modelos impostos pelos centros de referência. Dito de outro modo, as ideias colocadas em circulação pelos críticos, ao analisarem objetos da cultura, concorrem ativamente para olhar o moderno e o periférico a partir de *outro ponto de vista*, desnaturalizando as histórias lidas como universais e reconhecendo a complexidade das histórias locais.<sup>241</sup> Por meio de tais ideias, indicamos a possibilidade de renovar e alargar o repertório da teoria social com conceitos e questões que ultrapassem o perímetro mais estrito das ciências sociais, e incorporando às interpretações sociais da história moderna, por exemplo, categorias

---

<sup>241</sup> As experiências brasileira e argentina, frequentemente lidas como *histórias locais*, são fundamentais para compreender os paradoxos da modernidade e para desestabilizar certos universalismos. No caso brasileiro, Schwarz destaca, por exemplo, que após a Independência política do Brasil, foram incorporadas na Constituição de 1824 alguns princípios da declaração da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), como a liberdade e a igualdade perante a lei. Mas, no país, existia não apenas a escravidão como relação produtiva principal, como também existiam relações de clientela e proteção. Trata-se de uma história local, digamos que a história acidentada dos direitos nas ex-colônias, que faz necessariamente parte da história da construção de direitos no mundo. No caso argentino, por outro lado, Sarlo chama atenção para a dificuldade de construir uma ordem social apenas por instituições políticas formais. Como Borges deixa indicado, na leitura da crítica, eram necessárias virtudes que substituíssem os valores que guiaram o mundo *criollo*, no qual a violência era o principal código quando a lei era a honra e a virtude da coragem. Os traços da violência no passado argentino recente, nesse registro, não deixam de dizer respeito as dificuldades de construir valores verdadeiramente democráticos na história moderna. Marcando a complexidade das “histórias locais” não como algo exótico, mas como uma diferença histórica, abrem-se caminhos para reler e repensar questões mais amplas do processo social moderno e capitalista.

analíticas como “capitalismo periférico”, “volubilidade narrativa” como uma das características da modernidade em circunstâncias não hegemônicas, “modernidade periférica”, “cultura de mesclas” etc.<sup>242</sup>

Em poucas palavras, considerando o *hífen que liga historicamente o centro à periferia*, reconhecendo que as relações entre centro-periferia não são de difusão, mas de conflito, trabalhos como os de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo permitem puxar alguns fios para assinalar as assimetrias de poder que perpassam a produção e circulação de matérias culturais e do próprio conhecimento em escala planetária. Se a dinâmica da globalização complexificou as relações entre países centrais e periféricos (ou semiperiféricos), ainda é necessário perquirir as consequências dos efeitos diversos que as “ideias importadas” e suas ordens de estruturas podem assumir em diferentes contextos. Assim, os trabalhos dos ensaístas permitem alargar a teoria social crítica praticada *entre nós*, apostando em cruzamentos interdisciplinares no processo de renovação teórica e metodológica das “teorias do sul”.

---

<sup>242</sup> Se aprofundarmos o contraste mais propriamente teórico-metodológico dos trabalhos de Schwarz e de Sarlo, vemos que termos como “periferia do capitalismo” e “volubilidade narrativa”, de um lado, e “modernidade periférica” e “cultura de mescla”, de outro, expressam diferentes modos de pensar as relações entre cultura e sociedade em circunstâncias não hegemônicas. No caso de Schwarz, vimos que o princípio formal dos romances de segunda fase de Machado formaliza um padrão típico de conduta das elites burguesas no país, cuja oscilação entre civilização e barbárie, moderno e atraso expressam o modo efetivo pelo qual o Brasil se insere na marcha planetária das mercadorias. Machado de Assis exprime, em outras palavras, uma espécie de síntese que é capaz de incorporar de modo crítico, na forma, os aspectos centrais da formação social brasileira, depois de uma difícil e não-linear aclimatação do romance europeu em chão brasileiro. Já no caso de Sarlo, a “cultura de mescla” que ela identifica como típica da “modernidade periférica” no contexto rio-platense não apresenta uma síntese, já que é aberta e porosa ao outro – é sempre negociada, atravessada, criando cosmopolitismos de elite (como Borges), mas também populares (como Robert Arlt). A despeito das diferenças, ou principalmente por causa delas, as perspectivas dos críticos podem ser incorporadas na agenda de pesquisa em curso na teoria social contemporânea.

## FECHO



Um bom mapa vale mil palavras, dizem os cartógrafos, e eles estão certos: porque ele produz mil palavras: levanta dúvidas, ideias. Coloca novas questões e nos força a buscar novas respostas.

Franco Moretti – *Atlas do romance europeu* (1997).

Mapas, cartografias, censos e a organização de bibliotecas e de museus em geral têm muito a dizer sobre os modos de se falar sobre o mundo social.<sup>243</sup> Tomemos como exemplo um quadro da década de 1940, do artista uruguaio Joaquín Torres-García, que representou a geografia da América do Sul de modo invertido, fazendo do Sul o “nosso Norte”. Se um “bom mapa vale mil palavras”, como observa Franco Moretti, digamos que o gesto artístico – e utópico – do mapa desenhado por Torres-García faz parte de um contexto histórico em que os latino-americanos começaram a colocar novas perguntas sobre o lugar que ocupavam no mundo e procuraram por novas respostas.

Como vimos nessas páginas, sobretudo a partir da segunda metade do século XX – no momento da passagem da “consciência do atraso” para “consciência do subdesenvolvimento”, que desatrela o processo de modernização das sociedades periféricas ao modelo das sociedades centrais a serem perseguidos e alcançados – ,<sup>244</sup> a ideia de América Latina funcionou como um dispositivo para criar pertencimentos, políticas, redes de pesquisa e de trocas. Cientistas sociais, historiadores, economistas, críticos literários e culturais participaram de diferentes projetos para pensar a América Latina como tema e como problema, e há um significativo acúmulo de conhecimento produzido a partir dos projetos coletivos ou de

---

<sup>243</sup> O historiador Benedict Anderson observa algo nessa direção. Segundo ele, censos, mapas e museus são as três instituições principais que moldam as imaginações sobre os processos históricos, criando discursos, construindo limites e fronteiras. São instituições centrais para os Estados construir seu domínio e criarem realidades unificadas, fronteiras fixas e narrativas sobre a história (sequenciais e lógicas) que se tornam hegemônicas. Ver: Benedict Anderson. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>244</sup> Antonio Candido. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. (Op. Cit.).

seus variados desdobramentos individuais. Muitas perguntas foram formuladas e muitas respostas teóricas e políticas foram dadas, apesar do contexto conturbado de repressão e de autoritarismo.

É importante estar atento ao fato de que as transformações mundiais nas últimas décadas, que se processam de modos variados no âmbito local/nacional, regional/continental, exigem novas fabulações teóricas e uma ampla caixa de ferramentas analíticas e metodológicas para compreender e analisar os fenômenos recentes. Não é possível, contudo, desconhecer os caminhos trilhados por interpretações sociais e políticas anteriores, não apenas porque temos a sensação de ter um passado que ainda nos cerca de todos os lados, mas também porque apenas as continuidades do pensamento permitem a constituição de um campo vasto de problemas sociais, políticos, econômicos, culturais, intelectuais etc., que, por serem continuamente repostos, precisam ser enfrentados em novos termos.<sup>245</sup>

Nessa dissertação, acompanhamos as trajetórias intelectuais e as formulações-chaves de dois críticos que, a partir de contextos periféricos distintos, colocaram inúmeras questões para pensar seus países, *fazendo da crítica cultural um “esporte de combate”*. Se, por um lado, tanto Roberto Schwarz quanto Beatriz Sarlo não participaram de modo recorrente de projetos sobre a América Latina, e seus ensaios sejam dedicados principalmente à interpretação das vidas literárias e culturais brasileira e argentina, por outro lado, considerar que eles compartilharam de certo modo um “horizonte latino-americano” – principalmente no contexto das ditaduras militares que assolaram a região a partir da década de 1960 –, permite perceber preocupações em seus trabalhos que possuem certa afinidade: as análises que desenvolvem a partir de Machado e de Borges apontam como as ideias, as formas e os ornamentos importados se misturavam de modos diferentes aos contextos

---

<sup>245</sup> Roberto Schwarz. “Nacional por subtração”. In: *Que horas são?*. (Op. Cit.). O sociólogo brasileiro André Botelho argumenta, em favor do pensamento social, que ele representa uma forma de repertório interpretativo nas diferentes áreas que compõem as ciências sociais contemporâneas. Isso porque, diante de um quadro de especialização acadêmica e do consequente processo de fracionamento do conhecimento, as interpretações sociais do Brasil (mas também da Argentina e das demais produzidas em chão latino-americano) não representam apenas uma modalidade de imaginação sociológica cerrada no passado: “elas também constituem um *espaço cognitivo de comunicação entre presente, passado e futuro que pode nos dar uma visão mais integrada e consciente da dimensão de processo que o nosso presente ainda oculta – um fio de Ariadne, por assim dizer*”. Conferir: André Botelho. “Interpretações do Brasil e ciências sociais, um fio de Ariadne”. *Sinais Sociais*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 20, 2012, p.15, grifos meu.

brasileiro e argentino, compondo um quadro de questões complexas que permitem qualificar a modernidade (e o capitalismo) *na e a partir da* condição periférica.

Em outras palavras, ao recuperarmos os ensaios de Schwarz dedicados à interpretação dos romances de Machado de Assis e os ensaios de Sarlo em que Jorge Luis Borges figura como peça central, vimos o que pode acontecer com formas, ideias e ornamentos emprestados em lugares que não possuem as condições sociais que estavam nas origens desses modelos, e que estes de alguma maneira têm como pressuposto. Por um lado, ter a distância cultural como elemento definidor da forma artística pode produzir respostas estéticas por vezes ousadas, inesperadas, originais e potencialmente críticas. Mas, por outro lado, em países historicamente dependentes, a incorporação de técnicas sociais, instituições-chaves, sistemas de valores ligados a outras experiências tidas como “clássicas” / “modernas”, gera tensões com as relações sociais de dominação herdadas do passado colonial. As incorporações de modelos, aclimações de teorias e cópias de projetos estrangeiros, como observam Schwarz e Sarlo, *geram sempre uma diferença*. Embora essa constatação pareça óbvia hoje, é preciso reforçar que essa diferença precisa ser pensada em termos históricos para, quem sabe, aventar outras possibilidades de organização da vida social que não estejam presas aos modelos dominantes e hegemônicos, sendo capazes de suprimir as diversas formas de heteronomia presentes nestas sociedades.<sup>246</sup> Por isso, argumentamos sobre a *necessidade contínua* de desprovincializar a experiência periférica de seu alcance apenas local, e duvidar do ponto de vista que se cristaliza como “o moderno” e “o universal”.<sup>247</sup>

Ao circunscreverem a *periferia* e as *margens* como lugares sociais e pontos de vista incontornáveis para interpretar a matéria local associada à problemática da modernidade, indicamos que os trabalhos de Schwarz e de Sarlo têm alcances

---

<sup>246</sup> Ecoam, aqui, questões feitas por Gabriel García Márquez: “por que a originalidade que é admitida sem reservas em nossa literatura [latino-americana] nos é negada com todo tipo de desconfiança em nossas tentativas difíceis de mudança social? Por que pensar que a justiça social que os europeus desenvolvidos tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano, com métodos distintos e em condições diferentes?” Conferir: Gabriel García Márquez. “A solidão da América Latina” (conferência citada).

<sup>247</sup> Em outros termos: “é necessário desconfiar da universalidade daquilo que não apenas o senso comum sugere ser universal. Isso precisa ser *constantemente reforçado* para que se possa disputar, teórica e politicamente, espaço no debate científico e superar novas formas de colonialismos, interno e externo, do saber. Além disso, implica em *afirmar a importância do processo social como uma forma de apreensão e explicação da realidade histórica*”. Mariana Chaguri e Mário Medeiros. “Rumos do Sul: a atualidade da periferia”. In: Mariana Chaguri e Mário Medeiros (orgs.). *Rumos do sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018, p.33, grifos meus.

analíticos mais amplos. Não se trata, a partir dessa afirmação, de celebrar acriticamente a condição periférica dos escritores e intelectuais situados às margens dos centros culturais e econômicos hegemônicos como aquela que confere melhor visão para a compreensão dos dilemas e dos paradoxos da sociedade contemporânea. Tampouco se busca homogeneizar as espacialidades ditas periféricas, pois elas não são homogêneas, passivas e nem fixas, como também não são os centros.<sup>248</sup> É preciso, no entanto, tentar puxar fios para repensar os nexos de sentido que conformam (ou reposicionam, deslocam, remodelam) o hífen histórico que liga os centros e as periferias, reconhecendo que há assimetrias no tecido da vida social, econômica e intelectual de contextos periféricos e marginais que tendem a ser pouco lembradas no âmbito dos atuais debates sobre a globalização econômica, que dominam muitas áreas das ciências humanas.

Nesses debates, a despeito de muitos autores apontarem a globalização como universalizante, especialmente em termos do mercado (ou seja, na esfera do consumo), as operações necessárias para a gestão e a coordenação da economia global, bem como para a apropriação e o controle do lucro, são indícios de que a globalização é parcial e não abrangente, embora estrategicamente “global”.<sup>249</sup> Por existirem diferentes espacialidades dentro do global, é necessário questionar as hierarquias que são tomadas como dadas e seguir pensando sobre as complexas relações entre local/nacional e universal/global não apenas no plano econômico, como também no intelectual, no político e no cultural. Mesmo porque, embora seja possível observar que os ideais de progresso e de desenvolvimento (vinculados no mais das vezes a uma ideia de tempo linear e *continuum*) foram colocadas à prova a partir do acúmulo de conhecimento nas ciências sociais, é curioso notar que ainda persiste, em particular em regiões periféricas, a perspectiva ou a imposição de seguir os modelos e cartilhas existentes nos países centrais, de modo a se adequar as dinâmicas globais. Isso ocorre por uma série de questões que nos obrigam a repensar o hífen histórico que liga centro e periferia em tempos das reivindicações ideológicas da globalização e do capitalismo financeirizado, mas o que importa ressaltar é que ainda se dizem

---

<sup>248</sup> Ver: Pedro Meira Monteiro. “Das ideias fora do lugar ao lugar fora das ideias: periferia e centro revisitados”. *Lettrature d’Amérique*, v.34, n.150, 2014.

<sup>249</sup> Como observa a socióloga Saskia Sassen, o global transcende o marco do Estado-nação, mas, ao mesmo tempo, habita parcialmente os territórios e instituições nacionais. Ver, da autora, “Spatialities and temporalities of the global: elements for a theorization”. *Public Culture*. v.12, n.1, 2000.

coisas como “o neoliberalismo brasileiro e argentino ainda não é neoliberal o suficiente”, tal como mandam os manuais econômicos – leia-se os do Fundo Monetário Internacional ou do Banco Mundial –; é preciso mais ajuste fiscal, mais privatizações, mais “modernizações” nas relações de trabalho para a sociedade se integrar ao “desenvolvimento contemporâneo”. Chama muito a atenção, em particular em momentos de crise política e econômica como a que se vive nos últimos anos no Brasil e na Argentina, o quanto a “questão nacional” ainda é definida pela “falta” de substâncias “mais modernas” – que, em geral, se ancoram nos países-paradigmas e nas instituições controladas por seus agentes.<sup>250</sup>

Levantando essas questões e recuperando críticos que não necessariamente compõem os currículos da sociologia, sugerimos, então, a construção de um movimento *às avessas*.<sup>251</sup> Se Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo incorporam, de diferentes maneiras, instrumentos analíticos e teóricos tomados de empréstimos da sociologia em seus ensaios, talvez se possa fazer o movimento inverso, de integrar ferramentas da crítica literária e cultural aos pontos de vistas sociológicos, de modo não apenas a *descrever e explicar* os processos sociais contemporâneos (preocupados com métodos bem definidos, ou a partir de certas especialidades acadêmicas), mas avançar com certa ousadia em *novas proposições para uma agenda de pesquisa crítica, normativa e que encontre um sentido público*. Recuperar o *ensaio como forma de crítica* é apenas um dos caminhos que podem contribuir com essa agenda renovada de pesquisa.

Procura-se, em outras palavras, levar a sério a proposta de uma *sociologia-crítica*,<sup>252</sup> reconhecendo que o pensamento e a teoria social avançam com proposições mais democráticas quando incorporam as demandas sociais e políticas das periferias e das margens, e quando ressignificam criticamente os cânones

---

<sup>250</sup> O Brasil, por exemplo, que é uma das maiores economias do mundo, altamente integrada com o mercado mundial em certas dinâmicas, também é profundamente marginalizada em outras. Por isso, argumentamos que a *imaginação periférica* ainda pode oferecer chaves renovadas para pensar dilemas *globais*. Um debate recente sobre as relações centro-periferia, com inúmeros exemplos da experiência brasileira e argentina das últimas décadas, pode ser consultado em: José Maurício Domingues. *A América Latina e a Modernidade Contemporânea: uma Interpretação Sociológica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

<sup>251</sup> Em um trabalho sobre Roberto Schwarz, Bernardo Ricupero aponta algo nessa direção. Conferir: “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos”. *Sociologia & Antropologia*, v.3. n.6, 2013.

<sup>252</sup> Essas preocupações, em diferentes prismas, encontram-se em: Josué Pereira da Silva. “O que é crítico na sociologia crítica?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 93, 2017; e Breno Bringel e José Maurício Domingues “Teoria social, extroversão e autonomia: impasses e horizontes da sociologia (semi)periférica contemporânea”. *Caderno CRH*, v.28, 2015.

ocidentais que constroem as disciplinas e as grandes interpretações dos processos sociais. Afinal, tomando de empréstimo uma ideia de Erich Auerbach, a crítica avança quando ela “desrespeita os cânones” ou os incorpora de modo ressignificado.<sup>253</sup> E nesse “desrespeito”, o debate sobre a periferia e as margens encontra uma importante dimensão pública: a preocupação com a democratização do saber, evidentemente, identifica-se com a integração social dos sujeitos e saberes historicamente dominados e excluídos. No limite, um novo ponto de vista sobre o moderno, como reivindicamos, abre a possibilidade de problematizar questões amplas sobre a desigualdade, a violência, a democracia etc.

Em uma síntese: se as questões sobre a periferia e sobre as margens ainda desafiam nossa imaginação sociológica, talvez o ponto de vista da crítica literária e cultural possa oferecer algumas pistas para avançar na criação de *novos mapas teóricos* para sentir, pensar e agir na sociedade contemporânea. Aqui, apontamos apenas alguns indícios nesse sentido, que devem ser enfrentados de modo coletivo nessa grande agenda de pesquisa que são as “teorias do sul”.

---

<sup>253</sup> A referência de Erich Auerbach é: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



### Entrevistas, depoimentos e memórias

- Altamirano, Carlos. “Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina”. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi e Flavia Xavier Merlotti Paniz. *Tempo social*. São Paulo, v. 29, n. 3, 2017.
- Arrigucci Júnior, Davi. Entrevista concedida a Luiz Carlos Jackson, Fernando Pinheiro Filho e Gustavo Sora. *Tempo social*. São Paulo, v. 23, n. 2, 2011.
- Candido, Antonio. *Memorial: concurso de Professor Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada*. São Paulo: FFLCH/USP, 1974.
- . “Depoimento de Antonio Candido”. In: *Antonio Candido & Roberto Schwarz: a homenagem da Unicamp*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- Sarlo, Beatriz. “Conversa con Beatriz Sarlo”. In: Javier Trímboli, (entrev.). *La Izquierda en la Argentina*. Buenos Aires: Manantial, 1998.
- . “Entrevista”. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v.14, n.11, 2009.
- . Entrevista concedida a Alejandro Blanco e Luiz Carlos Jackson. *Tempo Social*. São Paulo, v. 21, n. 2, 2009.
- . “Nas margens, uma crítica: conversa com Beatriz Sarlo”. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi, Buenos Aires, março de 2017 (mimeo).
- Schwarz, Roberto. “Processo de vida funcional de Robert Schwarz”. Universidade Estadual de Campinas, 1977-1997.
- . *Memorial* (acompanhando o pedido de reclassificação de Robert Schwarz). Universidade Estadual de Campinas, 1986.
- . “Tira-dúvidas com Roberto Schwarz”. Entrevista concedida a Afonso Fávero, Airton Paschoa, Francisco Mariutti e Marcos Felleiros. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n.58, 2000.
- . “Ao vencedor as batatas 30 anos: crítica da cultura e processo social”. Entrevista concedida a André Botelho e Lilia Schwarcz. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 23, n. 67, 2008.
- . Entrevista. In: Montero, Paula; Moura, Flávio. *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- . “Conversa com Roberto Schwarz.” Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi, São Paulo, dezembro de 2016 (mimeo).

### Revistas

*Los Libros*: Edición facsimilar (1969-1976). Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 4

tomos, 2011.

*Novos Estudos Cebrap* (1981-). São Paulo.

*Punto de Vista*: revista cultural (1978 – 2008). Noventa Números. Buenos Aires.  
Disponível em: <www.bazaramericano.com> acessado em 16 fev. 2016.

*Teoria e prática* (1967-1968). São Paulo, v.1, v.2 e v.3.

## Referências Gerais

Adorno, Theodor W. “Ideen zur Musiksoziologie. In: *Klangfiguren*. Frankfurt: M. Suhrkamp, 1959.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre literatura*. Madrid: Akal Ediciones, 2003.

\_\_\_\_\_. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

Alencastro, Luiz Felipe de. “La traite négrière et l'unité nationale brésilienne”. In: *Revue française d'histoire d'outre-mer*, tome 66, n. 244-245, 1979

Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Arrigucci Junior, Davi. *Enigma e comentário*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Auerbach, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Ballestrin, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 11, 2013.

Bastos, Elide Rugai. “Pensamento Social da Escola Sociológica Paulista”. In: Miceli, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira, 1970-2002*. São Paulo: Anpocs: Ed. Sumaré; Brasília: Capes, v. IV, 2002.

\_\_\_\_\_. “Atualidade do pensamento social brasileiro”. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 26, n. 2, 2011.

\_\_\_\_\_. “Uma sociologia local e cosmopolita”. In: Chaguri, Mariana; Medeiros, Mário (orgs.). *Rumos do Sul: Periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018.

Bastos, Elide Rugai; Botelho, André. “Para uma sociologia dos intelectuais”. *Dados*. Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, 2010.

Bastos, Maria Luisa. *Borges ante la crítica argentina, 1923-1960*. Buenos Aires: Ediciones Hispamerica, 1974.

Beigel, Fernanda. *The politics of academic autonomy in Latin America*. Farnham: Ashgate, 2013.

\_\_\_\_\_. “Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento”. *Nueva Sociedad*. Buenos Aires, n. 245, 2013.

Benjamin, Walter. *Origem do drama no barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo: Iluminuras,

- 1999.
- \_\_\_ . *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- \_\_\_ . *Passagens (1927-1940)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- \_\_\_ . *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo, SP: Duas Cidades / 34, 2009.
- Blanco, Alejandro. "Ciências sociais no cone sul e a gênese de uma elite intelectual (1940-1965)". *Tempo Social*. São Paulo, v.19, n.1, 2007.
- Bloom, Harold. *Gênio, os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- Boas, Glaucia Villas. "Arte e geopolítica: a lógica das interpretações". *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 26, n. 3, 2011.
- Borges, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- Botelho, André. "Interpretações do Brasil e ciências sociais, um fio de Ariadne". *Sinais Sociais*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 20, 2012.
- Bourdieu, Pierre. "L'illusion biographique". *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, v. 62-63, 1986.
- Brasil Júnior, Antonio da Silveira. *Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo: Hucitec / Buenos Aires: Clacso, 2013.
- Bringel, Breno; Domingues, José Maurício. "Teoria social, extroversão e autonomia: impasses e horizontes da sociologia (semi) periférica contemporânea". *Caderno CRH*. Salvador, v. 28, 2015.
- Caldwell, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis: a study of Dom Casmurro*. Los Angeles: Univ. of California, 1960.
- Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1959] 2017.
- \_\_\_ . *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1965] 2011.
- \_\_\_ . *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_ . *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1993] 2010.
- \_\_\_ . *Texto de Intervenção*. São Paulo, Duas Cidades / 34, 2002.
- Cardoso, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1962] 2003.
- Casanova, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002
- Chaguri, Mariana; Medeiros, Mário. "Rumos do Sul: a atualidade da periferia". In: Chaguri, Mariana; Medeiros, Mário. (orgs.). *Rumos do sul: periferia e pensamento social*. São Paulo: Alameda, 2018.
- Chakrabarty, Dipesh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*, 2000.
- Chiappini, Ligia; Aguiar, Flávio Wolf (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.

- Cota, Débora. "Antonio Candido, Antonio Cornejo Polar e a constituição de um pensamento latino-americanista". *Remate dos Males*. Campinas, v. 23, n.1, 2016.
- Connell, Raewyn. *Southern Theory*. The global dynamics of knowledge in social science. Australia, Allen&Unwin, 2007.
- \_\_\_\_\_. "A iminente revolução na teoria social". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 27, n. 80, 2012.
- Costa, Sérgio. "Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 21, n. 60, 2006.
- Croce, Marcela. *Contorno: izquierda y proyecto cultural*. Buenos Aires: Ediciones Colihue SRL, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Latinoamérica, ese esquivo objeto de la teoría*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2018.
- D'Allemand, Patricia. "Hacia una crítica literaria latinoamericana: Nacionalismo y cultura en el discurso de Beatriz Sarlo". In: Sara de Mojica (org.). *Mapas culturales para América Latina: culturas híbridas no simultaneidad, modernidad periférica*. Bogotá: CEJA, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Hacia una crítica cultural latinoamericana*. Berkeley, Latinoamericana Editores, 2001.
- Domingues, José Maurício. *A América Latina e a Modernidade Contemporânea: uma Interpretação Sociológica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- Espósito, Fabio. "La crítica moderna en Argentina: la revista *Los Libros* (1969-1976)". *Orbis Tertius*. Buenos Aires, v. XX, n. 21, 2015.
- Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. São Paulo: USP, 1964.
- Fernández Moreno, César (org.). *América Latina en su literatura*. México: Unesco: Siglo XXI, 1972.
- Franco, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Unesp, [1969] 1997.
- García Márquez, Gabriel. "A solidão da América Latina". Conferência Nobel apresentada em 8 de dezembro de 1982.
- Gerbaudo, Analía Isabel. "Intervenciones olvidadas: Beatriz Sarlo em la universidad argentina de la posdictadura (1986-1986)". *Perífrasis*. Bogotá, v. 1, n. 1, 2010.
- Gilman, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Siglo XXI, Buenos Aires, 2003.
- Ginzburg, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Nenhuma ilha é uma ilha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Gociol, Judith (org.). *Más libros para más: colecciones del Centro Editor de América Litina*. Buenos Aires: Etchemaite, 2008.
- Gociol, Judith; Invernizzi, Hernán. *Un golpe a los libros*. Represión a la cultura durante la última dictadura militar. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

- Gomes, Caio de Souza. “Quando um muro separa, uma ponte une”: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- González, Horacio. “Perspectivas de la crítica cultural. Sobre *Escenas de la vida posmoderna* de Beatriz Sarlo”. *Espacios*. Buenos Aires, n.16, 1995.
- Gorelik, Adrián; Altamirano, Carlos. *La argentina como problema: temas, visiones y pasiones del siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2018.
- Halperín Donghi, Tulio. *El revisionismo histórico argentino*. Cidade do México: Siglo XXI, 1970.
- Halperín Donghi, Tulio; Di Tella, Torcuato (orgs.). *Los fragmentos del poder: de la oligarquía a la poliarquía argentina*. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1969.
- Jackson, Luiz Carlos; Blanco, Alejandro. *Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970)*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2014.
- King, John. “Las revistas culturales de la dictadura a la democracia: el caso de *Punto de Vista*”. In: Karl; Pagni, Andrea (org.). *Literatura argentina hoy. De la dictadura a la democracia*. Frankfurt: Vervuert, 1989.
- Lafforgue, Martín (org.). *Antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999.
- Lukács, Georg. *Balzac und der französische Realismus*. Berlin: Aufbau-Verl., 1952.
- \_\_\_\_\_. *A alma e as formas: ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- \_\_\_\_\_. *A teoria do romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2003.
- Machado de Assis, Joaquim Maria. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v.3, 2008.
- Maia, João Marcelo E. “História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro”. *História, ciência, saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2017.
- \_\_\_\_\_. “Ao Sul da Teoria: A atualidade teórica do pensamento social brasileiro”. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 26, n. 2, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 24, n. 71, 2009.
- Martinez, Ana Tereza. “Lecturas y lectores de Bourdieu na Argentina”. *Prismas: Revista de Historia Intelectual* [online], *Quilmes*, v.11, n.1, 2007.
- Mbembe, Achille. *Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada*. Luanda: Edições Mulemba/Edições Pedagogo, 2014.
- Melo, Alfredo. “Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira”. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2014.
- Mello e Souza, Gilda de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2009.
- Mignolo, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

- Molloy, Sylvia. *Las letras de Borges*. Buenos Aires: Sudamericana, 1979.
- Montero, Paula; Moura, Flávio. *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009,
- Monteiro, Pedro Meira. “Das ideias fora do lugar ao lugar fora das ideias: periferia e centro revisitados”. *Leterrature d’América*, v.34, n.150, 2014.
- Moretti, Franco. “Conjecture on world literature”. *New Left Review*, 1, January-February, 2000.
- . “The slaughterhouse of literature”. In: *Modern Language Quarterly*, v. 61, n. 1, 2000.
- . *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- . *O Burguês: entre a história e a literatura*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- Mota, Rodrigo. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- Moura, Flávio (org.). *Paraty é uma festa: dez anos de Flip*. São Paulo: Associação Casa Azul; Brasília: Ministério da Cultura, 2012.
- Nairn, Tom. *The break-up of Britain: crisis and neo-nationalism*. London: Verso, 1981.
- Novais, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- Olmos, Ana Cecilia. “Práctica intelectual y discurso crítico en la transición: *Punto de vista* y *Novos Estudos* del Cebrap”. *Revista Iberoamericana*. v. LXX, n. 208-209, 2004.
- . “Apropiações críticas: Williams y Hoggart en *Punto de Vista*”. In: *Segundo Congresso Brasileiro de Hispanistas*. São Paulo, Outubro 2002.
- Pagni, Andrea; Von der Walde, Erna. “Qué intelectuales en tiempos posmodernos o de cómo ser radical sin ser fundamentalista.” In: Spiller, Roland (org.). *Culturas del Río de la Plata (1973 - 1995)*. Transgresión e intercambio. Frankfurt: Vervuert Verlag, 1995.
- Palti, Elias. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- Panesi, Jorge. *Críticas*. Buenos Aires: Norma, 2000.
- Peller, Diego. *Pasiones teóricas: crítica y literatura en los setenta*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2016.
- Piglia, Ricardo. *Respiração artificial*. São Paulo: Companhia das Letras, [1980] 2010.
- Pinto, Júlio Pimentel. “Um ensaio nas margens”. In: Sarlo, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- Pistacchio, Romina. *Una perspectiva para ver*. El sujeto crítico de Beatriz Sarlo. Editorial Corregidor: Buenos Aires, 2007.
- Pizarro, Ana. *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- . *Hacia una historia de la literatura latinoamericana*. Cidade do México: El Colégio del México, 1987.
- . “Prológo”. In: Pizarro, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial / Campinas: Editora da Unicamp, v.1, 1993.

- Pontes, Heloisa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Prieto, Adolfo. *Borges y la nueva generación*. Buenos Aires: Letras Universitarias, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Estudios de literatura argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, [1969] 2013.
- Rama, Ángel (org.). *Más allá del boom: literatura y mercado*. Buenos Aires: Folios, 1984.
- \_\_\_\_\_. “Programa de estudos latino-americanos”. *Almanaque: cadernos de literatura e ensaio*, São Paulo: Brasiliense, n. 11, 1976.
- Rama, Ángel; Candido, Antonio. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama*. Correspondencia. Montevideo: Estuario, 2016.
- Ramassote, Rodrigo. “A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)”. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- Ricupero, Bernardo. “O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos”. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 2013.
- \_\_\_\_\_. “O lugar do centro e da periferia”. In: Botelho, André; Schwarcz, Lilia. *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Rocca, Pablo. “Prólogo”. In: Rama, Ángel; Candido, Antonio. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama*. Correspondencia. Montevideo: Estuario, 2016.
- Rocha, João Cezar de Castro. *Culturas shakespearianas: teoria miméticas e os desafios da mimesis em circunstâncias não hegemônicas*. São Paulo: É Realizações, 2017.
- Rodrigues, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. Tese de doutoramento em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- Romero, Luis Alberto. *Libros baratos y cultura de los sectores populares*. Buenos Aires: CISEA, 1986.
- \_\_\_\_\_. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- Romero, Luis Alberto; Gutiérrez, Leandro. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entre guerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, [1996] 2007.
- Said, Edward. *The world, the text and the critic*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Beginnings: intention and method*. Nova York: Columbia University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- Sarlo, Beatriz. *Juan M. Gutiérrez, historiador y crítico de nuestra literatura*. Buenos

Aires: Escuela, 1967.

- \_\_\_ . *El imperio de los sentimientos*: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927). Buenos Aires: Catalogos Editora, 1985.
  - \_\_\_ . *Una modernidad periférica*: Buenos Aires 1920 y 1930. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988; [tradução em português: *Modernidade periférica*: Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010].
  - \_\_\_ . *La imaginación técnica*: sueños modernos de la cultura argentina. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1992.
  - \_\_\_ . *Jorge Luis Borges: A Writer on the Edge*. Londres: Verso, 1993; [tradução ao espanhol: *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1993]; [versão ao português: *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, 2008].
  - \_\_\_ . *Escenas de la vida posmoderna*: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina. Buenos Aires: Ariel, 1994.
  - \_\_\_ . *Instantáneas*: medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo. Buenos Aires: Ariel, 1996.
  - \_\_\_ . *La maquina cultural*: maestras, traductores y vanguardistas. Buenos Aires: Planeta Argentina, 1998.
  - \_\_\_ . *Tiempo presente*: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.
  - \_\_\_ . *La pasión y la excepción*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; [tradução ao português: *A paixão e a exceção*: Borges, Eva Peron, Montoneros. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras: Editora da UFMG, 2005].
  - \_\_\_ . *Tiempo pasado*: cultura de la memoria y primera persona. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
  - \_\_\_ . "Conflitos e representações culturais". *Novos Estudos*. São Paulo, n.75, 2006.
  - \_\_\_ . *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
  - \_\_\_ . *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, [2011] 2013.
  - \_\_\_ . *Ficciones argentinas*: 33 ensayos. Buenos Aires: Mardulce, 2012.
  - \_\_\_ . *Plan de operaciones*. Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.
- Sarlo, Beatriz; Altamirano, Carlos. *Literatura y sociedad*. Buenos Aires: CEAL, 1977.
- \_\_\_ . *Conceptos de sociología literaria*. Buenos Aires: CEAL, 1980.
  - \_\_\_ . *Literatura / Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983.
  - \_\_\_ . *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Siglo XXI, [1983] 2016.
  - \_\_\_ . "A Lição do mestre". In: Fonseca, Maria Augusta; Schwarz, Roberto. *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- Sassen, Saskia. "Spatialities and temporalities of the global: elements for a theorization". *Public Culture*. v.12, n.1, 2000.
- Sato, Alberto. *Introducción al debate sobre la modernidad latinoamericana*. Caracas:

- Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 1984.
- Schorske, Carl. *Fin-de-siecle Vienna: politics and culture*. New York: Alfred Knopf, 1980.
- Schwartz, Jorge. “Abaixo Tordesilhas!”. *Estudos avançados*, v. 7, n. 17, 1993.
- Schwarz, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. São Paulo: Paz e Terra, [1965] 1981.
- \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades / 34, [1977] 2012.
- \_\_\_\_\_. *A lata de lixo da história: chanchada política*. São Paulo: Companhia das Letras, [1977] 2014.
- \_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, [1978] 2008.
- \_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, [1987] 2012.
- \_\_\_\_\_. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades / 34, [1990] 2012.
- \_\_\_\_\_. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Um avanço literário”. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 15, n. 3, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Martinha versus Lucrécia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Schwarz, Roberto; Sader, Emir; Morais, João Quartim de; Giannotti, José Arthur. *Nós que amávamos tanto “O capital”*: leituras de Marx no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2017.
- Schwarz, Roberto; Sarlo, Beatriz. “Literatura e valor”. In: Andrade, Ana Luiza; Camargo, Maria Lucia de Barros; Antelo, Raúl. (orgs). *Leituras do Ciclo*. Florianópolis: Abralic; Chapecó: Grifos, 1999.
- Sigal, Sílvia. *Intelectuales y poder en la Argentina: la década del sesenta*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2002.
- Silva, Josué Pereira da. “O que é crítico na sociologia crítica?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 32, n. 93, 2017.
- Sosnowski, Saúl. “La nueva novela hispanoamericana: ruptura y tradición”. In: Pizarro, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, v.3, 1995.
- Souza Santos, Boaventura de. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes”. In: Souza Santos, Boaventura de; Menezes, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- Tavolaro, Sergio; Tavolaro, Lília. “A cidadania sob o signo do desvio: para uma crítica da ‘tese de excepcionalidade brasileira’”. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.25, 2010.
- Teneja, Nelson Osorio. “Prólogo: Antonio Cornejo Polar y la nueva crítica literaria latinoamericana”. In: Antonio Cornejo Polar. *Sobre literatura y crítica latinoamericanas*. Lima: Centro de Estudios Literarios “Antonio Cornejo Polar” / Latinoamericana Editores, 2013.

Terán, Oscar. *Nuestros años sesenta*. La formación de la nueva izquierda intelectual en la Argentina, 1956-1966. Buenos Aires: Puntosur 1991.

—. *Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.

Viñas, David. *Literatura argentina y realidad política*. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1964.

Waizbort, Leopoldo. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Williams, Raymond. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1969.

—. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Wood, Michael. "Master among the ruins". *The New York Review of Books*, 18, 2002.